U.PORTO

MESTRADO
ARQUITETURA

Simbiose Arquitetónica: Proposta de ampliação para a Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto de Álvaro Siza

Beatriz Alves da Silva

M
2019

U.PORTO

Beatriz Alves da Silva. Simbiose Arquitetónica: Proposta de ampliação para a Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto de Álvaro Siza

M.FAUP **2019**

Simbiose Arquitetónica: Proposta de ampliação para a Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto

Beatriz Alves da Silva

FACULDADE DE ARQUITETURA

SIMBIOSE ARQUITETÓNICA

Proposta de ampliação para a Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto de Álvaro Siza

Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura
Realizada por Beatriz Alves da Silva
Sob orientação do Professor Doutor Luís Urbano
Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto
Porto, Setembro de 2019

A presente dissertação foi escrita ao abrigo do novo acordo ortográfico.

Todas as citações presentes no corpo do texto foram escritas em Português, com tradução livre do autor quando necessário.

Algumas imagens apresentadas foram tratadas, dimensionadas ou cortadas pelo autor, sendo feita referência no índice de imagens.

À mãe Graça, ao pai Tiago, à irmã Luísa e à irmã Marta. Obrigada por todo o apoio que sempre me deram, obrigada por nunca deixarem de acreditar em mim, obrigada por tudo.

À minha família, avó Quininha, avó Delfina, Rafael, Joel e tio Francisco.

Ao Zion e ao Pepe, por sempre me acompanharem nas horas de maior trabalho pela noite dentro.

Ao Diogo, pela motivação e companheirismo.

Às minhas amigas, irmãs do coração sempre presentes.

Aos meus amigos, com quem eu sei que posso contar.

Ao Prof. Doutor Luís Urbano, pela orientação, dedicação e pelos conhecimentos transmitidos que ajudaram na concretização da presente prova e na minha formação.

Obrigada.

PALAVRAS-CHAVE

Álvaro Siza. FAUP. Problema. Sobrelotação. Projeto.

RESUMO

A presente dissertação, apresentada sob o título *Simbiose Arquitetónica: Proposta de ampliação para a Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto de Álvaro Siza*, é concebida numa vertente teórico-prática. Como o nome indica, o objetivo deste trabalho é o de criar um projeto que possa ser integrado no conjunto edificado da Faculdade de Arquitetura, sem entrar em conflito com a preexistência, mas respondendo às fragilidades atuais que se vivem na faculdade. Para tal, é realizada uma pesquisa inicial de contextualização: uma viagem retrospetiva da história da cidade do Porto, a génese e crescimento da Universidade do Porto e a vida e obra do arquiteto Siza. Estes tópicos constituem bases fulcrais que necessitam de ser estudadas para que se possa compreender toda a conjuntura da faculdade em questão e para que se possa oferecer uma resposta mais fundamentada ao programa proposto. A identificação do problema foi aquilo que impulsionou e dirigiu o rumo desta investigação, problema que se relaciona com a incapacidade das vigentes instalações da FAUP responderem ao cada vez maior número de estudantes inscritos e que frequentam os cursos aí disponíveis. Esta fragilidade é comprovada através da experiência própria da autora como aluna da faculdade, bem como pelos dados obtidos a partir dos resultados de um inquérito efetuado à comunidade estudantil referente ao ano letivo 2018/2019.

A parte I deste ensaio é composta pelos tópicos acima descritos, sendo essenciais para a compreensão da vertente contextual da faculdade, e engloba a componente teórica.

Na parte II encontra-se o capítulo que abrange a componente prática da dissertação. Esta parte é composta por uma análise da questão identificada, seguindo-se da exposição dos dados do inquérito e terminando com a apresentação de uma proposta de projeto, a qual poderá integrar em si própria uma solução bastante pertinente para diminuir, ou mesmo extinguir, o impacto do problema.

O desafio será então perceber de que maneira se pode intervir numa obra de um autor como Álvaro Siza sem que esta intervenção afete o seu projeto conseguindo-se, assim, encontrar uma perfeita simbiose e equilíbrio entre as duas obras.

KEYWORDS

Álvaro Siza. FAUP. Problem. Overcrouding. Project.

ABSTRACT

The present dissertation, which is entitled *Architectural Symbiosis: Proposal for the expansion of the Architecture Faculty of Porto University by Álvaro Siza*, is carried out in a theoretical-practical way. As the name suggests, the purpose of this work is to create a project that can become fully integrated into the building complex of the Architecture Faculty without turning incompatible with the pre-existent building, a work that adapts itself to the existent reality and tackles the current weaknesses in the faculty. In view of this aim an initial research to contextualize important elements is accomplished: a retrospective journey to the city of Porto history, the genesis and growth of Porto University and the life and work of architect Siza. These topics are considered major subjects that need to be studied in order to understand the whole conjuncture of the faculty and at the same time to offer a more substantiated answer to the proposed program. Identifying the problem was what prompted and steered the direction of this investigation, problem which is concerned with the inability of the existing facilities in FAUP to respond to the increasing number of students enrolled and who attend the courses available there. This weakness is evidenced by the own experience of the author as a student in this faculty, as well as by the data obtained from the results of a survey made to the students' community in the 2018/2019 school year.

Part I of this dissertation deals with the topics described above seen as being essential for contextualizing the faculty, thus encompassing the theoretical component.

The chapters that cover the practical component of this dissertation can be found in part II. This part consists of an analysis of the identified problem, followed by the presentation of the survey data. It is concluded with the presentation of a project proposal which in itself may incorporate a very pertinent solution to diminish or even extinguish the impact of the problem.

The challenge will then be to consider how one can intervene in a project by an author such as Álvaro Siza without affecting it with one's intervention, finally achieving a perfect symbiosis and balance between the two pieces of work.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO

1. Sobre a Investigação 12
2. Estrutura 14

PARTE I

1. O Porto 19
   1.1. O lugar 27
2. A Universidade 29
3. A Faculdade de Arquitetura 35
   3.1. Palacete Braguinha 35
   3.2. Quinta do Gólgota 37
   3.3. Pavilhão Carlos Ramos 39
   3.4. Edifício novo da Faculdade de Arquitetura 45
4. O Arquiteto 55

PARTE II

1. O Problema 69
   1.2. Inquérito 74
2. A Proposta 81
   2.1. Conceito 81
   2.2. Condicionantes de desenho 85
   2.3. Implantação 89
   2.4. Piso 0 91
   2.5. Piso 1 e Piso -1 95
   2.6. Piso -2 97
   2.7. Sistema construtivo 101

CONSIDERAÇÕES FINAIS 108

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 114

REFERÊNCIAS DE IMAGENS 120

ANEXOS

I. Documentos

II. Levantamento Fotográfico

III. Desenhos do Projeto

INTRODUÇÃO

1. SOBRE A INVESTIGAÇÃO

A seleção do tema da presente dissertação surge com base numa observação crítica do contexto atual de trabalho dos alunos e docentes que frequentam as instalações da Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto. É a partir desta reflexão que se consegue identificar um problema, o problema que se irá tentar resolver neste ensaio – a falta de espaço. Isto resulta de um cada vez maior número de alunos inscritos e consequente aumento do número de turmas. As vigentes instalações da Faculdade foram projetadas para quinhentos alunos, todavia atualmente o número de alunos ultrapassa os mil inscritos.

Esta dissertação foca-se, em primeiro lugar, em procurar compreender os vários momentos de expansão da cidade do Porto de uma forma sucinta para que se entenda como a faculdade se insere na sua passagem do tempo e como o desenho de uma e outra se influenciam reciprocamente. Estuda-se igualmente o arquiteto Álvaro Siza, autor da obra construída, para se poder conhecer a sua história, bem como a história por detrás dos seus projetos. Para além destas abordagens contextuais, que representam a vertente histórica necessária de um projeto e que são, ou deveriam ser, indispensáveis para a materialização de uma obra de arquitetura, entendeu-se realizar um questionário online à comunidade estudantil. Isto permite que seja feita uma recolha de testemunhos pessoais de forma a posteriormente se analisarem os seus quesitos e solicitações, pois serão estes os principais usuários do projeto.

No limiar da investigação sentiu-se a necessidade de se colocarem alguns pontos em questão:

- De que forma é que a evolução fragmentada da cidade do Porto e a sua envolvente influenciaram a escolha de projeto de Álvaro Siza para o Pavilhão Carlos Ramos e para o edifício novo da Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto?

- Quais as características específicas desta faculdade e de que forma poderá ser realizada uma proposta de projeto que as leve em consideração, gerando uma solução equilibrada?
- Existirá a possibilidade de se criarem novas salas complementares ou até mesmo um novo auditório no terreno pertencente à faculdade?

A análise destas respostas permite determinar a forma como se irá desenvolver o projeto de arquitetura exposto, de maneira a que se reconheçam e ultrapassem as dificuldades em intervir num espaço com um preexistente projeto de autor. Por outro lado, a importância deste tema também se manifesta em tentar criar uma oportunidade de debate ou até mesmo considerar uma possível solução para o problema, a qual seja aceite e desenvolvida pela Faculdade.

O que se propõe é a criação de um edifício que se organize maioritariamente em áreas direcionadas para o usufruto dos alunos, tais como zonas para estudo e desenvolvimento de trabalho não acompanhado e outros espaços flexíveis e de convívio, dos quais a Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto poderá amplamente beneficiar. Criar-se-á uma proposta harmoniosa e que respeite totalmente a preexistência. Para tal, elege-se uma parcela do terreno da faculdade que se encontra praticamente desaproveitada, frente à casa cor de rosa da Quinta do Gólgota, também conhecida por Quinta da Póvoa, balizada a sul pela Via Panorâmica.

Com este projeto pretende-se facilitar a organização e distribuição dos espaços já existentes, através das áreas e programas que se oferecem o que, consequentemente, se traduz numa significativa melhoria da experiência académica dos estudantes e docentes da Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto.

2. ESTRUTURA

A metodologia do trabalho tem como ponto de partida estudar e analisar a história da Faculdade de modo a se percecionar como esta se foi modificando até aos dias de hoje e qual o seu grau de adaptação face ao panorama atual. Assim sendo, será identificado e analisado o problema da falta de espaço. Tem-se como método a conceção de uma possível solução, que se expressa através de um projeto.

Faz-se uso de uma estrutura mista, combinando teoria e prática. Estas complementam-se de modo a criar um trabalho coeso e fundamentado. A parte I da dissertação debruça-se no entendimento da componente teórica. Nesta secção pretende-se estudar o contexto da obra em que se irá intervir – Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, o autor – Álvaro Siza – e as suas intervenções na mesma. Por sua vez, a Parte II da dissertação corresponde à componente prática. É aí que se analisam as fragilidades do projeto construído face aos dias de hoje e que se oferece uma possível solução. Esta componente prática irá tirar partido da teórica devido aos ensinamentos que advêm do entendimento da história e contextualização do lugar, bem como do exemplo de atuação do arquiteto Siza.

Inicia-se a primeira parte com uma breve mas concisa exposição (em jeito de introdução), da história da cidade do Porto, com o intuito de se vivenciar a sua ocupação e expansão ao longo do tempo. Em seguida, há uma aproximação ao local de implantação da atual Faculdade de Arquitetura compreendendo o que terá sido a Quinta do Gólgota. Posteriormente conhece-se a história da Universidade do Porto, as suas origens e o seu crescimento nesta cidade. Neste seguimento explana-se a história da Faculdade de Arquitetura desde a sua génese até ao presente. Finaliza-se a parte I apresentando dados biográficos relevantes do arquiteto que concebeu o vigente edifício da Faculdade.

A segunda parte reparte-se em dois capítulos. O primeiro investiga e analisa o problema atual, que se expõe, apoiando-se num subsequente inquérito dirigido à comunidade estudantil. Utilizando os dados obtidos e tratados desse inquérito, traça-se um objetivo e cria-se um plano de atuação. O segundo é aquele onde se aplicam os ensinamentos dos capítulos anteriores e onde se põe em prática a tentativa de solucionar o problema descrito através de um projeto que surge como resultado do processo de investigação e que é desenvolvido para ser implementado num terreno baldio pertencente à faculdade. É através de plantas, cortes, alçados e modelos 3D que se apresenta a proposta, juntamente com uma análise crítica da mesma.

PARTE I



[1] Morro da Sé, centro histórico



[2] Muralhas e portas da cidade do Porto

1. O PORTO

Esta cidade costeira, que se situa entre a margem norte do rio Douro e se estende até à sua foz no oceano Atlântico, remete-nos a uma génese muito antiga. "A existência de vestígios pré-históricos atribuíveis ao Homem paleolítico foi há muito assinalada na área da cidade e da região do Porto"[1]. Poderemos dizer que o Homem habitou ininterruptamente esta área geográfica de Portugal até aos dias de hoje.

Viaja-se pelo Porto desde os primórdios do "Morro da Pena Ventosa" aos dias de Álvaro Siza e respiram-se séculos de crescimento, de atrofia entre muralhas, de expansão da malha urbana, de crescimento da população e consequente necessidade de a albergar.

Observa-se o Porto da cerca velha à cerca nova, do domínio burguês à abertura da cidade à Nobreza (1509)[2], das cinco portas da cidade ao Foral Novo de D. Manuel I (1517) que origina o rasgar de novas artérias, como a Rua das Flores.

Abre-se o Porto da muralha Fernandina aos "arrabaldes"[3] (1527) e assiste-se à divisão do labiríntico Porto medieval em redor da paróquia da Sé em quatro: Sé, São Nicolau, Nossa Senhora da Vitória e São João Baptista de Belmonte (extinta pouco tempo depois).

Visualiza-se o Porto da arquitetura militar à arquitetura religiosa dos séculos XV e XVI – Convento de Santa Clara, Convento dos Lóios, Conventos femininos de São Bento da Avé-Maria e de Monchique (extramuros), Hospital de D. Lopo, Convento de São João Novo e Mosteiro de São Bento da Vitória.

Passa-se ao Porto de Nazoni e das grandes construções de arquitetura Barroca – o Porto Barroco que agora ostenta a Igreja e Torre dos Clérigos, o reconstruído Paço Episcopal, a intervenção da Sé Catedral, a fachada da Igreja da Misericórdia do Porto, a Casa do Despacho da Ordem Terceira de São Francisco, as Igrejas dos Terceiros do Carmo, de Santo Ildefonso e da Ordem do Terço, o Palácio do Freixo e o de São João Novo, a Casa de Ramalde e a Casa da Rua de D. Hugo, nº17, atual casa-museu Guerra Junqueiro.

Percorre-se o Porto de João de Almada e Melo (1763, início da atividade da Junta de Obras Públicas, composta por elementos da Câmara do Porto, de engenheiros militares e

1 RAMOS, Luís A. de Oliveira. (1994). História do Porto. (2ª Edição). Porto: Porto Editora. P. 56.

2 Decreto de D. Manuel que pela 1ª vez permite que os Nobres construam casa no Porto.

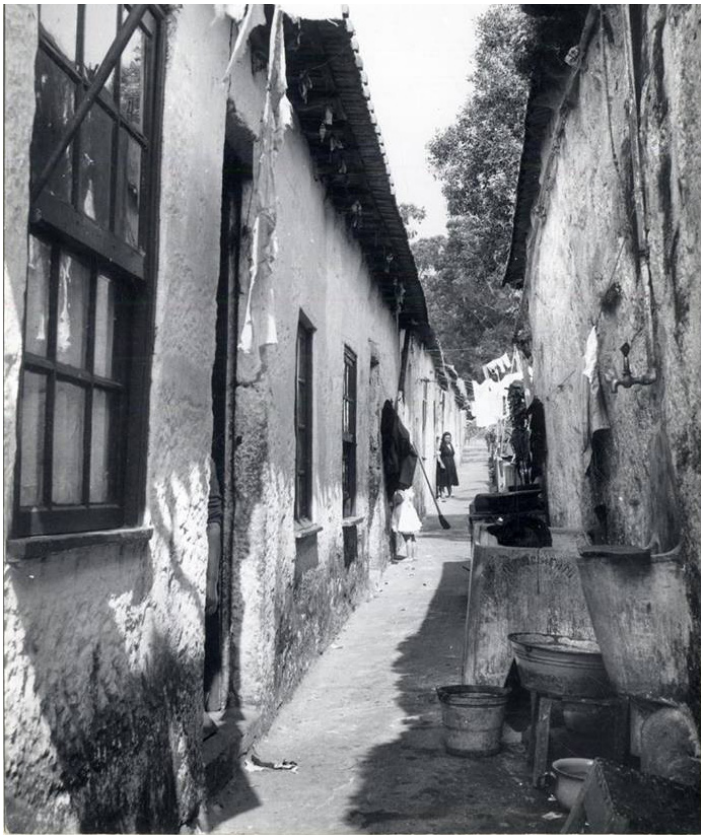
3 RAMOS, Luís A. de Oliveira. (1994). *História do Porto*. (2ª Edição). Porto: Porto Editora. P. 256.



[3] Zona da Ribeira em 1865



[4] Ilha do Porto



[5] Ilha do Porto na Travessa das Antas em 1960

arquitetos a dirigir as obras) e da expansão da cidade para fora da Cerca Nova (Fernandina) com o seu Plano Urbanístico, ordenando o crescimento e em simultâneo renovando a cidade antiga, oferecendo-lhe novas vias de acesso e renovando outras, regularizando-as e tornando-as mais amplas e modernas, criando um novo eixo da Cidade desde a Praça da Ribeira até ao Campo de Santo Ovídio (atual Praça da República)[4].

Gira-se pelo Porto da arquitetura neoclássica de influência inglesa[5], desde a segunda metade do século XVIII até ao séc. XIX, com significativas construções como o Palácio da Bolsa, a Casa da Feitoria Inglesa, o edifício da Cadeia e Tribunal da Relação, o edifício da Alfândega Nova, o Hospital de Santo António, o edifício da atual Reitoria da Universidade do Porto – anteriormente a Academia da Marinha e Comércio e Academia Politécnica -, as igrejas dos Terceiros de São Francisco, Lapa, Trindade e Nossa Senhora da Vitória, os edifícios do lado poente da Praça da Ribeira e os arcos abertos no muro da Ribeira.

Entra-se no Porto dos mercadores - o Porto do rio e da Praça da Ribeira, dos grandes barcos e navios que aí lançam âncora, do vinho do Porto, dum frenético e intenso tráfego comercial onde os ingleses dominam.

Vai-se até ao Porto do despertar industrial, impulsionado pelo crescimento demográfico do seu núcleo urbano, que atrai populações das zonas rurais circundantes, formando "colmeias" ou povoando "ilhas", sem condicões de salubridade e de higiene pública e privada. Estas fornecem mão de obra barata e indigente para essas primitivas indústrias, precursoras do Porto industrial dos séculos seguintes.

Enfrenta-se o Porto das Invasões Francesas, imaginando-se os gritos do desastre da Ponte das Barcas, até se mergulhar no Porto da Revolução Liberal e da nova era progressista.

Passa-se do Porto com uma intensa expansão urbana a um Porto com novas necessidades de acessibilidade, exigindo uma autêntica revolução nas suas vias de circulação e travessia do rio Douro – ponte das Barcas (1806), ponte Pênsil ou ponte D. Maria II (1843), ponte Maria Pia

4 RAMOS, Luís A. de Oliveira. (1994). *História do Porto*. (2ª Edição). Porto: Porto Editora. P. 379, 380.

5 Ibidem. P. 381. "A gramática arquitectónica é nova, sendo, em grande medida, o resultado da influência inglesa – em especial através do cônsul John Whitehead –, que impõe o gosto neopalaciano, que irá perdurar no Porto até bem dentro do século XIX."



[6] Ponte Pênsil e ponte Luís I



[7] Avenida dos Aliados

(1877) e ponte Luís I (1886).

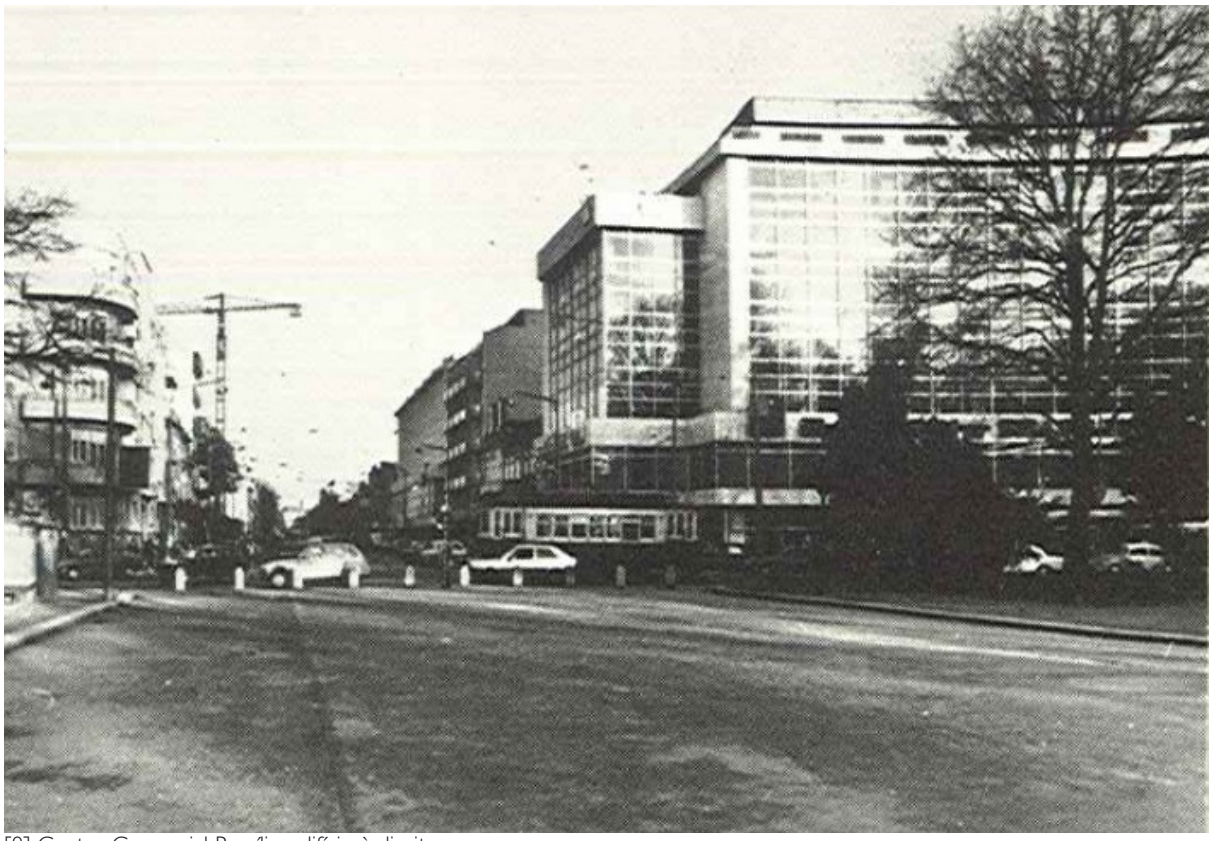
Ascende-se do Porto da Ribeira (Rio Douro) ao Porto da "Baixa", da Praça Nova, assistindo-se assim à abertura de novas vias de circulação e a uma substancial alteração da malha urbana existente, bem como a uma melhor fluidez de circulação de pessoas e mercadorias. É este o Porto do Palácio da Bolsa que nos leva até ao Mercado Ferreira Borges e ao momento da arquitetura do ferro de que foi exemplo paradigmático o demolido Palácio de Cristal (1865).

Ruma-se do Porto amuralhado ao Porto da Circunvalação (1895, ano do início da sua abertura) com as suas novas freguesias: Aldoar, Nevogilde e Ramalde.

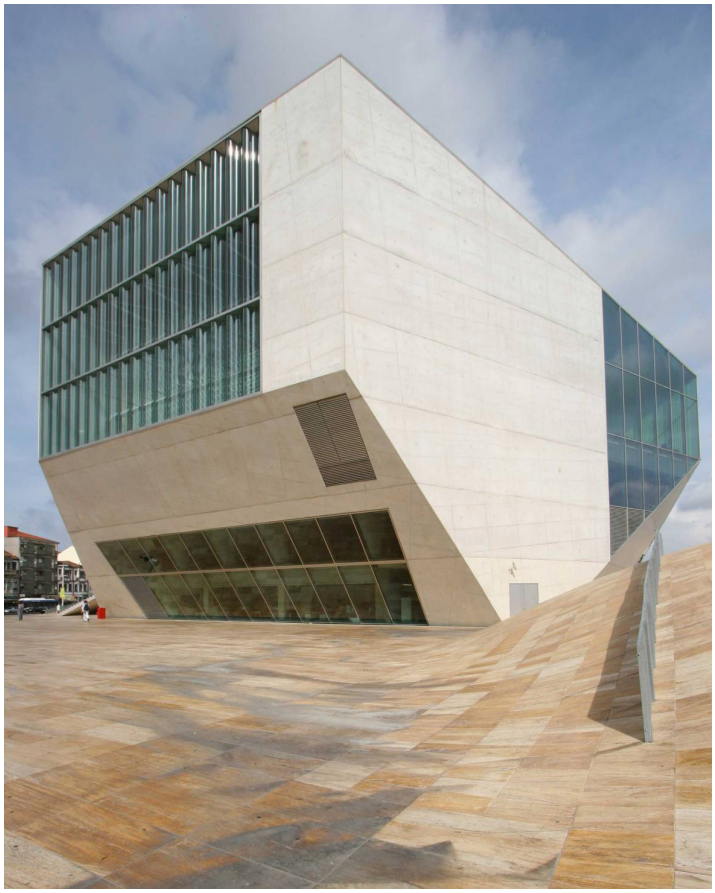
Olha-se, agora, para um Porto que fica assim confinado a um território de 42 km2 de extensão e ao qual hoje mais espaço não se lhe oferece para novos sonhos de expansão da sua malha urbana e, chega-se então ao Porto do dealbar do século XX, com um acentuado crescimento demográfico, necessidades de novas respostas na área da habitação e crescentes preocupações refletidas em variadas propostas de planos urbanísticos, como o "Plano Regulador de Antão de Almeida Garrett" (1952), o "Plano Diretor de Robert Auzelle" (1962) e o "Plano Diretor Municipal" de1993.

Conduz-se pelo Porto das Avenidas (Boavista - concluída em 1915, Aliados - aberta em 1916) e admiram-se as edificações de estilo francês com as suas fachadas caraterísticas materializadas nos edifícios dos Aliados, no Teatro de S. João, na Estação de S. Bento, no quarteirão das Carmelitas, sendo o arquiteto Marques da Silva, com formação pela escola de Paris, uma importante referência.

Sobe-se do Porto do granito ao Porto do betão armado, aos prédios em altura dos anos setenta e oitenta do século passado e atravessa-se pelas grandes infraestruturas de circulação: a ponte da Arrábida inaugurada em 1963, a ponte ferroviária de S. João em 1991, a ponte do Freixo em 1995, a ponte do Infante em 2003, a Via de Cintura Interna de 1963 a 2007 e o Metro do Porto em 2002.



[8] Centro Comercial Brasília, edifício à direita



[9] Casa da Música



[10] Rotunda da Boavista em 1964

Recorda-se o Porto do crescente papel do setor terciário e dos primeiros centros comerciais - Centro Comercial Brasília[6] na Rotunda da Boavista, o qual se transforma num novo núcleo da atividade financeira e empresarial da cidade.

Participa-se no Porto Capital Europeia da Cultura (2001) - da casa da Música, dos Museus renovados, das fachadas lavadas e restauradas, dos espaços públicos (Jardim da Cordoaria, Praças de D. João I e da Batalha).

Chega-se, por fim, ao Porto que beneficia do Terminal de Cruzeiros e das companhias "low-cost" que enchem as ruas da baixa de turistas e exigem à cidade respostas imediatas de renovação urbana, descobrindo-se um Porto ainda por concluir, um Porto que se faz em cada geração e por engenho e arte sempre se fará contemporâneo no porvir.

Percorremos uma cidade de muitas e distintas gerações, um Porto secular, até ao Porto de Álvaro Siza.

É deste Porto que falamos, é deste Porto que, conhecedores da sua história e dos seus "fragmentos", poderemos perceber as respetivas evoluções urbanas. O arquiteto Álvaro Siza não desenhou apenas uma faculdade, mas também um pedaço de cidade[7].

6 A primeira escada rolante da cidade do Porto é instalada no Centro Comercial Brasília, localizado na rotunda da Boavista, nos anos setenta do século XX.

7 DIAS, Adalberto em TRIGUEIROS, Luiz (1995). *Álvaro Siza: 1986-1995*. Lisboa: Blau. P. 59.



[11] Ponte da Arrábida em construção e Quinta do Gólgota à direita



[12] Ponte da Arrábida em construção vista de onde se viria a inserir a Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto

1.1. O LUGAR

Na zona sudoeste desta cidade, atual União das Freguesias de Lordelo do Ouro e Massarelos, e cercada por um muro de granito, fechava-se a casa cor de rosa "no seu elegante jardim privado, marginalizando as terras em socalcos, ao tempo abandonadas, do que foram antes as leiras produtivas destes campos alegres e arejados."[8] Assim era o cenário original do local onde posteriormente viria a ser implantada a Faculdade de Arquitetura, uma zona ainda rural e pouco explorada e, desta forma, com uma malha urbana inexistente.

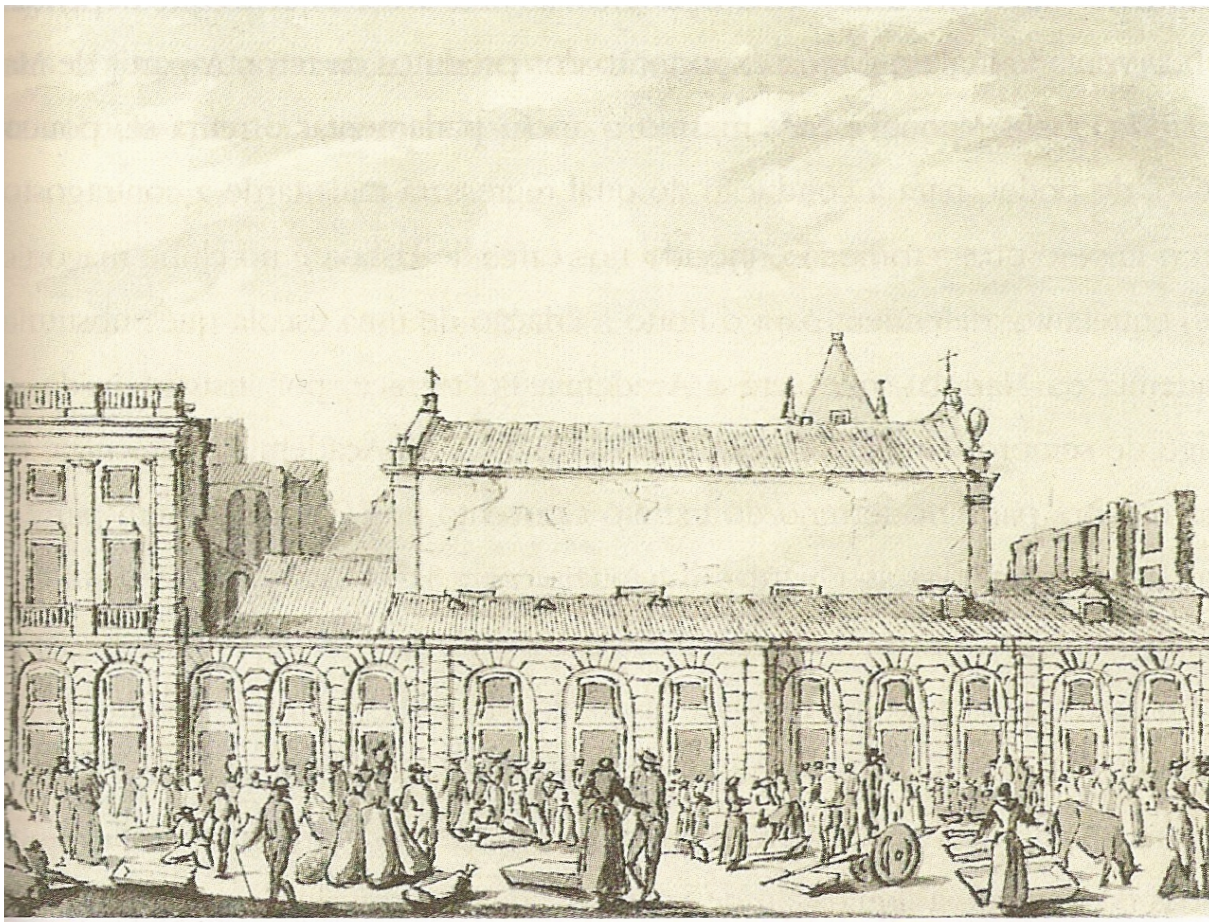
Como pudemos perceber, o Porto é uma narrativa em constante metamorfose. Ao longo dos séculos vivenciou diversas alterações na sua estrutura e forma. Apesar de não existir informação relevante até ao século XVIII sobre a área específica do Campo Alegre, sabemos que esta se estendia entre duas zonas importantes, Miragaia e Foz. Pouco tempo decorreu até se deitar a mão a estas terras com vista de "ouro".

Primeiramente, e segundo a referência acima apresentada, esta região seria então composta por "socalcos de leiras produtivas". Associamos assim esta área a uma zona rural, onde uma família viveria no seu palacete e a partir do qual geriria as suas possessões agrícolas.

Assim foi o passado da Quinta do Gólgota[9], local que durante o Porto Barroco seria extramuros e poderia servir para a punição dos transgressores da lei, pois era comum tais ocorrências acontecerem nos arredores e fora das cidades.

8 TAVARES, Domingos em SIZA VIEIRIA, Álvaro, et al. (2003). *Edifício da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto: Percursos do Projecto*. Porto: FAUP publicações. P. 37.

9 Gólgota, s. m. (fig.) lugar de suplício; sofrimento atroz; martírio. (Lat. Golgotha, do hebr.).



[13] Antiga Academia Real do Comércio e Marinha, vista da Praça dos Voluntários da Rainha atual Praça Gomes Teixeira



[14] Edifício da Reitoria da Universidade do Porto

2. A UNIVERSIDADE

No dia 30 de julho de 1762 é criada a Aula Náutica pelo alvará de D. José I e, no dia 27 de novembro de 1779 a Aula de Debuxo e Desenho por decreto da sua filha a rainha D. Maria I. Em 9 de fevereiro de 1803 estas duas aulas são inseridas na Academia Real da Marinha e Comércio da Cidade do Porto. A fundação desta Academia assentou na necessidade de qualificar pessoal para as áreas: naval, comercial, industrial e artística, formando os futuros quadros técnicos portuenses.

Em 13 de janeiro de 1837, já no reinado de D. Maria II, a referida Academia é extinta devido a uma reforma de ensino[10] e em sua substituição é criada a Academia Politécnica do Porto, a qual herda tanto os professores, como o edifício - atual edifício da Reitoria da Universidade do Porto - e o ensino da sua antecessora, a Academia Real da Marinha e Comércio da Cidade do Porto.

De igual modo, a aula de Debuxo e Desenho inserida na referida Academia Real de Marinha e Comércio origina, em 1836, a Academia Portuense de Belas-Artes, posterior Escola Portuense de Belas-Artes (1881).

Anteriormente, a 25 de junho de 1825, através do alvará do rei D. João VI, surgira a primeira escola cirúrgica do Porto, denominada por Real Escola de Cirurgia. Pelo decreto de 29 de dezembro de 1836 (reinado de D. Maria II) - referente à reforma educativa supracitada passa a designar-se Escola Médico-Cirúrgica do Porto. Esta escola une, pela primeira vez, o ensino médico ao ensino cirúrgico que até então eram autónomos. A mesma funcionava no Hospital de Santo António e foi precursora das Faculdades de Medicina, Farmácia e Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar.

Poderemos referir que é nestas instituições (Ciências e Medicina) que surge a estrutura para a futura Universidade do Porto - que "não é fundada de raiz, mas sobre as instituições que a antecederam"[11].

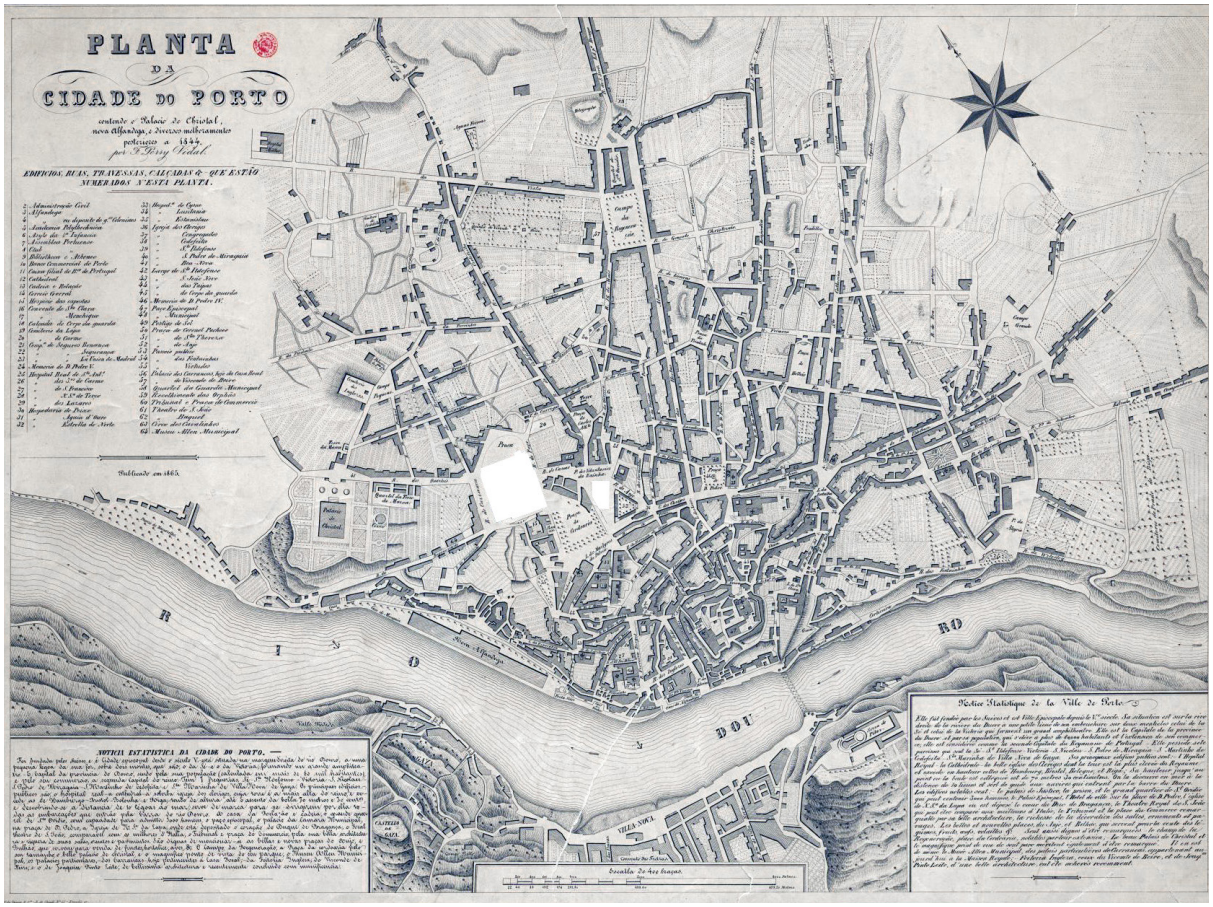
É com a implantação da República, no dia 5 de outubro de 1910, que começam a erguer-se importantes modificações ao nível do ensino e no dia 22 de março de 1911 - através do decreto

10 Com a Revolução de Setembro (9 setembro 1936), que defendia o regresso à Constituição de 1822, Manuel da Silva Passos, mais conhecido por Passos Manuel, ocupa a pasta do Reino. Prepara-se um novo Plano Geral de Estudos – Lei da Reforma Literária.

11 SANTOS, Cândido (2011). *História da Universidade do Porto.* Porto: U. Porto Editorial. P. 112.



[15] Hospital de Santo António em 1884



[16] Planta da cidade do Porto em 1844 por Perry Vidal. As formas a branco representam o local correspondente a cada academia. À esquerda a Escola Médico-Cirúrgica do Porto, atual Hospital Geral de Santo António, e à direita a Academia Politécnica do Porto e a Academia Portuense de Belas-Artes, atual Reitoria da Universidade do Porto.

promulgado pole Governo Provisório da República - é fundada oficialmente a Universidade do Porto[12].

Foi considerado fundador da Universidade o Dr. António José de Almeida "por ser o titular do Ministério do Interior que exercia a tutela sobre as Universidades através da Direção-Geral da Instrução Superior"[13]. Ao longo do século XX assiste-se a várias mudanças nomeadamente a uma crescente autonomização de academias e diversificação de disciplinas. Em 1915 surge a Faculdade Técnica - que em 1926 se passa a denominar Faculdade de Engenharia -, em 1919 cria-se a Faculdade de Letras e em 1921 a Faculdade de Farmácia, tornando-se esta independente da Faculdade de Medicina.

Com o golpe de 28 de maio de 1926 e a instauração do regime ditatorial a Universidade do Porto assiste a um abrandamento no seu crescimento. Pelo decreto de 12 de abril de 1928 a Faculdade de Letras é extinta e apenas no dia 26 de outubro de 1962 é novamente inaugurada. A única faculdade concebida de origem nesse período do Estado Novo é a Faculdade de Economia, em 1953. Paralelamente, no ano de 1950, a Escola Portuense de Belas-Artes passa a denominar-se Escola Superior de Belas-Artes do Porto e ocupa o Palacete Braguinha, na Avenida Rodrigues de Freitas.

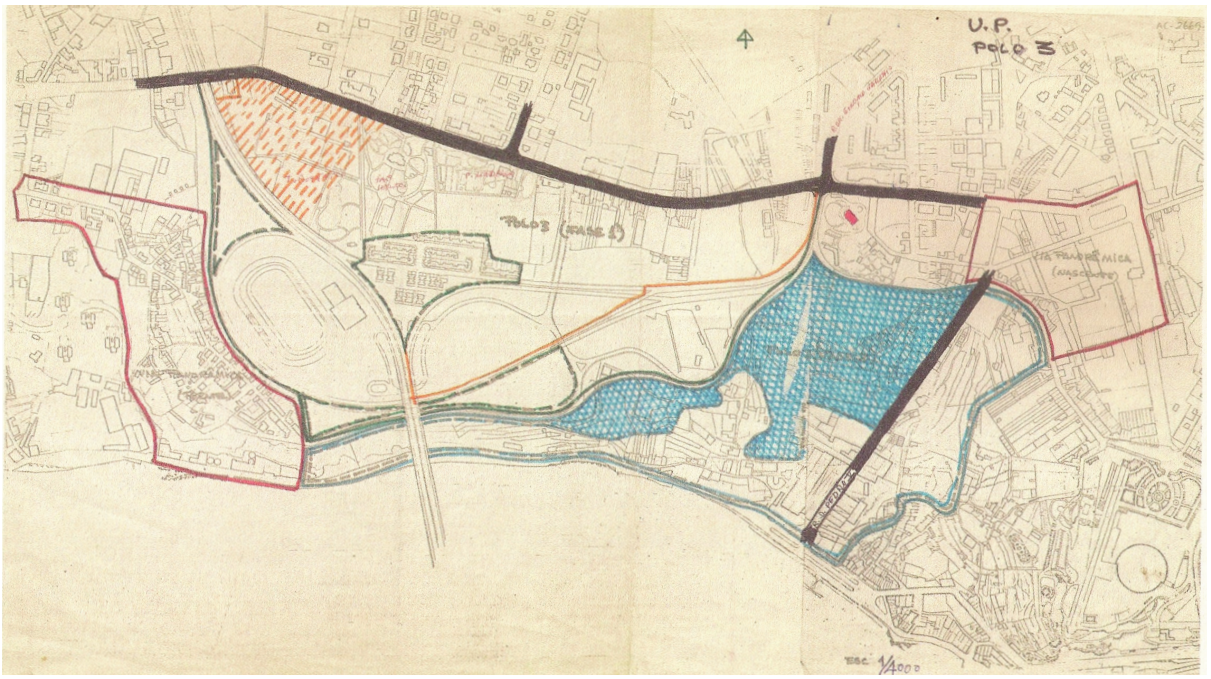
No entanto, independentemente da política e clima repressivo em que se vivia, a década de 70 do séc. XX fica na generalidade marcada pelo desmesurado número de alunos inscritos nas Universidades o que as torna caóticas e insuficientes tanto nas suas instalações como no seu ensino. Foi com a "reforma Veiga Simão" (1970-1973) e com o decreto lei nº 402/73 de 11 de Agosto, que se origina uma larga expansão do ensino superior: "...foi criada a Universidade Nova de Lisboa, a de Aveiro, a do Minho e o Instituto Universitário de Évora, elevado a Universidade pouco tempo depois. E também vários Institutos Politécnicos."[14].

Após a revolução de 25 de Abril de 1974, assiste-se igualmente a um grande crescimento da Universidade do Porto e às faculdades que a formam (Faculdade de Medicina, Faculdade de

12 Ver anexo I. Diario do Governo. "Artigo 1.º No território da República, além da Universidade de Coimbra já existente, são criadas mais duas Universidades – uma com sede em Lisboa e outra no Porto."

13 SANTOS, Cândido (2011). História da Universidade do Porto. Porto: U. Porto Editorial. P. 105.

14 SANTOS, Cândido (2011). *História da Universidade do Porto*. Porto: U. Porto Editorial. P. 135.



[17] Estudo de ocupação e uso do solo do Pólo 3, Junho 1983



[18] Planta da cidade do Porto com os três pólos destacados. Acima encontra-se o Pólo 2 na zona da Asprela, em baixo à direita encontra-se o Pólo 1 ocupando uma zona central na cidade e em baixo à esquerda encontra-se o Pólo 3 na zona do Campo Alegre.

Ciências, Faculdade de Farmácia, Faculdade de Engenharia, Faculdade de Letras e Faculdade de Economia), acrescentam-se outras criadas de raiz e escolas de ensino superior já existentes. No ano de 1975 integra-se o Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar e o Instituto Superior de Educação Física (futura Faculdade de Desporto); em 1976 o Curso Superior de Nutricionismo (que em 1996 constituirá a Faculdade de Ciências da Nutrição e Alimentação - designação adotada, contudo, apenas em 1999); em 1977 o Curso Superior de Psicologia (hoje Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação); em 1979 a Faculdade de Arquitetura (procedente da Escola Superior de Belas-Artes do Porto); em 1989 a Escola Superior de Medicina Dentária (atual Faculdade de Medicina Dentária); em 1992 a Faculdade de Belas-Artes (com a mesma procedência que a de arquitetura) e em 1994 a Faculdade de Direito.

Atualmente, a centenária Universidade do Porto é composta pelas catorze faculdades referidas anteriormente e por uma escola de pós-graduação criada em 1988 – Escola de Gestão do Porto, denominada por Escola de Negócios da Universidade do Porto e mais conhecida por "Porto Business School", desde 2008.

As instalações das diversas faculdades estão localizadas em distintos pontos do Porto, podendo-se identificar 3 pólos: o Pólo 1 é alusivo ao centro da cidade, zona originária da Universidade; o Pólo 2 é referente à zona da Asprela, no extremo Norte do concelho do Porto e onde se situa o Hospital São João; o Pólo 3 engloba a zona do Campo Alegre e é onde se situa a Faculdade de Arquitetura, não muito distante do Pólo 1. Não pertencentes a nenhum pólo específico situam-se espalhadas pela cidade outras faculdades.



[19] Palacete Braguinha, atual Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto



[20] Jardins do palacete

3. A FACULDADE DE ARQUITETURA

Pela breve história descrita anteriormente podemos perceber que a Aula de Debuxo e Desenho, criada por Decreto de D. Maria I a 27 de novembro de 1779, se posiciona na génese da Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto.

Esta aula traria vantagens para a população da cidade. "Aí se aprendia a desenhar máquinas e instrumentos; tirar cartas geográficas e topográficas dos países, plantas das cidades, de embarcações, etc."[15]. Seguiu-se a Academia Portuense de Belas Artes, posterior Escola Portuense de Belas Artes e finalmente Escola Superior de Belas-Artes do Porto.

3.1. PALACETE BRAGUINHA

Em 1979 foi criada a Faculdade de Arquitetura. Esta continuou a ocupar o mesmo edifício que a sua antecessora (Escola Superior de Belas-Artes do Porto) – o Palacete Braguinha.

Este palacete foi mandado edificar por António Ribeiro Fernandes Forbes (1791-1862) – natural de Fafe e emigrante no Brasil – para servir de habitação para si e para a sua família. O local escolhido foi um terreno na antiga Rua de São Lázaro, que hoje se denomina por Avenida Rodrigues de Freitas. Aquando da sua morte as obras ainda não estavam terminadas e foi a sua viúva D. Maria do Carmo Calazans Rodrigues (1816-1901) quem as terminou, entre 1863 e 1873. Depois de esta falecer a casa foi vendida a José Teixeira da Silva Braga, curiosamente também oriundo de Fafe e emigrante no Brasil.

Foi com José Braga Júnior (Vice-cônsul do Brasil no Porto) que o grandioso imóvel adquiriu um novo jardim, da autoria do arquiteto paisagista belga, Florent Claes, onde foram inseridas espécies exóticas e um núcleo museológico de História Natural.

Em 1917 o palacete foi adquirido pelo Instituto Superior de Comércio do Porto, após a morte de José Braga Júnior. Em 1928, com a extinção deste instituto, o palacete foi ocupado pela Escola de Belas-Artes do Porto, que abrangia os cursos de Arquitetura, Pintura e Escultura. Foi traçado um plano de remodelação para o edifício em 1934, mas o novo pavilhão destinado à arquitetura apenas foi inaugurado em 1954.

15 SANTOS, Cândido (2011). *História da Universidade do Porto.* Porto: U. Porto Editorial. P. 18.



[21] Portão da Quinta do Gólgota



[22] Casa senhorial da Quinta do Gólgota, hoje denominada por casa cor de rosa

3.2. QUINTA DO GÓLGOTA

Em 1984 a faculdade muda as suas instalações para a antiga mansão da Quinta do Gólgota, local onde permanece até aos dias de hoje. Este local não foi selecionado ao acaso. Quando a faculdade se viu carenciada de instalações próprias, pois esgotara a sua capacidade logística no palacete Braguinha, a Universidade do Porto já se encontrava a traçar o Projeto de Planeamento Geral do Pólo 3. Ao adquirir esta quinta, de nome "Casa do Gólgota", ocupando o número 215 da rua com o mesmo nome, automaticamente incluiria a Faculdade de Arquitetura nesta zona universitária.

A 30 de Novembro de 1984, o edifício foi adquirido pelo Ministério das Obras Públicas por escritura de compra e venda.[16]

Foi ao arquiteto Álvaro Siza – na altura docente da Faculdade de Arquitetura - a quem foi entregue o projeto de recuperação[17] da Quinta e Casa do Gólgota e no dia 18 de dezembro de 1984[18] transferiram-se as aulas para esta propriedade.

16 Ver anexo I. Processo de aquisição de um prédio na Quinta do Gólgota, in Projectos de Obras, pasta 519 – Arquivo Central da Reitoria da U. Porto - https://sigarra.up.pt/up/pt/web_base.gera_pagina?p_pagina=1006598

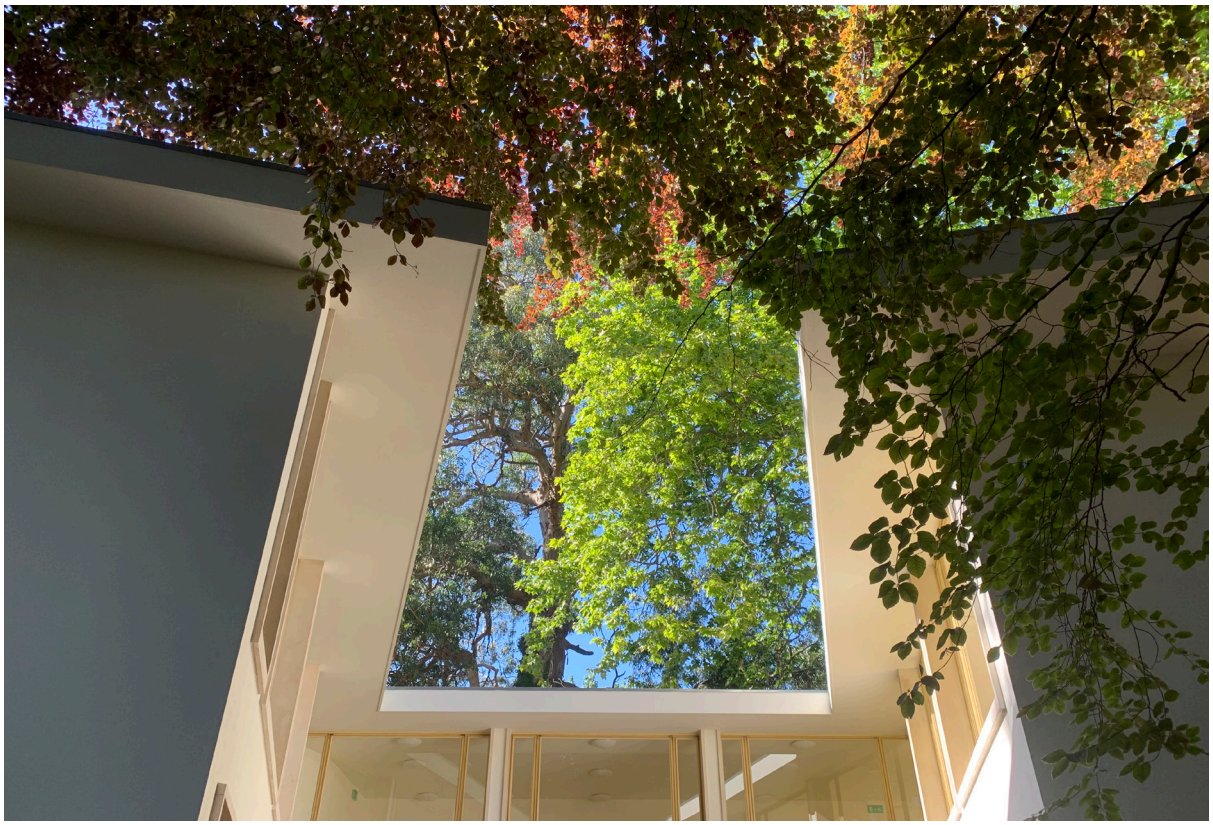
17 "Álvaro Siza foi escolhido, por unanimidade, pelos professores do Curso, para projectar e dirigir as obras." FONSECA, Teresa em SIZA VIEIRA, Álvaro, et al. (2003). *Edifício da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto: Percursos do Projecto*. Porto: FAUP publicações. P. 43.

18 Universidade do Porto (s. d.). U. Porto - Edifícios com História. Casa do Gólgota. Consultado em 8 fevereiro 2019. Disponível em https://sigarra.up.pt/up/pt/web_base.gera_pagina?p_pagina=1006598





[23] e [24] Linha do muro que conecta o pavilhão Carlos Ramos à casa cor de rosa



[25] Relação entre o pavilhão Carlos Ramos e a vegetação envolvente

3.3. PAVILHÃO CARLOS RAMOS

"Era para ser apenas um pequeno edifício, barato, para construir muito depressa, talvez provisório, talvez prefabricado, para resolver de urgência o problema de falta de espaço e de condições de trabalho na recém-formada Faculdade de Arquitetura, enquanto não se construía o novo edifício, ainda nem sequer em projeto.

Deveria ser um edifício para aulas mas, por outro lado, poderia vir a ser, no futuro, reutilizado como atelier de projeto, centro de estudos, instalação das organizações estudantis, enfim, qualquer coisa de necessário e útil mas não específico.

Era um projeto quase sem programa, quase sem orçamento, quase sem futuro; em outras mãos, seria um típico caso de projeto quase sem interesse.

Não nas dele."[19] (António Madureira, 2006, p.30)

Nesta quinta (Quinta do Gólgota), a casa senhorial e as cavalariças anexas já estavam aptas para albergarem as salas de aula. Este pavilhão, projetado por Álvaro Siza, foi inserido no extremo norte do jardim, em oposição ao que se teria inicialmente pensado. Criando um afastamento com as construções primitivas, e inserindo-se por entre árvores de grande porte e diferentes tipos de vegetação, este edifício torna-se na charneira entre o novo conjunto, que viria a ser edificado, e a casa cor de rosa à cota mais alta.

O resultado da sua implantação surge da vontade de ocupar um espaço pouco apelativo – devido à existência de uma via rápida justaposta ao terreno – sem retirar protagonismo à casa preexistente e valorizando a massa arbórea centenária, o jardim e caminhos aí presentes. Tais particularidades tornam-no pouco visível e camuflado como se sempre tivesse pertencido à natureza aí presente.

Mesmo permanecendo afastado e independente, continua a haver uma relação de continuidade entre o novo edifício e o já existente. Foi desenhada por Siza uma linha no solo que conecta subtilmente este pavilhão à casa senhorial, com a delicadeza de como quem a desenha

19 QUINTÃO, José (2008). *O Pavilhão Carlos Ramos: Colectânea de textos de professores e estudantes*. Porto: FAUP publicações.



[26] Volume de entrada do pavilhão Carlos Ramos



[27] Relação entre as escadas de acesso ao piso superior e o volume de entrada do pavilhão

numa folha de papel. Esta linha, com início no cunhal sudeste do volume em U, forma uma zona de estar ao ar livre em frente à casa cor de rosa, devido ao aumento da pendente do terreno na direção norte sul – um banco, "perfazendo os três lados de um quadrado"[20].

O pavilhão, com a sua forma em U distorcida, cria um pátio trapezoidal apenas aberto a sul dando visibilidade para a casa cor de rosa e para o jardim. Existem neste pavilhão características ambíguas do que se pode considerar interior/exterior. O interior, com os seus braços semicerrados, isola o pátio tornando-o igualmente interno, e o seu exterior penetra no interior através das grandes fachadas envidraçadas quase fundindo os dois ambientes num só.

Há um jogo de opostos em todo o edifício – claro e escuro, fechado e aberto, alto e baixo, estreito e largo, interior e exterior.

O átrio e a escada de acesso principal, que se encontram no cunhal noroeste, constituem o elemento mais opulento do edifício. O paralelepípedo que forma este átrio tem apenas o piso de rés-do-chão como altura, caracterizando um momento de adição à forma em U. A escada situa-se a escassos centímetros da porta de acesso e apresenta uma escala desproporcionada em relação à morfologia do átrio em que se encontra, retirando protagonismo aos corredores adjacentes que dão acesso às salas de aula do rés-do-chão e tornando-a no elemento principal do espaço. Neste piso, a estreiteza das vias de acesso incita o visitante ao movimento. A escada começa neste volume e ao a subir há uma sensação de atrofia devido à pequena área cúbica do átrio até que se alcança nos degraus superiores uma sensação de alívio graças ao espaço amplo do piso superior - uma espécie de espaço de repouso, mas que também direciona o visitante para as salas contíguas – tornando-se oposto à particularidade do piso do rés-do-chão (passagem versus repouso).

O piso do rés-do-chão do volume em U, apresenta um pé direito mais reduzido que o piso superior pelo seu contacto com o solo e permite o acesso ao pátio através dos paramentos de vidro que se abrem, tornando-o num espaço com "uma vivência muito mais próxima da terra, daquilo que é inevitavelmente material, terreno"[21]. O piso inferior contém uma zona sanitária e uma zona de arrumos em cada articulação dos seus braços, subdividindo o espaço em três

20 Ibidem. P. 13.

21 Ibidem. P. 46.



[28] Continuidade espacial no interior do pavilhão, piso superior



[29] Carácter antropomórfico da fachada



[30] Fachada a norte. Jogo de volumes e embasamento

áreas de aula. No entanto, a ligação visual continua a existir e junto às fachadas forma-se uma possibilidade de conexão entre as salas pois não existe nenhuma parede a dividir o espaço. Já no piso superior a estrutura é oposta a esta - há uma ligação espacial e visual entre as três áreas referentes a cada braço do volume. Isto permite uma espacialidade polivalente de planta livre, porque não existe nenhum elemento físico nas articulações dos braços que o impeçam.

Do mesmo modo, no que concerne ao desenho das fachadas existe uma dicotomia, as fachadas voltadas para o pátio estão rasgadas por paramentos de vidro transparente de cima a baixo enquanto que as fachadas voltadas para norte, este e oeste são maioritariamente cegas ou com escassas aberturas de escala comedida. Nos topos dos braços do U há a apropriação de uma forma antropomórfica (olhos, nariz, boca) para a composição dos seus vãos, remetendo-nos para o carácter "doméstico" que o edifício apresenta pela sua dimensão humilde como pavilhão.

Este edifício apresenta como representação do seu embasamento uma linha preta em seu torno. A referida linha preta revela a sua mestria em conseguir retardar a degradação das suas fachadas e em destacar a conexão do edifício com a terra. Ao disseminar-se na vertical pelo pavilhão a humidade do solo vai encontrar ali uma barreira cerâmica que irá atrasar a deterioração do reboco. A mancha escurecendo a base cria um "lambril natural"[22].

"A complexidade do novo pavilhão confere-lhe a duplicidade mágica de ser essencial na consolidação do existente que, simultaneamente, torna dependente na conformação da sua autonomia. Adaptando-se à envolvente, é firmemente servido por ela. E o que virá a seguir, anunciado pela sua imagem, sendo ainda vago já é insubstituível."[23]

Poder-se-á afirmar que o pavilhão Carlos Ramos antecipa as opções de desenho e projeto que Álvaro Siza posteriormente aplica nas instalações da Faculdade de Arquitetura. O Pavilhão foi inaugurado a 7 de outubro de 1987, "invocando a memória e o nome de Carlos Ramos"[24].

22 SPÍNOLA, Alcindo em QUINTÃO, José (2008). *O Pavilhão Carlos Ramos: Colectânea de textos de professores e estudantes*. Porto: FAUP publicações. P. 38.

23 COSTA, Alexandre Alves (1987, março). O Pavilhão Carlos Ramos. *Arquitectura Portuguesa*, nº11. P. 50.

24 COSTA, Alexandre Alves em SIZA VIERIA, et al. (2003). *Edifício da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto: Percursos do Projecto*. Porto: FAUP publicações. P. 28.



[31] Relação entre o pátio irregular e as rampas de acesso à Quinta do Gólgota



[32] Torres e relvado com vistas para o rio Douro e Ponte da Arrábida

3.4. EDIFÍCIO NOVO DA FACULDADE DE ARQUITETURA

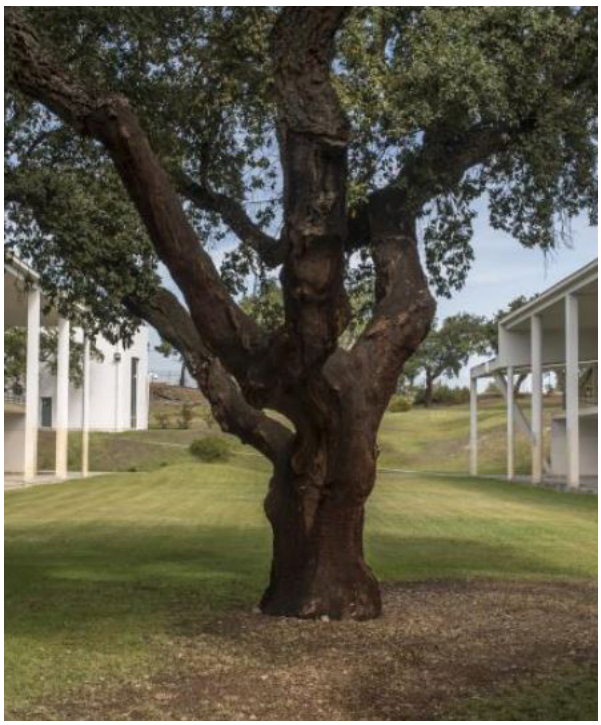
"A imagem do novo edifício, em sucessão inesperada de formas que assentam no terreno sem o reflectir nem alterar, vai ganhando modulação, regularidade e urbanidade para a frente de rua com vistas para o rio. A escala e a gradação dos volumes garantem a dignidade simbólica da casa mãe. O tema é o mesmo: distinguir-se do contexto validando-o, o que significa transformar sem perder a dimensão da história de que se quer parte, exigindo a sua consideração global para o entendimento da obra."[25]

Projetadas igualmente por Álvaro Siza, as novas instalações da Faculdade de Arquitetura tiveram como seu precedente o Pavilhão Carlos Ramos, do qual herdou várias influências, como nos refere Alexandre Alves Costa. Entre as várias referências podemos apontar a repetição das palas laterais, a repetição da janela horizontal de grande vão, do volume de entrada do pavilhão, que se repete também no volume de entrada do bar, entrada principal e entrada da torre H, e, para além da repetição do alçado antropomórfico que se replica na fachada sul da torre G.

Tal como aconteceu no pavilhão, o terreno foi apropriado de maneira a que pouco se alterasse relativamente à sua morfologia primitiva, sendo apenas necessário um mínimo movimento de terras. Os muros de pedra e os socalcos foram aproveitados, tal como as rampas já existentes, as quais foram aprimoradas. Com o aproveitamento destes elementos permitiu-se uma ligação com a plataforma da casa cor de rosa. O pequeno rasgo no lado poente do muro centenário circundante do jardim é o ponto de ligação entre os dois espaços. Siza anteviu esta eventualidade ao colocar a porta de acesso principal do pavilhão de frente para este vão.

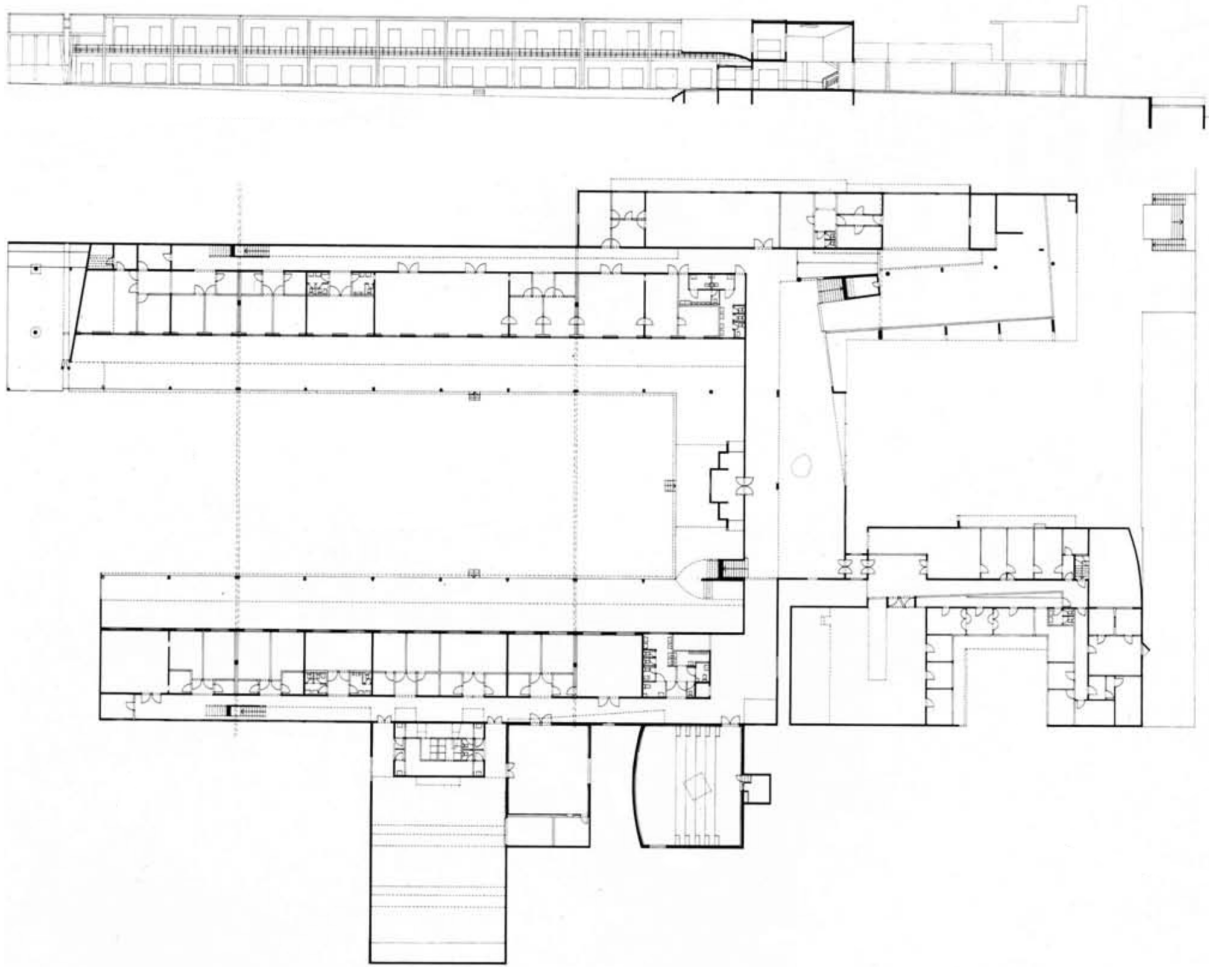
Ao mesmo tempo da conceção desta faculdade, Siza projetava outras obras. Um exemplo é a Escola Superior de Educação de Setúbal (1986-1995), primeiro edifício escolar projetado pelo arquiteto e com referência aos pátios do Liceu Alexandre Herculano e Liceu D. Manuel II, escolas que Álvaro Siza frequentou. "A ideia desses pátios, onde nós convivíamos ou, jogávamos futebol, ou atravessávamos para procurar ligações rápidas entre uma aula e outra do liceu, e este uso ou referência a modelos anteriores creio que é natural na arquitetura. Nós trabalhamos

25 COSTA, Alexandre Alves (1987, março). O Pavilhão Carlos Ramos. *Arquitectura Portuguesa*, nº11. P. 50.





[33] e [34] Relação entre ambos os pátios e as árvores centenárias que estes acolhem. À esquerda a Escola Superior de Educação de Setúbal e à direita o pavilhão Carlos Ramos.



[35] Planta do rés-do-chão e corte longitudinal da Escola Superior de Educação de Setúbal

sobre modelos e se quisermos renovar a arquitetura teremos que procurar modelos antigos."[26]

Podemos encontrar semelhanças entre as atitudes adotadas na Faculdade de Arquitetura e na Escola de Setúbal. Esta última desenvolve-se em dois eixos adquirindo uma configuração em H e foi idealizada utilizando um esquema de modulação ortogonal. Esta estratégia permitiu uma maior economia de custos e uma futura fácil alteração ou criação de outras zonas, garantindo uma grande flexibilidade espacial tendo em conta a rigidez do programa. Apesar de na Faculdade de Arquitetura os dois eixos diretores não serem ortogonais percebe-se a comum intenção de criar um pátio entre eles. As duas alas paralelas da Escola de Setúbal criam entre si dois pátios, o maior virado a nordeste (onde se situam as salas de aula) e o mais pequeno a sudoeste. Estes são separados na perpendicular pelo átrio do edifício, com entrada pelo pátio de menores dimensões e que possui as fachadas com carácter mais livre. Este átrio "constitui o núcleo central de onde partem as galerias de distribuição e de onde se acede às zonas de maior superfície (Cantina, Centro de Recursos Educacionais, Centro de Documentação e Informação). Anfiteatro, Sala de Música e Ginásio estão adoçados ao alçado noroeste da construção e são acessíveis a partir da respetiva galeria longitudinal."[27] Como podemos perceber há o análogo uso de uma galeria extensa como meio de acesso às áreas do programa. Tal como acontece na galeria de acesso às torres da Faculdade, nesta Escola também houve a necessidade de criar este tipo de distribuição para facilitar a articulação dos espaços.

Em ambas há a apropriação do pátio como princípio gerador do projeto e, tal como acontece no Pavilhão Carlos Ramos, uma árvore centenária (um velho sobreiro) domina o pátio de maiores dimensões desta Escola contrastando com a pureza da cor branca. Também ao nível dos materiais escolhidos há uma influência mútua entre o projeto de Setúbal e o da Faculdade do Porto: o reboco branco, o pavimento interior dos espaços comuns em mármore e as molduras e portas em madeira. A luz representa igualmente uma atenção detalhada nos dois, há um esforço em oferecer uma luz indireta em áreas como a biblioteca e auditório. Nas salas de aula, na Escola de Setúbal, os vãos das janelas são verticais enquanto que na Faculdade de Arquitetura

26 SIZA, Álvaro em GRAÇA DIAS, Manuel (autor) & FELDMAN, Edgar (realizador). (1995). *Ver Artes. Escola Superior de Educação de Setúbal.* [Programa]. Setúbal: Zebra produções.

27 SIZA, Álvaro em TRIGUEIROS, Luiz (1995). *Álvaro Siza: 1986-1995*. Lisboa: Blau. P. 28.



[36] Planta de implantação da Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto e a sua envolvente próxima, escala 1:1500



[37] "Átrio" exterior como um dos meios de conexão entre as torres e a ala norte

são horizontais, no entanto, nas fachadas mais livres dos espaços com menos rigidez aparece em ambos os exemplos o vão horizontal. Podemos dizer que houve realmente uma influência desta Escola nesta Faculdade.

Quanto à implantação da Faculdade de Arquitetura, "*A ausência de uma estrutura urbana e o facto de os terrenos destinados à Faculdade se encontrarem entalados, qual guetto, nas sobras interiores de uma das principais vias de acesso ao Porto, não constituiu um problema de maior para Siza. Tomando como referencial a casa mãe da Quinta da Póvoa, parte da Faculdade e objecto anos antes de uma intervenção, e os fragmentos e vestígios dos muros que formavam as leiras desta notável encosta sul, Siza desenha uma espécie de mapa ou planta arqueológica, base que não mais abandonará todo o projecto. A descoberta deste suporte histórico, através de um estranho e pessoal processo de depuração do real pelo desenho, permite-lhe entender as potencialidades do sítio, suas possíveis lógicas de construção e adaptabilidade ao terreno, e compreender as relações possíveis a estabelecer.*"[28]

Siza concebe duas linhas, ou eixos, diretrizes do projeto: uma linha que figura o prolongamento do muro a sul da quinta para a sua esquerda e uma linha diagonal com início no cunhal sudoeste do pavilhão, aproximadamente paralela à via rápida a norte. Estas duas linhas intersetam-se num ponto a oeste em direção à entrada principal do conjunto, mais propriamente do lado oposto da estrada que delimita o terreno e, assim, as duas linhas formam um triângulo a partir do qual o projeto progride.

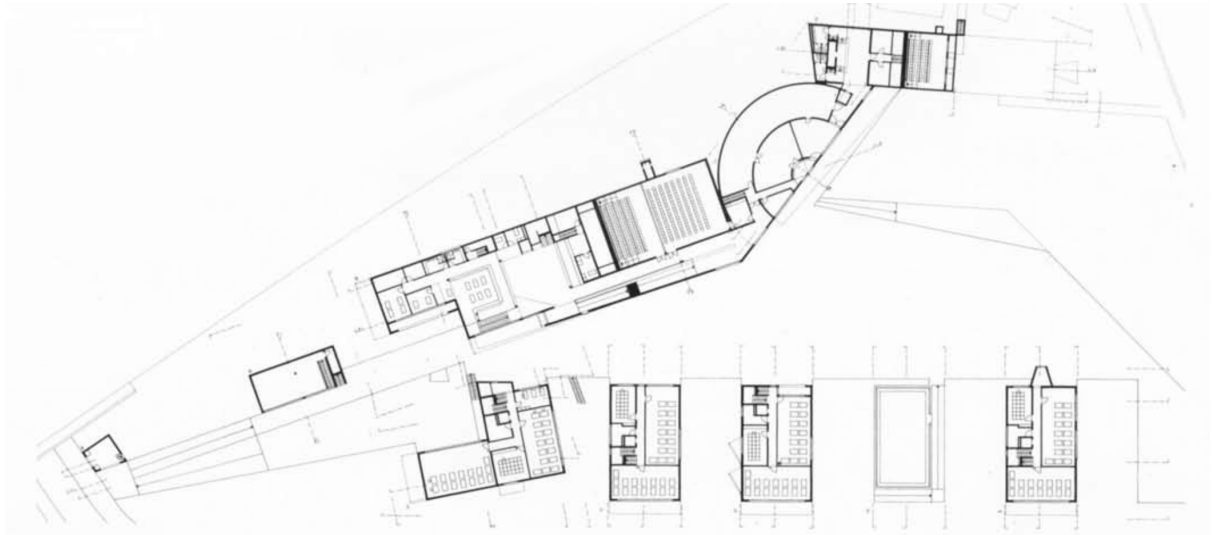
O arquiteto desenvolve o projeto concebendo duas alas de edifícios que configuram o pátio triangular resultante das duas linhas diretrizes. Estando presente também o conceito de pátio nestas novas instalações, como referido anteriormente, identicamente aqui se procura uma relação de forte interioridade e exterioridade apesar de não tão evidente como no Pavilhão Carlos Ramos.

A ala norte, onde se situam a administração, secretaria, loja, auditórios, galeria de exposições semicircular e biblioteca, atua como que uma espécie de barreira de proteção da via de acesso ao Porto.

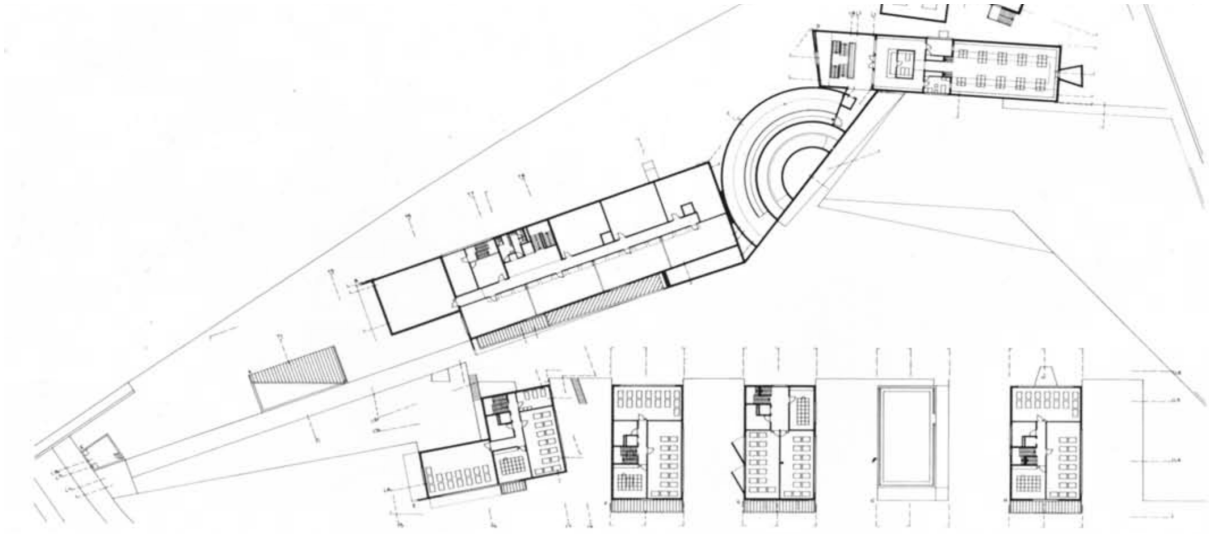
28 TRIGUEIROS, Luiz (1995). *Álvaro Siza: 1986-1995*. Lisboa: Blau. P. 51.



[38] Espaço de distribuição interno que conecta a ala sul com a ala norte



[39] Planta do piso 2



[40] Planta do piso 3. Nestas plantas percebem-se as várias disposições das salas. Diferenciam-se em cada piso das torres.

Por outro lado, a ala sul - as quatro torres, onde se situam salas e gabinetes dos professores, possibilitam a permeabilidade visual para o estuário do rio Douro e para Gaia. Estas torres têm diferentes formas e tamanhos e por serem independentes permitem essa abertura para a paisagem sem, no entanto, interromperem a densidade espacial do conjunto.

As salas, mesmo que todas com a mesma área programática, revelam diferentes formas possíveis de ocupar os mesmos espaços. Siza faz com que cada sala se diferencie - quer pela sua posição em planta, o que faz com que as vistas para o exterior sejam diferentes em cada uma, quer pelo posicionamento dos vãos, quer pela adição de palas de sombreamento, entre outros, facto que também diferencia a luz natural que penetra em cada uma delas, tornando-as distintas e especiais à sua maneira. "*O tempo quer deter-se em cada sala e cada corredor. O autor especializou o lambrim de mármore ou madeira e o marco de porta, tornou exclusivas todas as escadas e janelas, desenhando, com paciência ilimitada, lugares favoritos para cada um dos potenciais utilizadores do edifício.*"[29]

A conexão entre estas duas secções programáticas realiza-se através de "uma rede de comunicações internas de grande fluidez, átrios, galerias, rampas, escadas, que conformam os espaços de encontro, cruzamento, sociabilidade, labirínticos e redundantes, dinâmicos."[30]

Antes de ter alcançado esta habilidosa implantação, a primeira ideia de Álvaro Siza seria construir um grande volume único e compacto com um pátio interior, mas logo se apercebeu de que essa não seria uma solução viável. Nas suas palavras: "*Eu experimentei um edifício grande, um edifício claustro. Mas qual é a grande dificuldade disto? É que seria, fatalmente, uma ilha, a não ser que a envolvente mudasse muito (que não deve mudar); não há construções à volta, vai haver a Faculdade de Letras, mas é uma coisa isolada, é outra ilha e, à volta, passam as auto-estradas. Portanto, meter aqui um edifício muito maior que este, não funcionava, ficava aqui a boiar. O que eu tentei foi criar um espaço com certo significado e aproximá-lo da escala dos edifícios existentes na quinta (...).*"[31]

A opção do arquiteto de desenvolver o projeto das salas da faculdade em torres de

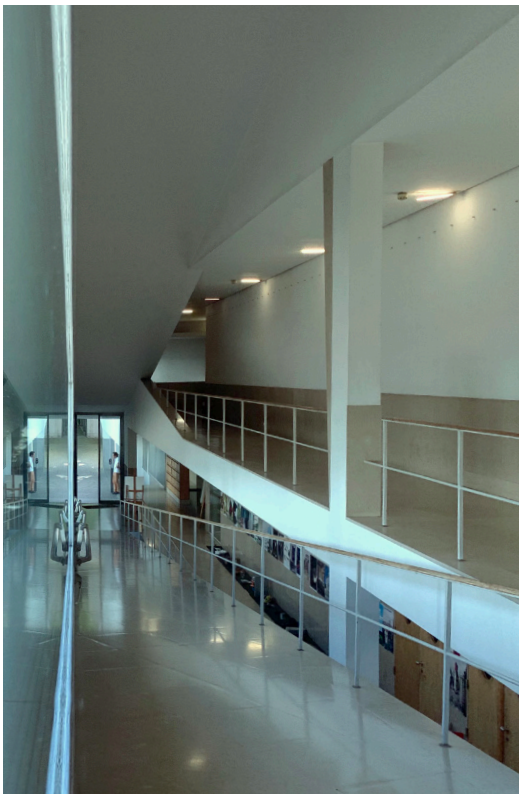
29 FONSECA, Teresa em SIZA VIERIA, et al. (2003). *Edifício da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto: Percursos do Projecto*. Porto: FAUP publicações. P. 47.

30 COSTA, Alexandre Alves em SIZA VIERIA, Álvaro, et al. (2003). *Edifício da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto: Percursos do Projecto.* Porto: FAUP publicações. P. 31.

31 SIZA, Álvaro (1987, fevereiro). Faculdade de Arquitectura. Porto. *Arquitectura Portuguesa*, nº11. P. 35.



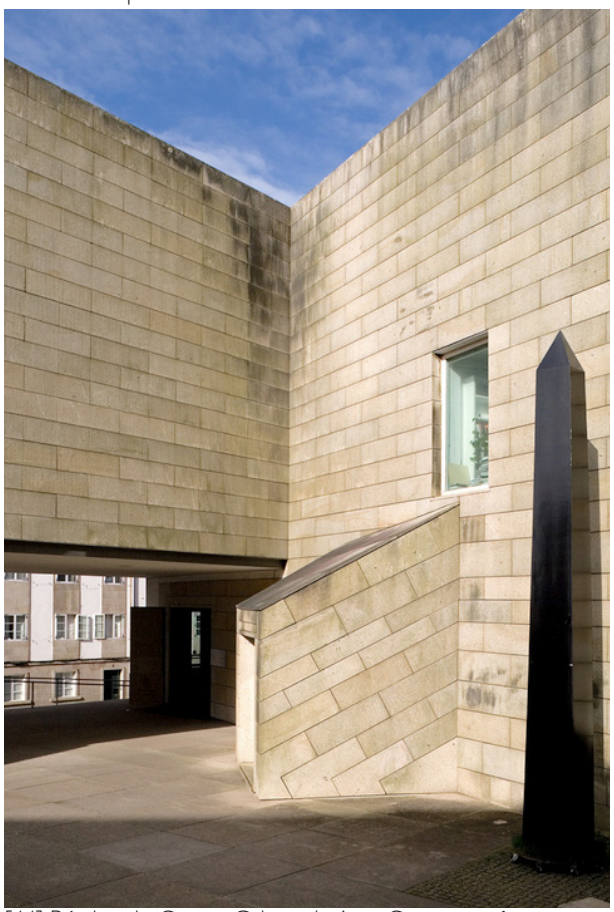
[41] Rampas adjacentes ao átrio da Faculdade de Ciências da informação de Santiago de Compostela



[42] Rampas adjacentes ao átrio da Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto



[43] Pórtico da torre H da FAUP



[44] Pórtico do Centro Galego de Arte Contemporânea

diferentes alturas evoca-nos a morfologia das antigas casas do Porto, também elas de diversas alturas, estreitas e cada uma com o seu carácter diferenciador.

A obra de Álvaro Siza é representada pela constante adoção de atitudes experimentais, da qual a Faculdade de Arquitetura faz parte. Esta constitui em si própria um ensinamento para todos os arquitetos e não arquitetos, desde a sua conceção e construção à sua flexibilidade de organização, tendo em conta a rigidez do seu programa. Este ensinamento, comparando com outra obra sua de carácter universitário, é aplicado também na Faculdade de Ciências da Informação em Santiago de Compostela, distinguida com o prémio Secil. Apesar de esta ter sido executada pouco depois à Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto podemos encontrar semelhanças entre as duas obras. Álvaro Siza cria um momento de entrada que não se reflete como espaço de chegada, mas sim como um espaço de distribuição, de percurso, ao contrário do átrio da Escola de Setúbal que é muito mais contido. Rampas, escadas e várias hipóteses de caminho caracterizam este espaço, tanto na Faculdade de Ciências como na comparável Faculdade de Arquitetura. A promenade arquitetónica está muito presente nestas obras, um exemplo disso é a longa rampa junto à fachada, elemento que podemos encontrar em ambos os átrios. O mármore continua a ser o seu material de eleição para o pavimento das zonas com maior movimento, o lambrim do mesmo material também continua presente nas duas obras, tal como a cor branca.

Siza realizou outro projeto para Santiago de Compostela, o Centro Galego de Arte Contemporânea, pouco antes de desenhar a Faculdade de Ciências de Informação. Devido à sua implantação ocupar um lugar central na urbe, resolveu revesti-lo em granito por ser um material caracterizador daquele núcleo urbano. Por outro lado, na Faculdade de Ciências, e talvez por esta se encontrar nos arredores da cidade, o arquiteto resolve utilizar o reboco branco com um embasamento de granito como revestimento.

Neste Centro Galego podemos encontrar o volume do pórtico de entrada também representado como na Faculdade de Arquitetura. Similarmente, foram criadas duas direções obliquas definindo um pátio triangular. Estas advêm da leitura perspicaz da envolvente que num caso sucedem da consolidada estrutura urbana e no outro da tentativa de criar uma.



[45] Retrato de Álvaro Siza

4. O ARQUITETO

Álvaro Joaquim Melo Siza Vieira nasceu a 25 de junho de 1933, em Matosinhos. Filho de Júlio Siza Vieira e de Cacilda Ermelinda Camacho Carneiro de Melo, teve como base da sua educação uma vertente conservadora, não se verificando isso um impedimento para vir a alcançar tudo o que até hoje conseguiu. Atualmente é um dos mais conhecidos e influentes arquitetos tanto a nível nacional como internacional e as suas obras são uma referência para o mundo inteiro.

Álvaro Siza, na sua adolescência, desenvolveu uma grande paixão pelo hóquei em patins e chegou a integrar a equipa de Infante Sagres, mas aos 16 anos de idade viu-se forçado a abandonar esse desporto devido a problemas de visão. Outras grandes paixões que até hoje o acompanham são a leitura e o desenho.

Cresceu com o sonho de ser escultor. Pelo facto de a Escola de Belas-Artes do Porto albergar disciplinas como Arquitetura, Escultura e Pintura, decide envergar pelo curso de Arquitetura para agradar ao seu pai, que associava "o escultor à ideia do artista boémio, incapaz de ganhar o bastante para se sustentar"[32]. Pretendia mudar de curso - desistir de arquitetura e mudar para escultura posteriormente. Graças à viagem a Espanha acompanhado pelos pais no início da década de 50, o seu sonho altera-se. O seu pai, homem culto e com uma adoração por viajar, aproveitava as férias para conhecer novas terras acompanhado de sua família, quase sempre por terras espanholas. É na visita a Barcelona que o jovem Álvaro fica deslumbrado com a obra de Gaudi pois constata que em nada se assemelha à escultura, mas sim a uma arquitetura vigorosa e arrojada. "O jovem Álvaro olha intrigado e põe-se a pensar como é possível uma coisa à partida tão aborrecida como uma porta poder projetar toda aquela força criativa"[33]. A arquitetura que até então não lhe despertava interesse passa a ser olhada de uma outra perspetiva.

Siza ingressa na faculdade no ano de 1949, com 16 anos. Principia os seus estudos num momento complicado para o panorama geral do país, mas de renovação para a faculdade. Com a ditadura de António de Oliveira Salazar[34], Portugal fecha-se à Europa. O fascismo que se vivencia na altura impede a entrada no país das novas vertentes culturais e políticas europeias.

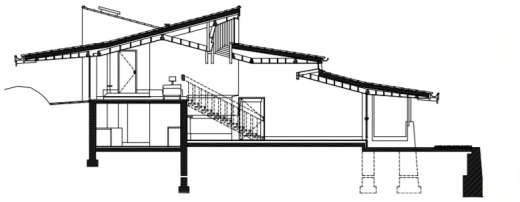
32 CRUZ, Valdemar (2017). *Retratos de Siza*. P. 22.

33 Ibidem.

34 Nascido em 1889 e falecido em 1970, foi o estadista que mais tempo governou Portugal em regime ditatorial autoritário,



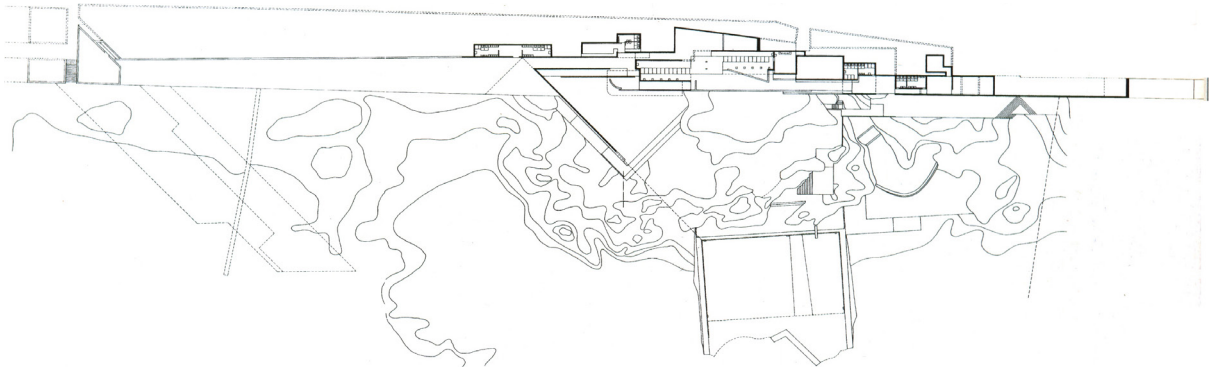
[46] Casa de Chá da Boa Nova, Leça da Palmeira



[47] Corte transversal da Casa de Chá da Boa Nova



[48] Piscina das Marés, Leça da Palmeira



[49] Planta da Piscina das Marés

Em 1948, um ano antes do jovem Siza ingressar na faculdade, realiza-se o 1º Congresso Nacional de Arquitetura. Este congresso transformou-se no marco da modernização do panorama arquitetónico português. Inicia-se um novo período moderno em Portugal, enveredando-se por um rumo diferente daquele que as esferas oficiais desejavam. Carlos Ramos é o novo diretor da Faculdade de Arquitetura. Ele defendia a "máxima liberdade, máxima responsabilidade" e promovia a liberdade criativa e de expressão dos alunos ajudando-os a desenvolver a sua capacidade de argumentação através da defesa das suas próprias escolhas de projeto. Álvaro Siza convive com várias personalidades da arquitetura portuguesa de então, entre eles Carlos Ramos e Fernando Távora, este último, membro do Congresso Internacional de Arte Moderna e novo assistente da faculdade, que transmitia aos alunos os novos conceitos arquitetónicos que se propagavam pelo mundo. Foi o contacto com estas figuras, juntamente com os seus primeiros ensaios na arquitetura, que o desenvolveram e enriqueceram como arquiteto. Soube experimentar e consequentemente soube aprender com o erro.

Álvaro Siza finaliza o seu curso em 1955, sendo a sua primeira obra construída em 1954. A partir da data do final do seu curso trabalha com Fernando Távora até 1958. Durante esse período acompanha o Inquérito à Arquitetura Popular, promovido pelo Sindicato Nacional de Arquitetos entre 1955 e 1960. Em 1958, último ano em que trabalha com Távora, ganha o concurso para a Casa de Chá da Boa Nova, inaugurada em 1961. É esta obra que impulsiona a sua carreira e demonstra as suas habilidades como arquiteto. Por esta altura, as suas maiores influências eram Le Corbusier e Alvar Aalto. Casa-se a 18 de Novembro desse mesmo ano com Maria Antónia.

Em 1965 obtém com 20 valores o diploma da ESBAP e é contratado como assistente, o que recusa. Neste mesmo ano inaugura o seu projeto da piscina da Quinta da Conceição em Matosinhos. Aceita a proposta de ser assistente na ESBAP em 1966 e desenvolve trabalho até 1969. Em 1966 finaliza a Piscina das Marés em Leça da Palmeira.

Fica viúvo nos primeiros dias de 1973. "Alguns dos seus amigos estabelecem uma ligação inevitável entre a opção por uma vida quase monástica, assumida por Álvaro Siza, e a morte da

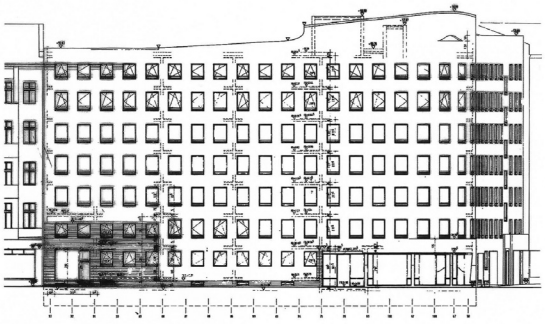
entre 1933 e 1968.



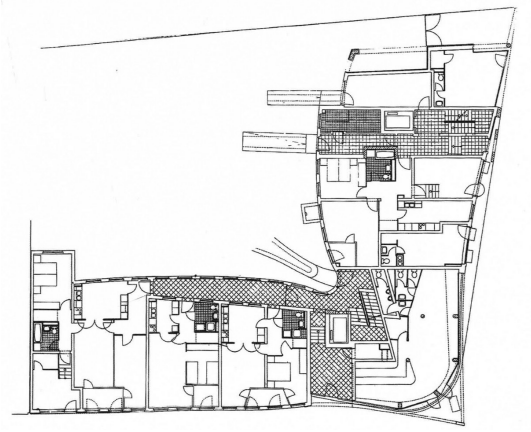
[50] Casas Sociais SAAL em São Vítor



[51] Casas Sociais SAAL da Bouça



[52] Fachada do edifício Bonjour Tristesse, Berlim



[53] Planta Tipo



[54] Edifício Bonjour Tristesse, Berlim

mulher, Maria Antónia, aos 33 anos (...) Deixou dois filhos, um rapaz e uma rapariga, e um homem destroçado pela violência da dor contida naquela partida. Siza continua a viver completamente só''[35].

De 1974 a 1979 desenvolve o projeto das Casas Sociais SAAL em São Vítor e de 1975 a 1977 as Casas Sociais SAAL da Bouça, ambas no Porto.

Reingressa novamente à ESBAP em 1976 como professor assistente da cadeira de Construção. Simultaneamente foi também professor visitante em diversas escolas mundiais.
Durante quatro anos (1980-1984) é construído o seu primeiro edifício no estrangeiro, as vivendas Bonjour Tristesse em Schlesisches Tor, Berlim, graças à sua participação no concurso internacional lançado pelo IBA.

Em 1982, a Secção Portuguesa da Associação Internacional de Críticos de Arte atribui-lhe o Prémio de Arquitetura do Ano.

De 1983 a 1984 realiza um Estudo Urbanístico para a expansão de Macau, China, e um Plano Urbanístico para Schilderswijk, Haia, Países Baixos. Inicia em 1986 os projetos para a Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, para o Pavilhão Carlos Ramos e para a Escola Superior de Educação de Setúbal. De 1986 a 1987 faz um Estudo Urbanístico para o bairro de Pendino, Nápoles, Itália.

Em 1987 ganha o Prémio de Arquitetura da Associação de Arquitetos Portugueses. Em 1988, inaugura as vivendas sociais De Punt en De Komma e o Jardim Van der Vennepark em Haia. Nesse mesmo ano ganha o Prémio Europeu de Arquitetura da Comissão das Comunidades Europeias/Fundação Mies van der Rohe, conceituado galardão da arquitetura europeia, recebe a Medalha de Ouro de Arquitetura do Colégio de Arquitetos de Madrid, a Medalha da Fundação Alvar Aalto e o Prémio Prince of Wales da Harvard University.

Em 1989 inicia o Plano de Reconstrução do Chiado, após as grandes consequências sofridas na zona pelo incêndio que aconteceu no ano anterior.

Em 1992 ganha o prémio mais prestigiado internacionalmente, o Prémio Pritzker, da Fundação Hyatt de Chicago e é nomeado Doutor Honoris Causa pela Universidade Politécnica

35 CRUZ, Valdemar (2017). *Retratos de Siza*. P. 30, 31.

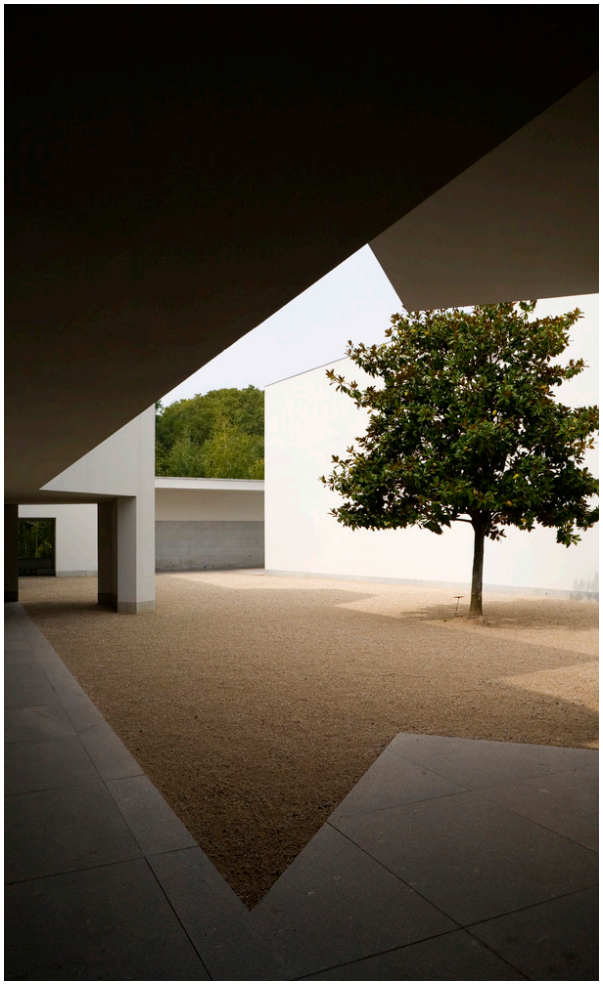




[55] e [56] Exterior e interior da Igreja de Santa Maria de Marco de Canaveses



[57] Pavilhão de Portugal para a Expo '98, Lisboa



[58] Museu de Arte Contemporânea da Fundação Serralves

de Valência, Espanha. Em 1993 recebe o Prémio Nacional de Arquitetura, no mesmo ano em que finaliza a sua obra em Santiago de Compostela, Espanha, o Centro Galego de Arte Contemporânea e que é nomeado Doutor Honoris Causa pela Escola Politécnica Federal de Lausanne, Suiça.

Em 1995 inaugura a Escola Superior de Educação de Setúbal e é nomeado Doutor Honoris Causa por três universidades: Universidade de Palermo, Itália; Universidade Internacional Menéndez Pelayo em Santander, Espanha; e pela Universidade Nacional de Engenharia em Lima, Peru. Em 1996 finaliza a construção do Pavilhão Carlos Ramos e inicia o projeto para o Metro do Porto, e em 1997 conclui a edificação do bairro da Malagueira, em Évora.

"A espontânea criatividade manifestada nas suas casas de Matosinhos, a sua razão ainda antes da maturidade, vão encontrar o seu paralelo, depois da inocência ter chegado ao seu formoso final, no (...) edifício para a Faculdade de Arquitetura do Porto (...)"[36]. Concluído também nesta década de 90.

Em 1996 inaugura a Igreja de Santa Maria e centro paroquial de Marco de Canaveses, considerado uma obra-prima da arquitetura contemporânea. Neste ano ganha o seu primeiro Prémio Secil com o edifício Castro & Melo no Chiado, Lisboa.

Em 1997 abre o edifício de Escritórios Álvaro Siza, no Porto e é nomeado Doutor Honoris Causa pela Universidade de Coimbra. Em 1998 inaugura a estação do metro Baixa/Chiado em Lisboa e o Pavilhão de Portugal para a Expo'98.

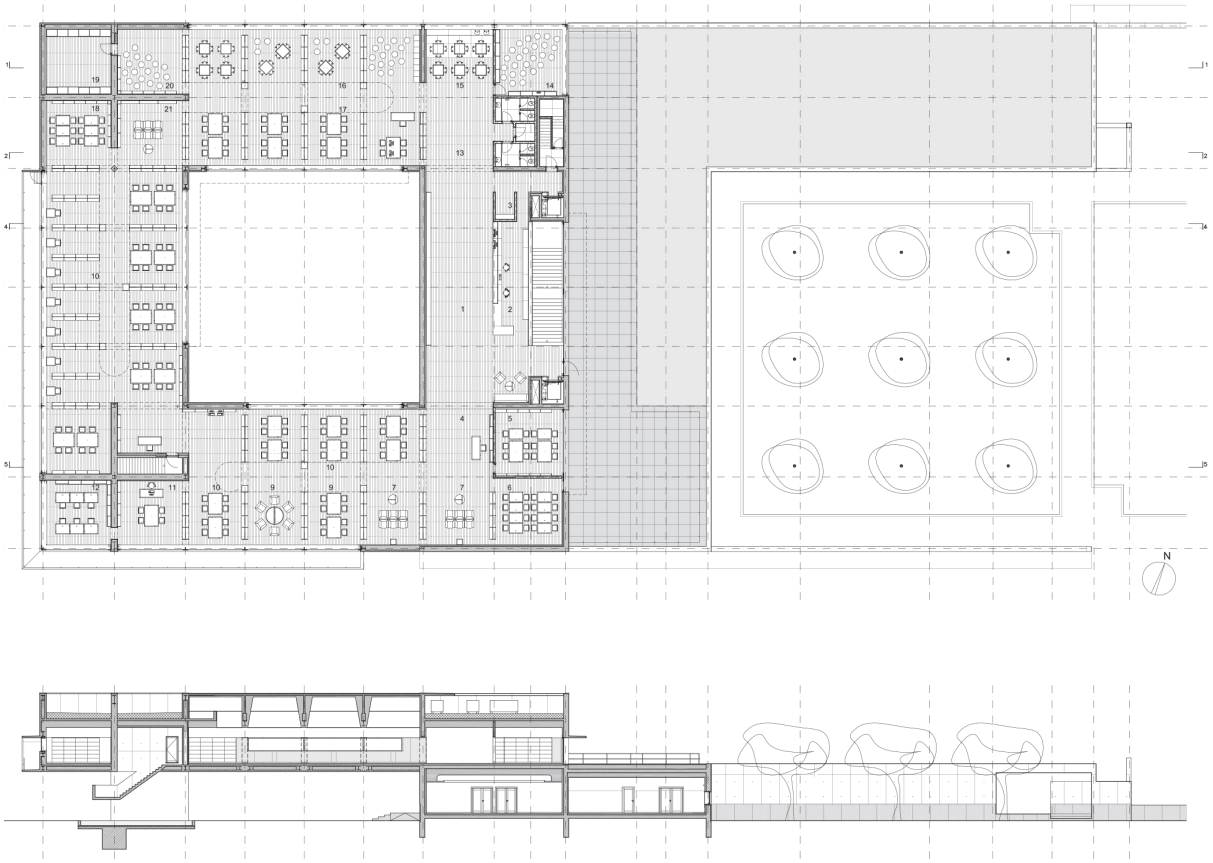
Em 1999 inaugura o Museu de Arte Contemporânea da Fundação de Serralves do Porto e é nomeado Doutor Honoris Causa pela Universidade Lusíada também do Porto.

De 1993 a 2000 materializa a Faculdade de Ciências da Informação em Santiago de Compostela, Espanha, projeto com o qual ganha um Prémio Secil em 2000. Neste ano é nomeado Doutor Honoris Causa pela Universidade Federal da Paraíba no Brasil. Também foi o autor do Pavilhão de Portugal na Expo 2000 em Hanôver, Alemanha, onde utilizou a cortiça como material de revestimento exterior e parte do pavimento. Estas situações por vezes fazem com que o reconheçam como um arquiteto que utiliza materiais modestos. "Numa era de excessivas especializações, Siza vive o paradoxo de, por um lado o acusarem de ser um arquiteto caro e, por

36 COSTA, Alexandre Alves em TRIGUEIROS, Luiz. (1997). *Álvaro Siza: 1954-1976*. Lisboa: Blau. P. 14.



[59] Biblioteca Municipal de Viana do Castelo



[60] Planta do piso 1 e corte longitudinal da Biblioteca Municipal de Viana do Castelo

outro lado, ser constantemente chamado para programas de habitação económica. (...) O que se passa é que, em Portugal, em particular após a Revolução de Abril de 1974, Siza participou em vários programas de habitação social e isso conferiu-lhe o rótulo, que rejeita, de 'especialista' nesse género de construção.''.[37] No entanto, o arquiteto defende que a razão para lhe darem essa conotação é devido aos baixos orçamentos que lhe apresentam, que não lhe dão outra opção senão cingir-se aos custos que são possíveis.

Em 2001 recebe o Prémio Wolf de Artes, atribuído pela Fundação Wolf, e o Prémio Nacional da Arquitetura Alexandre Herculano. Em 2002 ganha o prémio Golden Lion pelo melhor projeto, na Bienal de Arquitetura de Veneza. Em 2004 é nomeado Doutor Honoris Causa pela Universidade de Nápoles Federico II, em Itália.

Em 2005 inaugura o Centro de Estudos de Camilo em São Miguel de Seide, Vila Nova de Famalicão, a Estação de Metro de São Bento no Porto e a Serpentine Gallery Pavilion, nos Kensington Gardens em Londres, projetada em conjunto com o arquiteto Eduardo Souto de Moura. A 10 de fevereiro de 2005 recebe as Chaves da Cidade do Porto, entregues pelo então presidente da Câmara, Rui Rio. Nesse mesmo ano é galardoado com o Urbanism Special Grand Prize of France e é nomeado Doutor Honoris Causa pela Universidade de Arquitetura e Urbanismo Ion Mincu em Bucareste, Roménia.

Volta a ganhar um Prémio Secil em 2006, com o seu projeto para o Complexo Desportivo de Cornellà de Llobregat, em Barcelona.

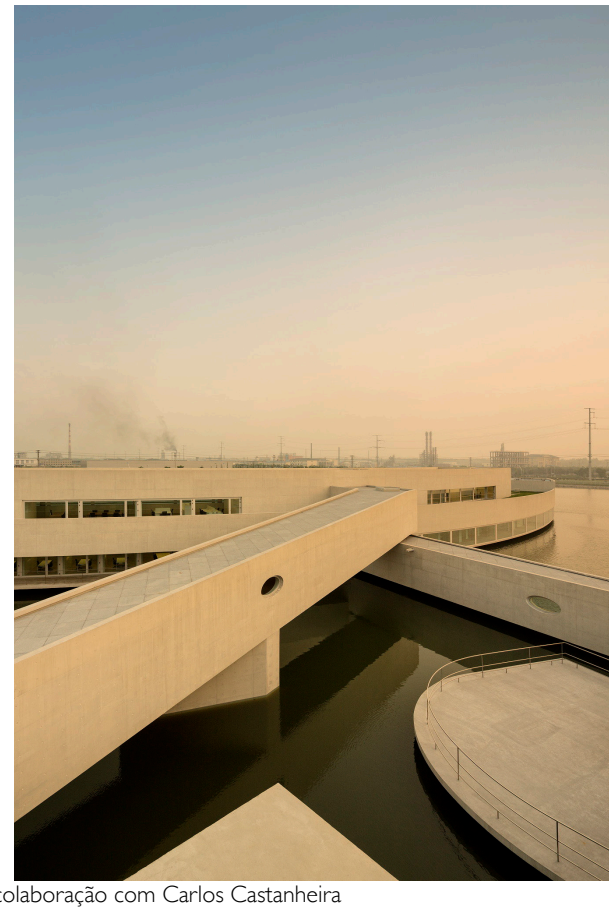
Em 2007 conclui a Biblioteca Municipal de Viana do Castelo e é nomeado Doutor Honoris Causa pela Universidade de Pavia em Itália. No ano seguinte é nomeado igualmente pela Universidade de Palermo em Buenos Aires, Argentina, e inaugura a nova sede da Fundação Iberê Camargo em Porto Alegre, Brasil, e o Complexo Desportivo de Gondomar, em Portugal. No ano 2009 recebe a Royal Gold Medal for Architecture, do Royal Institute of British Architects.

A sua vida divide-se entre reuniões, aeroportos, entrevistas e desenhos.

Em 2010 arrecada mais um prémio o Prémio Luso-Espanhol de Arte e Cultura e é nomeado Doutor Honoris Causa pela Universidade Técnica de Lisboa. Em 2011 chega à Coreia

37 CRUZ, Valdemar (2017). *Retratos de Siza*. P. 109.

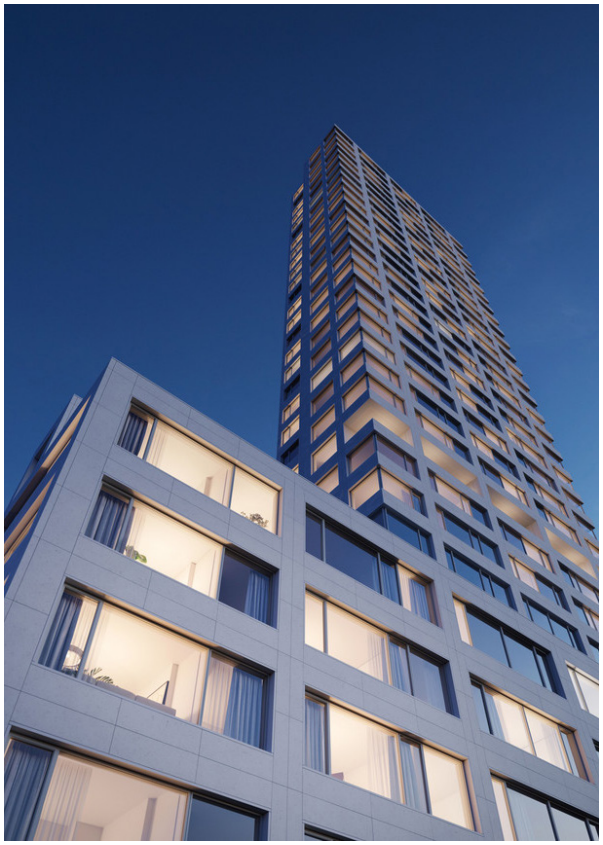




[61] e [62] Shihlien Chemical Industrial Park Office, China, em colaboração com Carlos Castanheira



[63] Igreja de Saint-Jacques-de-la-Lande, França



[64] Arranha-céus em Manhattan, Nova Iorque

do Sul com um projeto para um museu: Museu Mimesis em Paju Book City, e é nomeado novamente Doutor Honoris Causa pelas universidades de Aveiro, em Portugal e Sevilha, em Espanha.

No ano 2012 volta a projetar para a Coreia do Sul, desta vez o Centro de Pesquisa & Desenvolvimento da Amore Pacific. Na Alemanha também concretiza um projeto para a Fábrica Vitra e em Portugal, mais propriamente em Chaves, requalifica as Termas de Pedras Salgadas e o Vidago Palace Hotel. Neste ano volta a ganhar o prémio Golden Lion, agora pelo seu conjunto de obra, na Bienal de Arquitetura de Veneza. Em 2013 é nomeado Doutor Honoris Causa pela Universidade Politécnica de Milão, em Itália, e em 2014 pela Universidade de Granada, em Espanha. Neste último ano projeta o Shihlien Chemical Industrial Park Office em Jiangsu na China.

Em 2015 ganha o Prémio Vida e Obra atribuído pela Sociedade Portuguesa de Autores. Neste ano volta a ser nomeado Doutor Honoris Causa pela Universidade de Évora e de 2015 a 2017 desenvolve um projeto para França, a Igreja e centro paroquial de Saint-Jacques-de-la-Lande. Em 2016 conclui o seu projeto para a Fundação Nadir Afonso, posteriormente designada Museu de Arte Contemporânea Nadir Afonso em Chaves.

Atualmente terá em mão vários projetos nomeadamente a futura ponte pedonal e ciclável sobre o rio Minho, que irá conectar Vila Nova de Cerveira a Tomiño, a requalificação da Quinta do Mosteiro de Leça do Balio, localizada na rota dos peregrinos dos Caminhos de Santiago e que será pela primeira vez em séculos aberta ao público, e o seu primeiro projeto para Nova Iorque aos 86 anos, um arranha-céus de habitação em Manhattan.

Neste momento reparte a sua carreira entre arquitetura, docência e campo teórico. É convidado para exposições, conferências e seminários. Participa em inúmeros concursos internacionais e as suas obras são expostas em imensos pontos do mundo.

Álvaro Siza, um homem do norte mantém-se jovem e "Aprecia a cozinha regional portuguesa, gosta de bons vinhos e é simpatizante do Benfica."[38]

38 TRIGUEIROS, Luiz. (1997). *Álvaro Siza: 1954-1976*. Lisboa: Blau. P. 214.

PARTE II



[65] Momento de estudo no Pavilhão Carlos Ramos



[66] Pavilhão Carlos Ramos

I. O PROBLEMA

"Alguns anos já vêm passando sobre a obra e os que ensinam revoltam-se constantemente por esta falta de espaço para alargar os cotovelos no meio de turmas de alunos que não se contêm nos números programados. Os que aprendem revoltam-se por não disporem de espaço para alargar a confusão delirante das imagens confusas, por não poderem manchar as imaculadas paredes brancas."[39]

Nos dias de hoje a Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto alberga mais de o dobro da capacidade máxima de estudantes para que foi projetada, que seria por volta dos quinhentos alunos.

No relatório do Programa Preliminar de Novembro de 1983, foram expostas um conjunto de exigências para esta nova faculdade que pretendiam viabilizar a boa utilização e o bom aproveitamento escolar por parte dos seus usuários. As exigências eram as seguintes:

"*a) A população escolar não deverá exceder 525 estudantes a que corresponde um número de docentes da ordem dos 60 elementos;*

b) O tipo de ensino que hoje se pratica no Curso de Arquitetura da ESBAP e que se pode caracterizar sucintamente como de "prática assistida" deverá manter-se na futura Faculdade;

c) Deverão prever-se meios de apoio didático e pedagógico suficiente para uma requalificação do ensino ao nível da prática pedagógica quotidiana;

(...)

5- Evolução previsível

As novas instalações da faculdade deverão, assim, fixar-se num máximo de 525 estudantes, número que não deverá ser ultrapassado sob pena de alteração profunda nos métodos e práticas pedagógicas preconizados, bem como de inadequação subsequente e irremediável das instalações a um diferente tipo de ensino baseado no grande número.

Significa este propósito que a evolução previsível das instalações que, em termos de crescimento – está

39 TAVARES, Domingos em SIZA VIERIA, Álvaro, et al. (2003). *Edifício da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto: Percursos do Projecto*. Porto: FAUP publicações. P. 41.



[67] Biblioteca da Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto



[68] Momento de aula da disciplina de Projeto

previsto no Plano Geral do Pólo 3 como podendo atingir mais 50% da área inicial – deverá orientar-se preferencialmente no sentido da melhoria qualitativa das condições de ensino para esta população global e nunca em sentido inverso, isto é, na diminuição de condições face ao aumento, seguramente incontrolável, da população escolar."[40]

Com o elevado número de utilizadores na atualidade, as instalações revelam-se cada vez mais desajustadas para servir tanto os seus alunos como os professores. Existem espaços de aula a abrigar turmas de 40 e até mesmo de 50 alunos – em alguns casos a mesma mesa de trabalho é utilizada simultaneamente por dois ou mais estudantes. Esta situação caótica prejudica o aluno no seu aproveitamento escolar, pois quanto maior o número de alunos por professor, num espaço cada vez mais exíguo, menor é a qualidade do trabalho e a concentração necessária para interiorizar os ensinamentos de arquitetura. Quando as aulas são práticas, a falta de espaço nas mesas ou estiradores, como foi dito anteriormente, dificulta a disposição dos materiais de trabalho de cada aluno e a consequente realização dos exercícios propostos.

Do mesmo modo, os professores são também prejudicados com este aumento estudantil. Com turmas cada vez maiores, o acompanhamento e aconselhamento que estes tentam dar torna-se insuficiente. Com tantos alunos o tempo de discussão com cada individuo torna-se escasso, não sendo assim possível aprofundar um tema ou partilhar conhecimentos que num ambiente sem pressão poderiam aflorar rapidamente à memória e ter o seu tempo de esclarecimento. Perde-se assim a "prática assistida" que muito bem caracterizava o ensino no Curso de Arquitetura da ESBAP.

Paralelamente, verifica-se uma inexistência de espaços para trabalho não acompanhado, condicionante deveras significativa no desempenho do aluno de arquitetura.

Apesar do facto de se poder aceder às salas de aula fora do seu horário de funcionamento e aí se realizarem trabalhos, estas revelam-se insuficientes em número e espaço, e com condições precárias para essa finalidade. No horário diurno torna-se difícil encontrar salas que não estejam

40 SIZA VIERIA, Álvaro, et al. (2003). Edifício da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto: Percursos do Projecto. Porto: FAUP publicações. P. 103, 104.



[69] Aula no auditório Fernando Távora e Sala Plana



[70] Incapacidade dos auditórios para albergarem um grande número de alunos

a ser utilizadas por professores a lecionar ou outras que estejam livres para se poder trabalhar.

Além do mais, nos intervalos de almoço ou nos tempos livres há uma carência de espaços abrigados destinados à convivência entre alunos. O bar existente, outrora idealizado para um número muito menor de usuários, torna-se insuficiente, apertado e pouco cómodo. Existem pessoas que almoçam no bar da faculdade bem como outras que aquecem a sua própria comida, revelando-se existir uma enorme dificuldade na obtenção de um lugar sentado. Nos meses chuvosos podemos muitas vezes observar pessoas no exterior, ao frio, à chuva e ao vento ou abrigadas no pátio coberto da torre E, mesmo assim, apertadas.

Nos auditórios há aulas em que, devido à enorme quantidade de alunos a assistir, as escadas e o espaço à frente do palco ficam ocupados por estes. Nestes lugares e, consequentemente, nestas condições, torna-se impossível escrever e desenhar pela ausência de uma mesa de apoio e de um assento condigno. O problema não residirá no auditório, mas sim da falta de adaptação da faculdade a esta realidade.

Perante as circunstâncias descritas é efetivamente posta em causa a suposta melhoria qualitativa das condições de ensino face ao aumento da população.

Para a concretização de um bom projeto é imprescindível o diálogo, a partilha, condições de trabalho adequadas e tempo para conferir maturidade às ideias. Para tudo isto é imperioso existir espaço.

1.1. INQUÉRITO

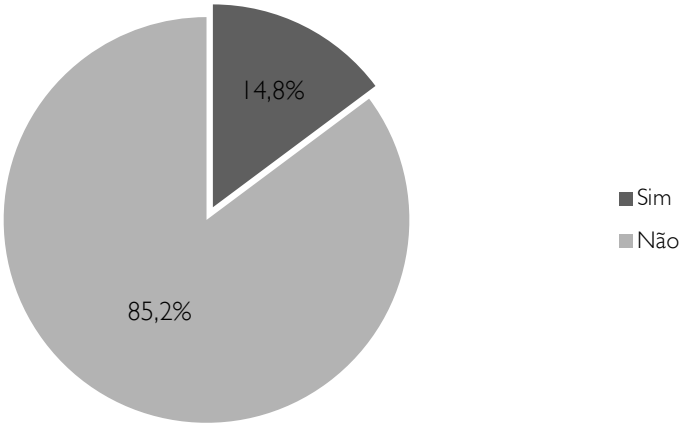
No seguimento do pensamento descrito anteriormente face ao problema exposto e de maneira a que se conheçam as opiniões dos estudantes em relação ao mesmo, decidiu-se realizar um questionário online conciso e de resposta simples.

Este questionário é composto por oito perguntas, sendo que sete são de resposta fechada (escolha múltipla) e uma delas, a última, de resposta aberta em que o inquirido tem a possibilidade de manifestar a sua opinião. Os dados apresentados correspondem à participação de 433 alunos inscritos e a frequentar o curso de Mestrado Integrado em Arquitetura na Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto no ano letivo de 2018/2019.

Apresentam-se de seguida as questões efetuadas. Cada uma inclui a alusiva percentagem que advém das respostas dadas pelos estudantes.

Questão 1: Pensa que as salas de aula da FAUP são suficientes?

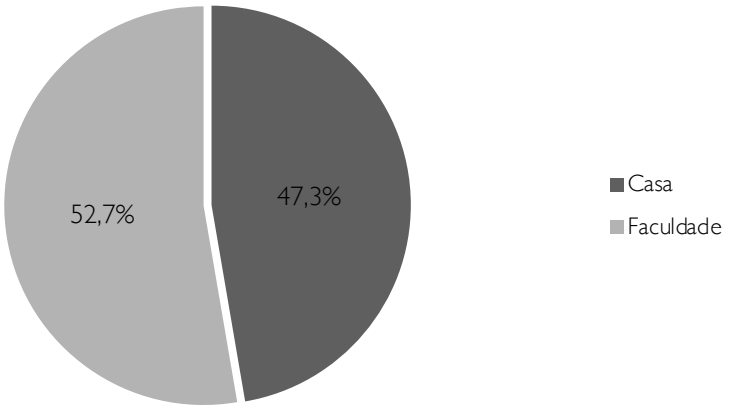
Respostas:



A grande maioria dos alunos – 85,2% (369 de 433) – considera que as salas de aula não são suficientes, enquanto que apenas 14,8% (64 de 433) dos inquiridos se encontram satisfeitos com o número atual de salas da Faculdade.

Questão 2: Costuma fazer as maquetes em casa ou na faculdade?

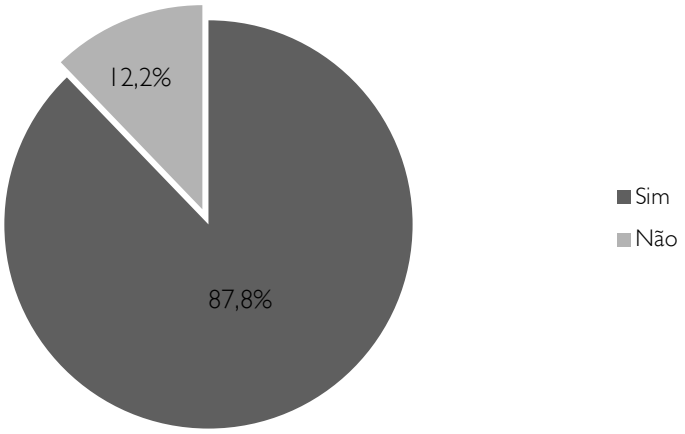
Respostas:



O local de eleição para a execução das maquetes encontra-se dividido entre casa e faculdade por uma percentagem aproximada. A primeira opção, casa, com uma taxa de resposta de 47,3% (205 de 433) e a segunda opção, Faculdade, com 52,7% (228 de 433).

Questão 3: Gostava que a Faculdade tivesse um local próprio para os alunos fazerem as maquetes?

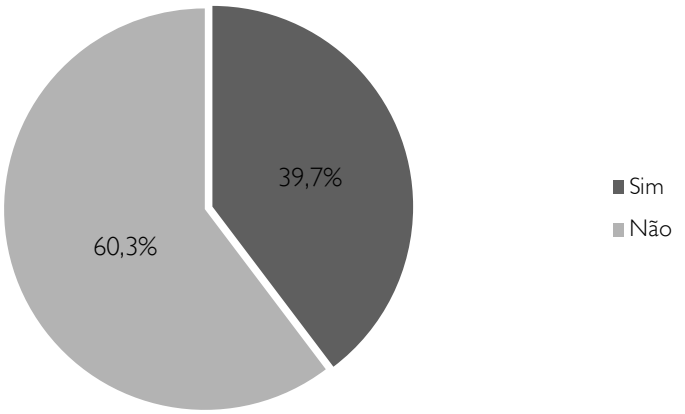
Respostas:



No presente gráfico, 87,8% (380 de 433) dos estudantes referem que gostavam que na faculdade existisse um local próprio para a execução das maquetes. Apenas 12,2% (53 de 433) referem que não.

Questão 4: Pensa que os auditórios existentes na Faculdade são suficientes?

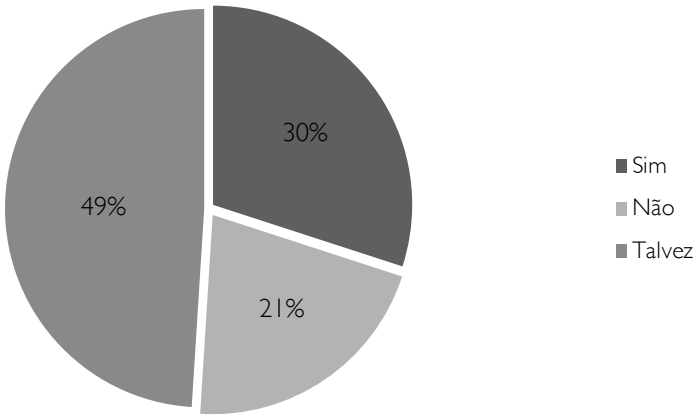
Respostas:



Para 39,7% (172 de 433) dos alunos os auditórios são suficientes. Por outro lado, 60,3% (261 de 433) referem que os mesmos não são suficientes.

Questão 5: Gostava que a Faculdade tivesse a opção de realizar o curso em horário pós-laboral?

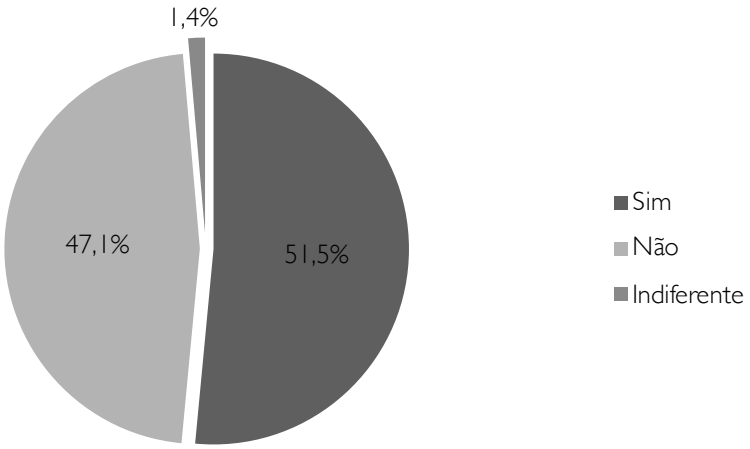
Respostas:



Neste gráfico, a maior parte dos alunos encontra-se recetiva à proposta opção de realizar o curso em horário pós-laboral. 30% (130 de 433) dos estudantes respondem sim e 49% (212 de 433) respondem talvez. Apenas 21% (91 de 433) dos estudantes respondem não.

Questão 6: Gostaria que no futuro as instalações da Faculdade abrangessem outros cursos, tais como Design de Produto e Arquitetura Paisagista?

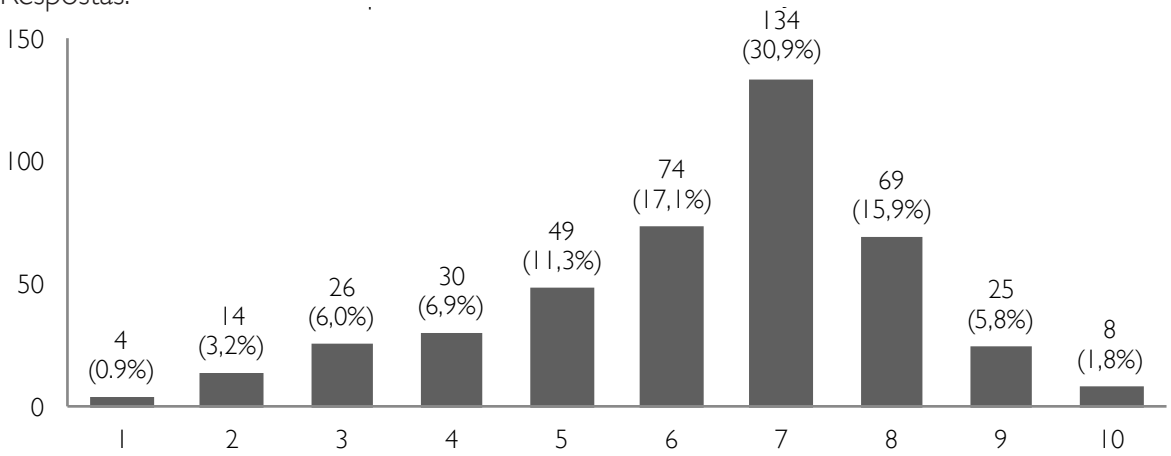
Respostas:



Os alunos que responderam sim a esta questão correspondem a uma percentagem de 51,5% (223 de 433). Os que responderam não correspondem a 47,1% (204 de 433) e os que responderam indiferente correspondem a 1,4% (6 de 433).

Questão 7: De 1 a 10 quão satisfeito está com as instalações da FAUP?

Respostas:

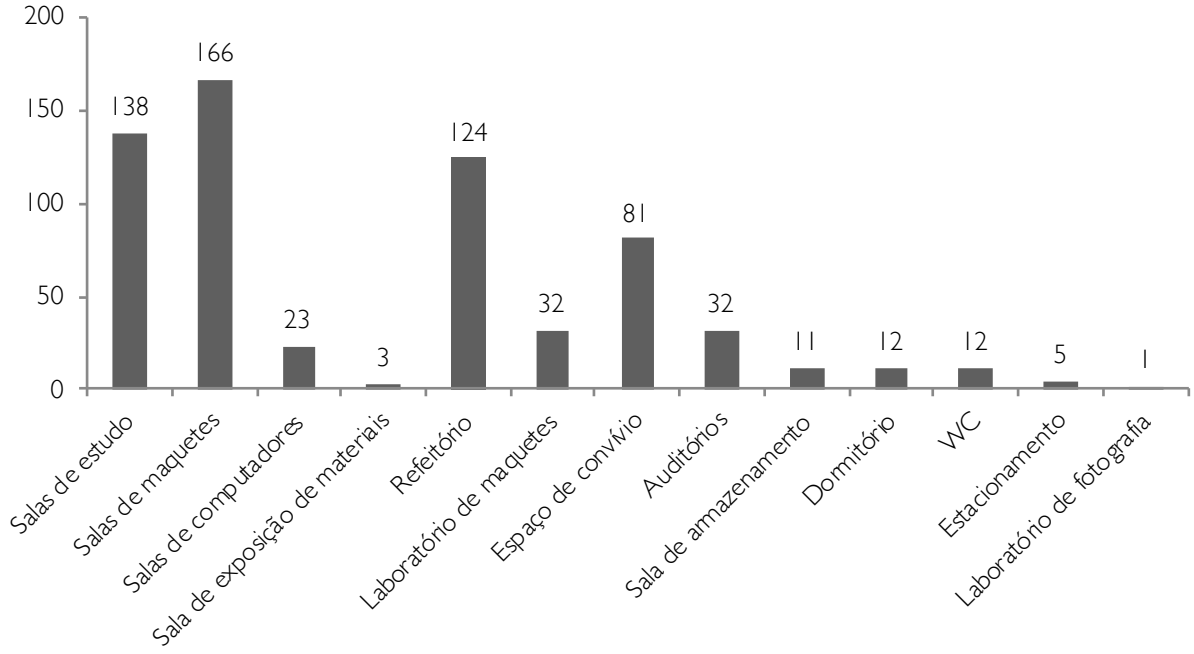


Através do presente gráfico podemos perceber que a escala com mais alunos é a 7. Existe uma predominância nas respostas das escalas de 5 a 10. Isto transmite-nos a ideia de que a grande maioria dos alunos se encontra relativamente satisfeita com as instalações da FAUP, considerando, no entanto, relevante a implementação de uma melhoria.

Questão 8: O que pensa estar em falta na FAUP em termos de espaço para o aluno?

Algo que considere mais urgente.

Respostas:



A última pergunta deste questionário é, como já indicado, uma pergunta de resposta aberta. Através das várias respostas expressas pelos alunos criaram-se tópicos comuns e posteriormente efetuou-se a contagem do número de pessoas que referiram determinado tópico.

Como podemos perceber, 304 alunos (138 + 166) referem que salas de estudo e salas para a realização de maquetes são os espaços de mais urgente necessidade. De seguida é mencionado um refeitório, por 124 alunos, e um espaço de convívio, por 81 alunos. Sucedem auditórios, enunciados por 32 estudantes, laboratórios de maquetes, enunciados igualmente por 32 estudantes, salas de computadores, por 23 estudantes e outros espaços como sala de armazenamento, dormitório, casas de banho, estacionamento, sala de exposição de materiais e laboratório de fotografia que são referidos por uma minoria de estudantes.



[71] Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto destacada a cores e envolvente

2. A PROPOSTA

2.1. CONCEITO

Tomou-se como ponto de partida para a conceção deste projeto a identificação de um problema.

A arquitetura intenta responder às necessidades da sociedade através da identificação de um ou vários problemas. Desde os primórdios da raça humana que atua como a unidade básica de abrigo, fazendo dela a primeira arte. Tendo-se desenvolvido ao longo do tempo, quer pelos avanços tecnológicos, como programáticos ou materiais, o seu propósito mantém-se o mesmo, acolher o Homem resolvendo alguma questão. Foi a partir desta pergunta intemporal: "qual o problema existente e como o poderei resolver?", que se iniciou este projeto. Identificado o problema – o atual elevado número de alunos inscritos em relação ao espaço existente, revelando-se este último insuficiente – definiu-se o arranque desta dissertação.

Este ponto de partida foi confirmado como pertinente, através do inquérito realizado à comunidade estudantil, que se mostrou insatisfeita com as instalações atuais da faculdade. Foi através dele que se perceberam quais os campos em que se poderia atuar e qual o programa que poderia ser eleito como o mais adequado para este projeto.

Foi indispensável a identificação e análise dos diferentes contextos referentes ao presente local em que se está a intervir, mais propriamente à Faculdade de Arquitetura, obra de Álvaro Siza. Para um melhor entendimento, foi necessário estudar a história da cidade do Porto, a história da Universidade do Porto bem como as fases desta Faculdade e o autor do seu atual edifício. Desta forma conseguiu-se um estudo fundamental para que se conhecessem as variadas condicionantes do lugar, as suas fases e as suas possíveis formas de ocupação. Este estudo deu a resposta a uma das perguntas iniciais "Quais as características específicas desta faculdade e de que forma poderá ser realizada uma proposta de projeto que as leve em consideração, gerando uma solução equilibrada?".

Esta componente teórica permitiu criar as bases essenciais para a projeção deste novo edifício, aliando, assim, teoria e prática. Estas duas atitudes são indispensáveis para a materialização de um bom projeto, pois o ensinamento de arquitetura assenta em ambas as bases, de maneira



[72] Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto destacada a cores e envolvente próxima



[73] Destaque a cores da parcela de terreno da FAUP destinada ao presente projeto

a que se analisem todos os contextos apreendendo ao máximo o lugar, a sua história e as suas condicionantes para se aplicarem de maneira positiva no projeto.

Posto isto, o conceito resultou de uma intenção, a de resolver o problema referido, tendo em conta todas as variantes estudadas e ultrapassando os obstáculos identificados ao longo do processo. Esta intenção reflete-se na criação de um edifício com a finalidade de ser utilizado maioritariamente por alunos.

Desenvolvendo-se, assim, um projeto de ampliação que tem como modelo a Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, foi elegido um terreno baldio junto à Casa Cor de Rosa. Foi através da análise deste modelo que se retiraram os principais conceitos para a materialização deste espaço. Houve a intenção de criar um complexo que fosse confortável, quer pela generosa área de espaços e pela tentativa de lhes oferecer uma iluminação natural, quer pela criação de espaços flexíveis que possam ser apropriados de diversas maneiras, conferindo um carácter polivalente ao projeto que nos faz pensar, não apenas no presente mas também no seu futuro.

As subdivisões internas foram desenvolvidas em duas partes: o piso rés-do-chão e o primeiro piso contém um caracter mais público, onde se inserem os auditórios, átrio, zonas de convívio e descanso; o piso -1 e o piso -2, onde se inserem as salas de apoio aos alunos, salas de estudo, sala de maquetes e laboratório de maquetes, bem como outra zona de convívio e descanso.

Esta subdivisão refletiu-se como a mais indicada para não existir interferência entre as diferentes zonas, ou seja, como os auditórios se situam no rés-do-chão, estes podem funcionar autonomamente sem que as restantes zonas do complexo tenham que estar abertas ao público. Todas estas áreas funcionam, interligadas através de um sistema de acessos vertical, através de escadas e de elevador, localizado na zona mais conveniente para ser possível anular a criação de corredores e de espaços labirínticos, dando uma melhor qualidade espacial aos espaços programáticos criados do mesmo.

Uma particularidade deste projeto é a existência de uma zona de banho que oferece aos alunos esta nova possibilidade. Serve como apoio a quem fica a trabalhar na Faculdade até tarde e não tem a facilidade de se deslocar até a sua habitação durante o horário noturno. Desta



[74] Vista sudeste do terreno



[75] Vista este da cota mais alta do terreno

forma criam-se e aliam-se, novos conceitos de habitar o espaço universitário, tentando responder a exigências do panorama social atual.

2.2. CONDICIONANTES DE DESENHO

A presente proposta teve como desafio inicial a eleição de um espaço em que se pudesse desenvolver o projeto sem interferir ou alterar o projeto preexistente. Por entre rampas, volumes de diversas formas e tamanhos e pátios elegeu-se uma parcela de terreno que ocupa um lugar praticamente desaproveitado e esquecido em frente à casa cor de rosa da quinta do Gólgota – ou quinta da Póvoa, como muita gente reconhece –, e justaposto à rua que delimita a sul a faculdade, a Via Panorâmica. É para este terreno, pertencente à Faculdade e que se encontra ao abandono, que se desenvolve o projeto exposto nesta dissertação.

Após esta decisão, a implantação do edifício repartiu-se ao longo do tempo em várias opções possíveis. Foram experimentadas diversas soluções, no entanto, decidiu-se que se iriam aproveitar os elementos já lá presentes, as escadas e o seu muro de sustentação, e alongar a viragem perpendicular do mesmo. Esta solução permitiu criar uma maior unicidade com o edifício atual da faculdade e o projeto original de Álvaro Siza e revelou-se como a melhor opção em termos espaciais para o programa definido.

Uma importante condicionante foi intentar oferecer a todos os espaços uma fonte de luz natural, pois um dos desafios foi o terreno apresentar apenas uma frente possível de fachada. Isto deve-se ao facto da sua implantação ser balizada a norte pelo murado do terreno da casa cor de rosa, a oeste pelas escadas e pelo seu muro de suporte e a este pela cota alta da Via Panorâmica. Esta característica induziu quase que instintivamente à criação de pátios que permitissem a iluminação dos espaços mais internos, fazendo da luz natural o elemento de eleição do projeto. Esta opção foi contrastada com a decisão de tornar a única frente de fachada possível cega criando assim no seu interior um momento de introspeção e na cobertura ajardinada o oposto, um momento de contemplação.



[76] Vista oeste da cota mais alta do terreno



[77] Vista este da cota mais alta do terreno

A opção de criar este volume maioritariamente como área estudantil resultou da interpretação dos dados obtidos através do inquérito e da conclusão a que se chegou de que na Faculdade de Arquitetura poucos espaços existem que sejam unicamente direcionados para um estudo não acompanhado.

Em relação ao programa, a ideia principal passa por oferecer aos alunos da faculdade salas de trabalho não acompanhado, salas para execução de maquetes e laboratório de maquetes. Este último apresentando as ferramentas atuais necessárias – como máquinas de corte a laser e máquinas de impressão 3D – para a realização de maquetes mais rigorosas e que despendam menos tempo na sua execução. Oferece-se também um espaço polivalente, composto por dois auditórios, que dê a possibilidade de realização de aulas teóricas, conferências ou eventos com maior conforto, permitindo um elevado número de pessoas a assistir.

A escolha da implantação, juntamente com a definição do programa, levou a um confronto e a um estudo exaustivo de qual seria a melhor maneira de criar e distribuir este espaço para os alunos. Há a intenção de sobrepor a qualidade à quantidade e de criar espaços confortáveis, amplos e com luz natural, anulando a existência de corredores e tornando, desta forma, todos os espaços em espaços de grande qualidade espacial.



[78] Planta de implantação, escala 1:2000



[79] Representação tridimensional do projeto enquadrado na envolvente

2.3. IMPLANTAÇÃO

Percebendo a responsabilidade de intervir num edifício tão emblemático e exemplar como o edifício da Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, projetado pelo prestigiado arquiteto Álvaro Siza, apresenta-se uma proposta que não entre em confronto com o projeto do autor, mas antes se funda com este – não se procurando o destaque do projeto apresentado mas sim a sua íntima coesão com a paisagem construída, resultando numa harmoniosa simbiose. Desta forma, pretende-se que a estrutura agora desenvolvida se encontre em equilíbrio com o projeto inicial, seguindo a sua linha de pensamento, quer a nível da volumetria, de linguagem e desenho, na mais pura interpretação, admitindo a crítica, ou mesmo a discordância do Arquiteto Álvaro Siza face à presente proposta.

Não descurando os traços do pensamento materializados por Siza neste terreno, a primeira intenção passou por não ignorar a implícita viragem do muro de sustentação da escadaria no lado oeste desta parcela da faculdade, dando valor a essa direção subentendida tornando-a no ponto chave para a criação da morfologia do edifício que ocupará esse espaço baldio.

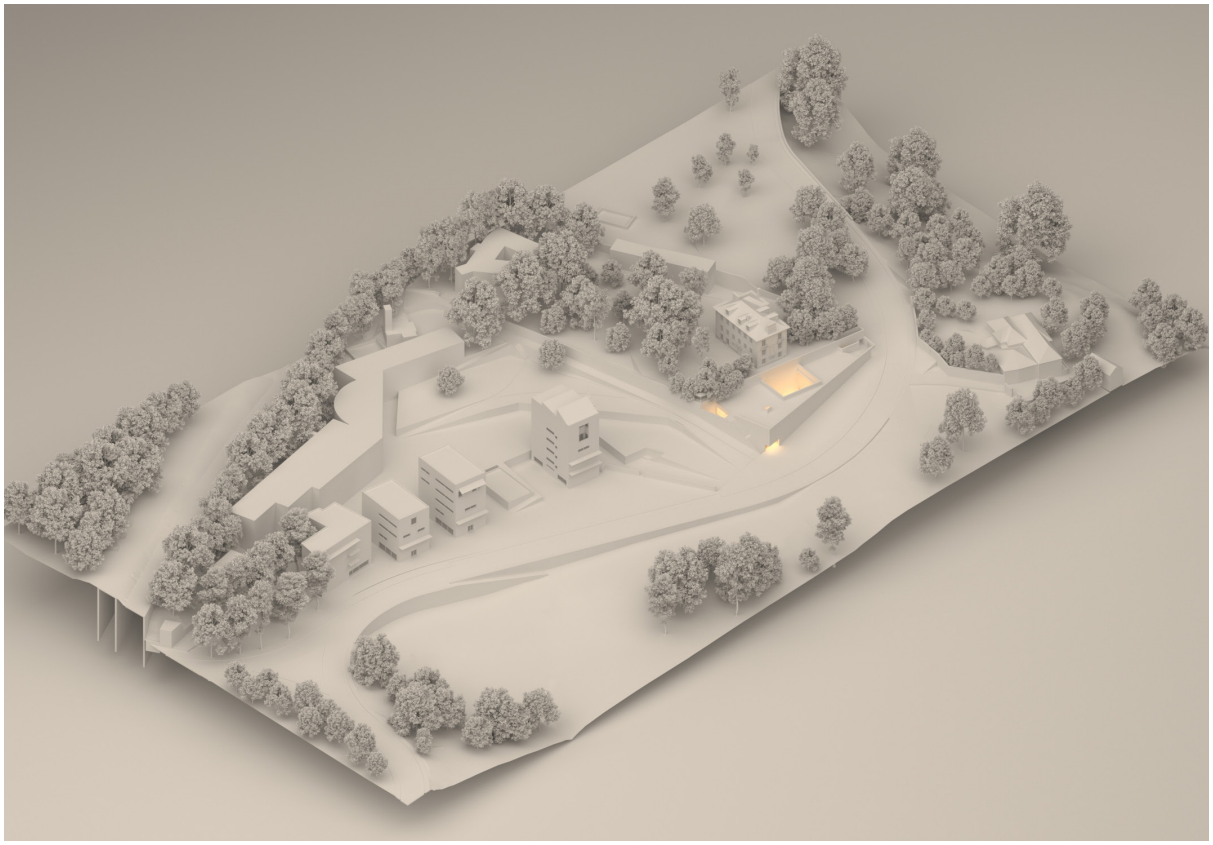
O volume ostenta uma forma trapezoidal aproximada a um triângulo que se insere no referido terreno, como se a ele sempre tivesse pertencido. Na verdade, o arquiteto já teria projetado um destino para aquele pedaço de terra abandonado – patamares ajardinados e pavimentados com vista para o rio Douro. O ponto de partida foi enaltecer essa intenção de implantação.

A ideia de abrigo transpôs-se metaforicamente na criação de um volume fechado para si mesmo, com uma fachada cega em que só quem lá entra percebe o que aquele muro de pedra, que à primeira vista nos parece banal, esconde. Um edifício contido em si próprio, em que tudo se desenvolve à volta de um pátio principal que corresponde a um negativo do volume da Casa Cor de Rosa.

Está presente o conceito de subtração. A partir da grande massa triangular subtrai-se esse pátio e outro de menores dimensões no lado oeste do projeto. Também no momento de entrada somos confrontados com um momento de subtração. Este acesso, pela variação do



[80] Representação tridimensional da implantação do projeto



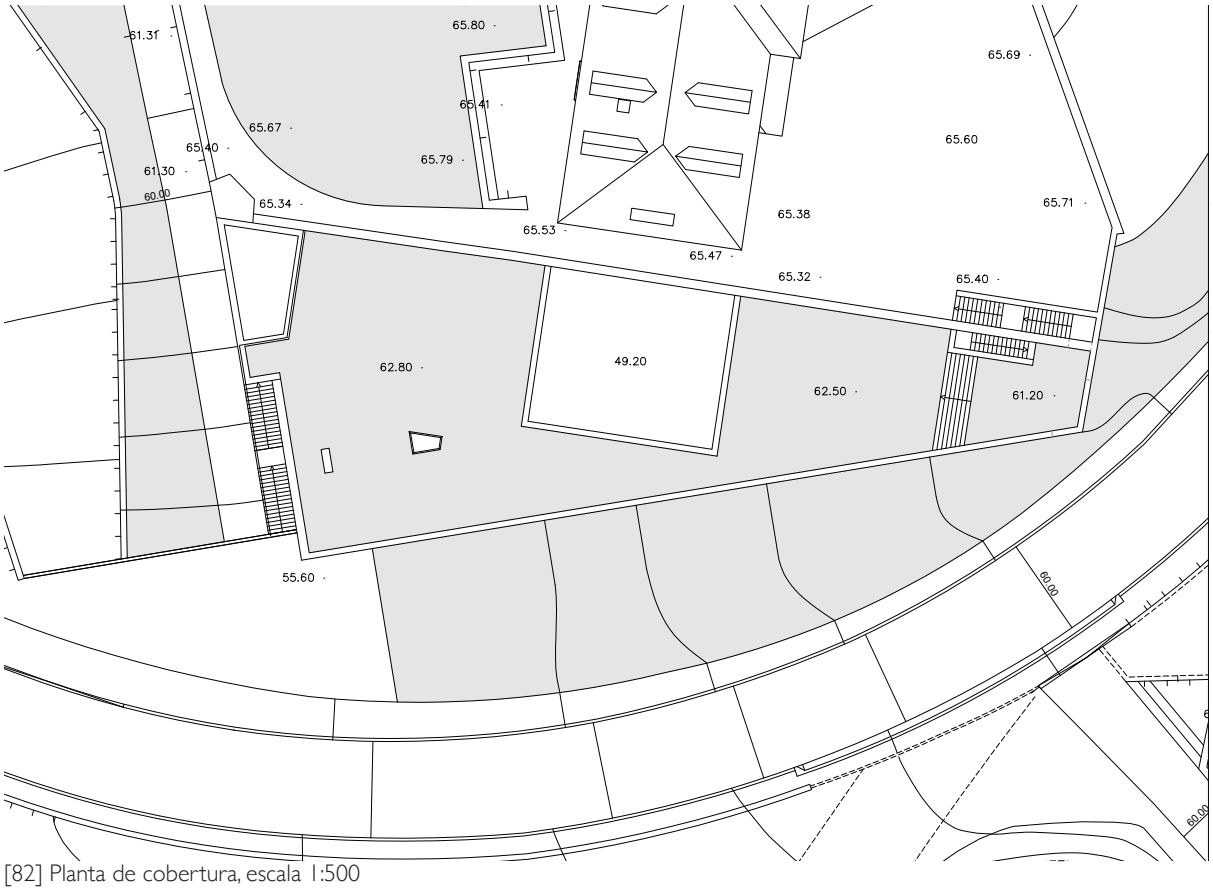
[81] Representação tridimensional da implantação do projeto

seu pé direito (primeiro baixo através do muro e depois alto pelo oco criado pelo vazio dos dois pisos), conduz-nos a um momento de acolhimento como se da entrada para uma gruta se tratasse. Uma gruta que se abre amplamente no seu interior transparente para quem por ela se aventura a entrar e a descobrir o que esconde.

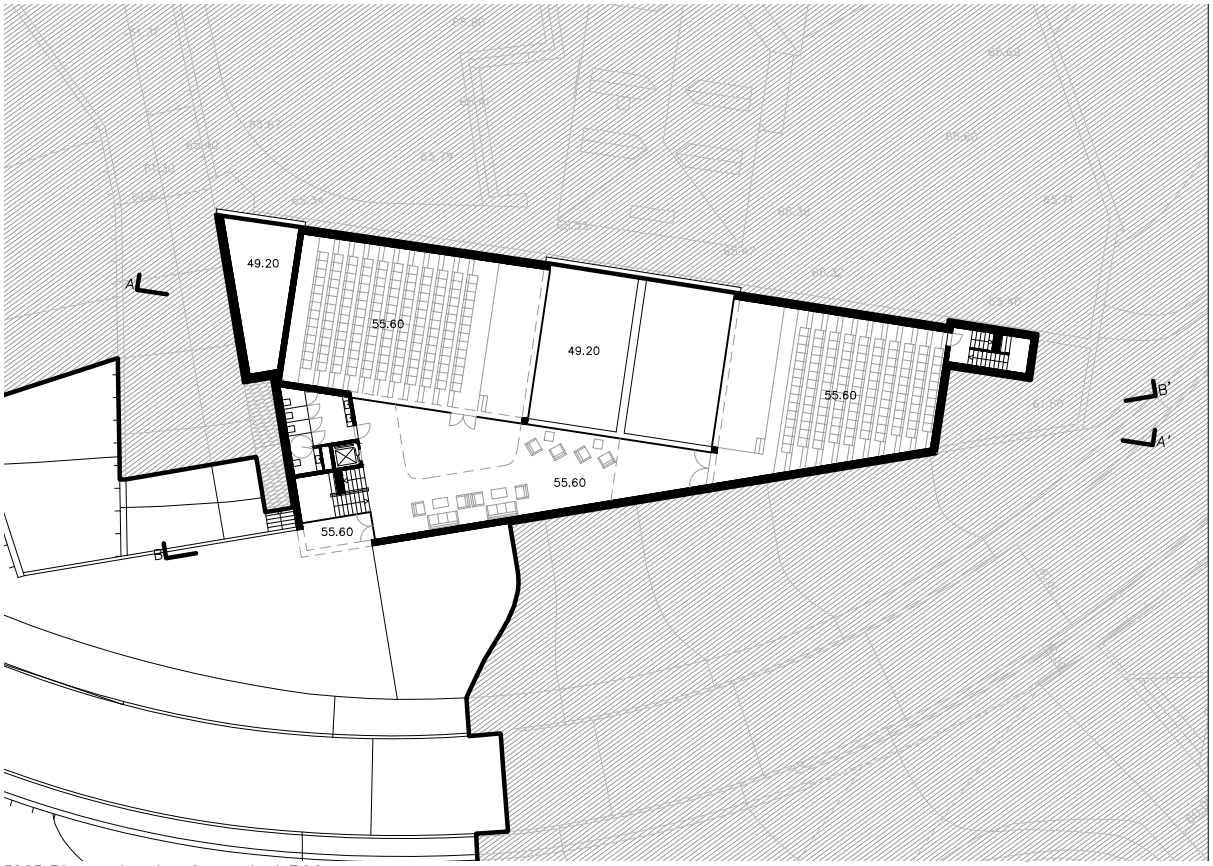
Um dos grandes ensinamentos que o atual edifício da faculdade nos dá é o de tirar partido dos declives naturais do terreno. Siza soube usufruir de forma positiva dos patamares existentes nesta área do Campo Alegre que ainda estaria com uma malha urbana indefinida. Para além destes socalcos, este terreno possui outra característica que o torna singular – a vista para o caudal e foz do rio Douro. Pode à primeira vista parecer que nesta proposta se ignora tal particularidade. Não obstante, o muro cego que nos tapa este panorama deslumbrante desde o interior do edifício, no seu topo oferece-nos uma grande cobertura ajardinada, um grande pátio, como uma espécie de bancada para apreciar a paisagem. É um confronto de opostos. Tal como os que existem na faculdade – transparência e opacidade, luz e sombra, alto e baixo. Este grande jardim superior pode ser acedido pela escadaria justaposta ao muro ou pela "falsa" entrada criada no encontro entre a cota mais elevada da Via Panorâmica e o muro de pedra circundante ao projeto, no extremo este – aludindo para o volume da entrada no extremo oeste da faculdade. Também existe uma nova ligação criada entre a cobertura e a casa cor de rosa através de um vão no muro de sustentação do patamar mais alto da faculdade, onde se situa a referida casa cor de rosa, o pavilhão Carlos Ramos e as salas adjacentes das cavalariças, vão este que dá acesso a uma escadaria que liga as duas cotas.

2.4. PISO 0

O piso 0 ou piso do rés-do-chão foi o primeiro piso a ser pensado. A primeira ação foi definir o local onde seriam colocados as escadas e o elevador, criando um núcleo de distribuição vertical. Devido à forma trapezoidal do edifício foram estudadas quais as melhores posições para este núcleo. O estudo foi iniciado com a colocação desta zona na fachada do pátio, no entanto, percebeu-se que o espaço seria mais rico se fosse desimpedido de obstáculos e percursos para



[82] Planta de cobertura, escala 1:500



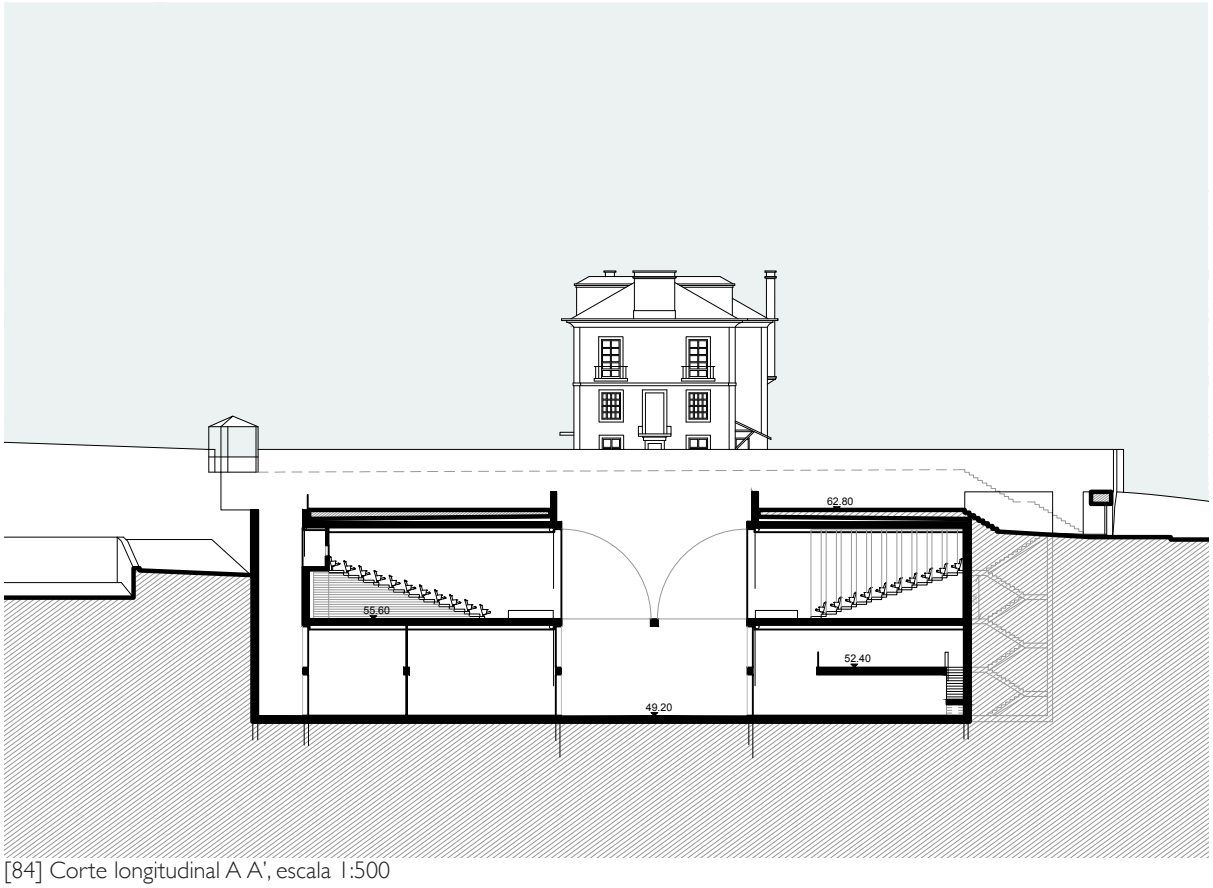
[83] Planta do piso 0, escala 1:500

que pudesse servir como espaço de estar e de contemplação deste pátio interior. Decidiu-se, posteriormente e depois de se terem feito vários estudos de onde seria a melhor localização, que a melhor solução passaria por colocar este núcleo num ponto em que não interferisse com outras áreas e que ocupasse uma posição mais 'escura', com menos luz natural, oferecendo essa hipótese de luz aos espaços de estar. Foi definido de igual forma o posicionamento da entrada principal. A localização deste acesso foi elegida na interseção do muro oeste já existente com o muro sul da fachada cega que se faz perpendicular ao mesmo. Este canto, onde se situa a referida entrada dá acesso a um átrio trapezoidal.

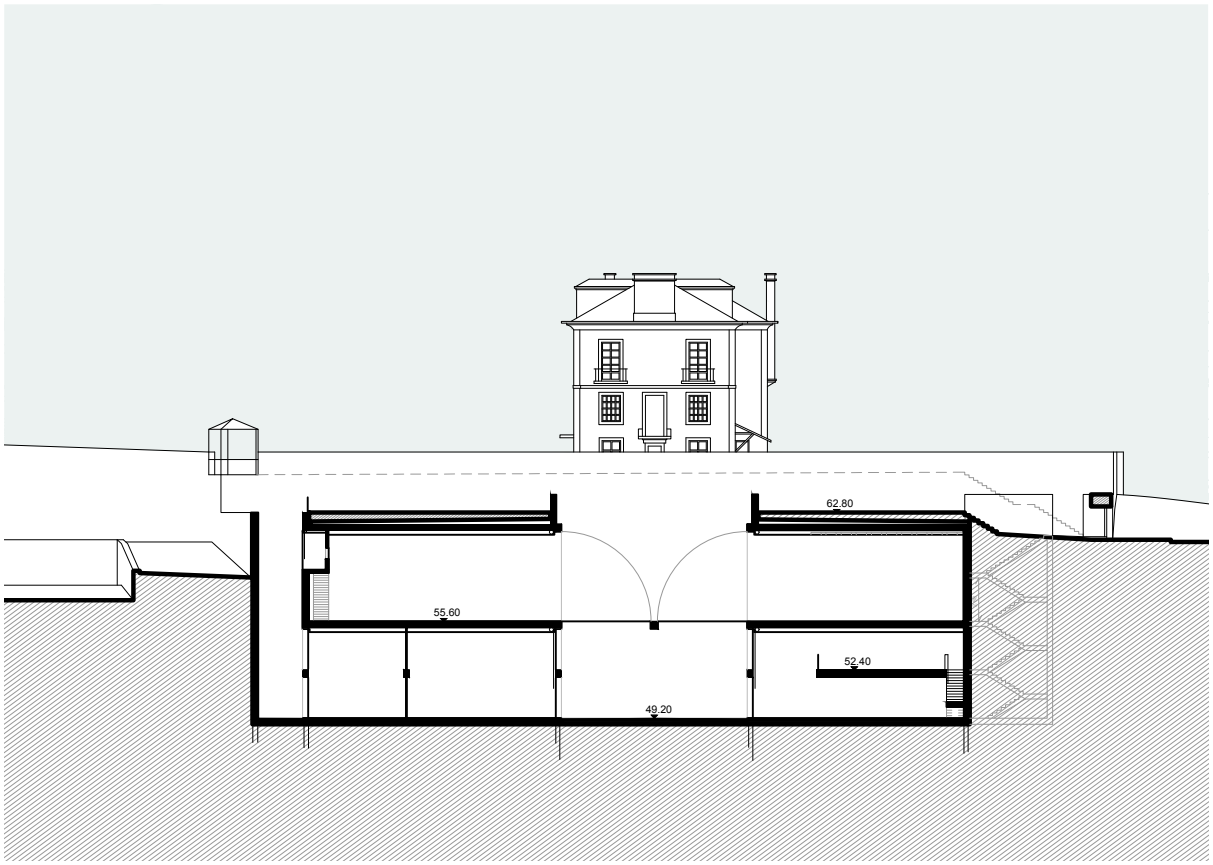
O espaço do átrio funciona como espaço de distribuição mas também como espaço de estar. Isto deve-se à sua forma, à sua área de grandes dimensões e à existência de mobiliário como sofás e mesas de apoio que oferecem vista para o pátio criado no centro do projeto. No extremo sudoeste do projeto e justaposto à entrada situa-se o núcleo de acessos vertical composto por escadas e elevador o qual possui uma zona de instalações sanitárias mistas a seu lado. Esta zona ocupa um lugar que permite a continuidade da parede do elevador regularizando a forma do átrio.

O átrio, com 130 m^2 e com um pé direito duplo numa zona em que recebe luz zenital do piso superior, permite o acesso a dois auditórios em posição espelhada e que são separados pelo pátio central.

Estes auditórios diferem na sua morfologia mas são semelhantes nas suas características espaciais. O auditório ortogonal, com 150 m^2, contém 154 lugares sentados, enquanto que o auditório irregular, com 140 m^2, contém 125 lugares sentados. Nestes espaços quis-se tirar partido das possibilidades tecnológicas atuais e recorrer à ideia da flexibilidade espacial a partir do exemplo do auditório Fernando Távora e da Sala Plana, do edifício da Faculdade de Arquitetura da autoria de Álvaro Siza. Estas salas, através de uma parede rebatível verticalmente graças a um sistema hidráulico, podem ser conectadas espacialmente criando uma sala única de maiores dimensões. Da mesma maneira ambicionou-se criar uma idêntica possibilidade de conjugação espacial entre os dois auditórios. Passa a ser possível conectar estas duas áreas através de um sistema de rebatimento das fachadas de vidro que por sua vez apoiam numa viga central presente



[84] Corte longitudinal A A', escala 1:500



[85] Corte longitudinal A A', escala 1:500

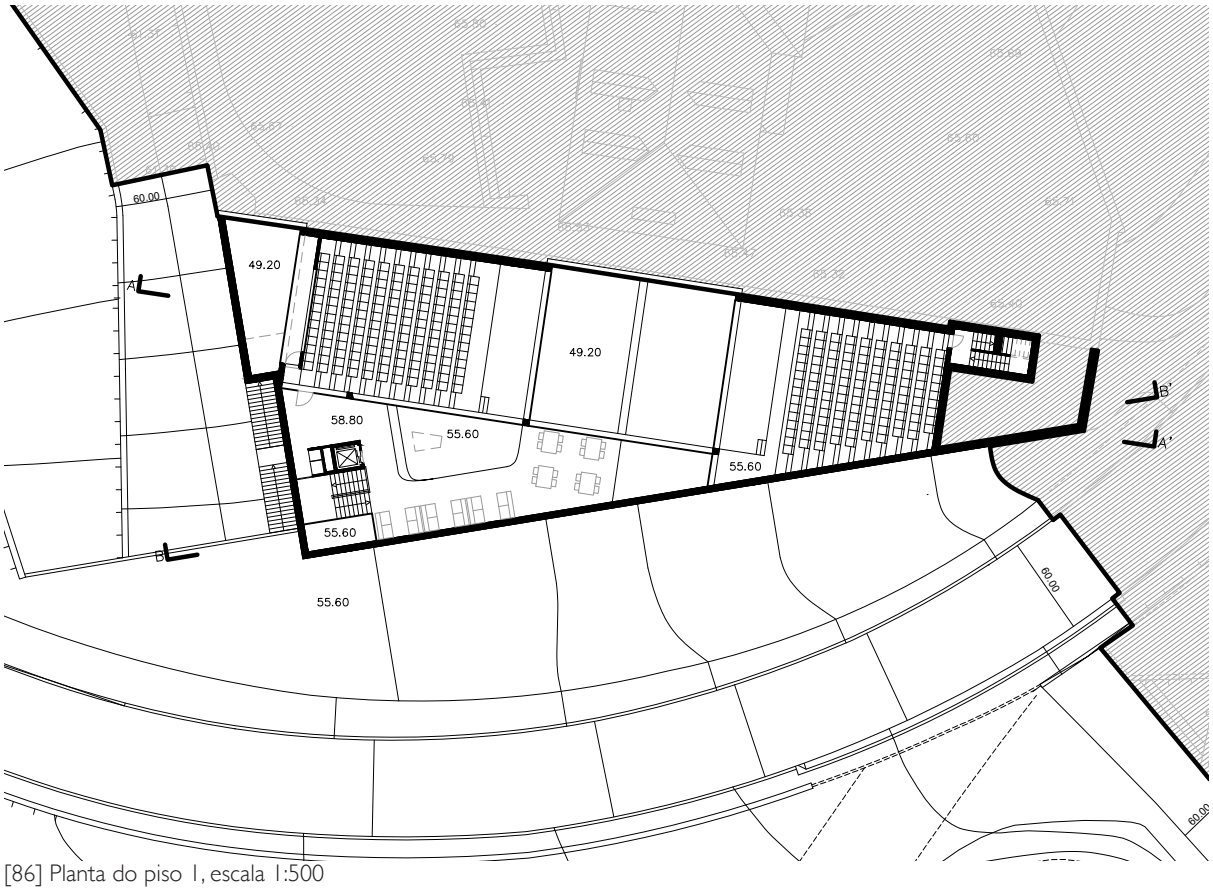
sobre o pátio. Este sistema permite a abertura espacial entre ambos os espaços e permite de igual forma albergar eventos de maiores dimensões como palestras, atividades lúdicas ou mesmo criar uma grande sala de aula ou de trabalho ao ar livre com 414 m^2.

Esta característica é aliada à possibilidade de se rebaterem as bancadas, por serem bancadas telescópicas, as quais na sala ortogonal rebatem horizontalmente e na sala irregular verticalmente devido à sua morfologia trapezoidal. O mesmo acontece com os palcos que também são móveis e facilmente desmontáveis. Esta particularidade confere a estes espaços uma maior flexibilidade pois tanto podem funcionar como auditórios ou como salas polivalentes beneficiando de luz natural através dos grandes panos de vidro das fachadas do pátio.

2.5. PISO 1 e PISO -1

Subindo um piso através do núcleo de acessos vertical chega-se ao piso 1. Este piso superior resulta de um aproveitamento do pé direito duplo do átrio. É criado um grande mezanino que funciona tanto como acesso ao patamar superior e à régie do auditório ortogonal como espaço de estudo, estar e refeição, devido à existência de mobiliário e de máquinas dispensadoras de comida atrás do volume do elevador.

O espaço do piso 1, com 100 m^2 e 40 lugares sentados, apresenta uma claraboia zenital que permite iluminar não só o próprio piso como o inferior através do vão criado na laje que forma o mezanino. A guarda deste é formada por um muro de meia altura que no lado esquerdo se transfigura num banco corrido, adquirindo o mesmo material utilizado no pavimento, a madeira. A escolha deste material para o pavimento de todos os pisos exceto instalações sanitárias, deve-se à intenção de conferir ao projeto um ambiente doméstico e confortável para os seus usuários. Um outro ponto de luz natural existente é a parede interior que circunda a área de entrada. Esta é composta por vidro em toda a sua altura e largura o que permite, para além de iluminar indiretamente uma zona com pouca luz, criar uma ligação visual com quem entra no edifício no piso inferior. Neste piso tal como em todos os outros, a fachada do pátio central e as paredes dos restantes compartimentos, exceto instalações sanitárias e núcleo de acessos vertical,



[86] Planta do piso 1, escala 1:500



[87] Planta do piso -1, escala 1:500

são formadas por panos de vidro que permitem a permeabilidade visual entre todo o edificio incluindo os pátios. A régie deste auditório beneficia igualmente de um pano de vidro junto à fachada, virado para o pátio de menores dimensões, o que permite a sua iluminação e a criação de uma maior área útil para este espaço.

Relativamente ao piso -1, com área semelhante de 105m^2, existem 19 lugares sentados. Existem igualmente máquinas dispensadoras de comida no mesmo local do piso 1, e um espaço de duche ao lado das escadas com a forma da entrada do piso superior.

Ao contrário do mezanino superior, com carácter mais público e de repouso, este apresenta um carácter mais privado e de estudo. Isto deve-se à sua localização ser nos pisos inferiores ao átrio principal. Estes pisos (-1 e -2) são direcionados para o estudo não-acompanhado dos alunos. Por tal, este espaço é composto por mesas e cadeiras e possibilita a ligação visual com o piso inferior, onde se situa o átrio de acesso às salas e laboratório no qual existe igualmente mobília direccionada ao estudo.

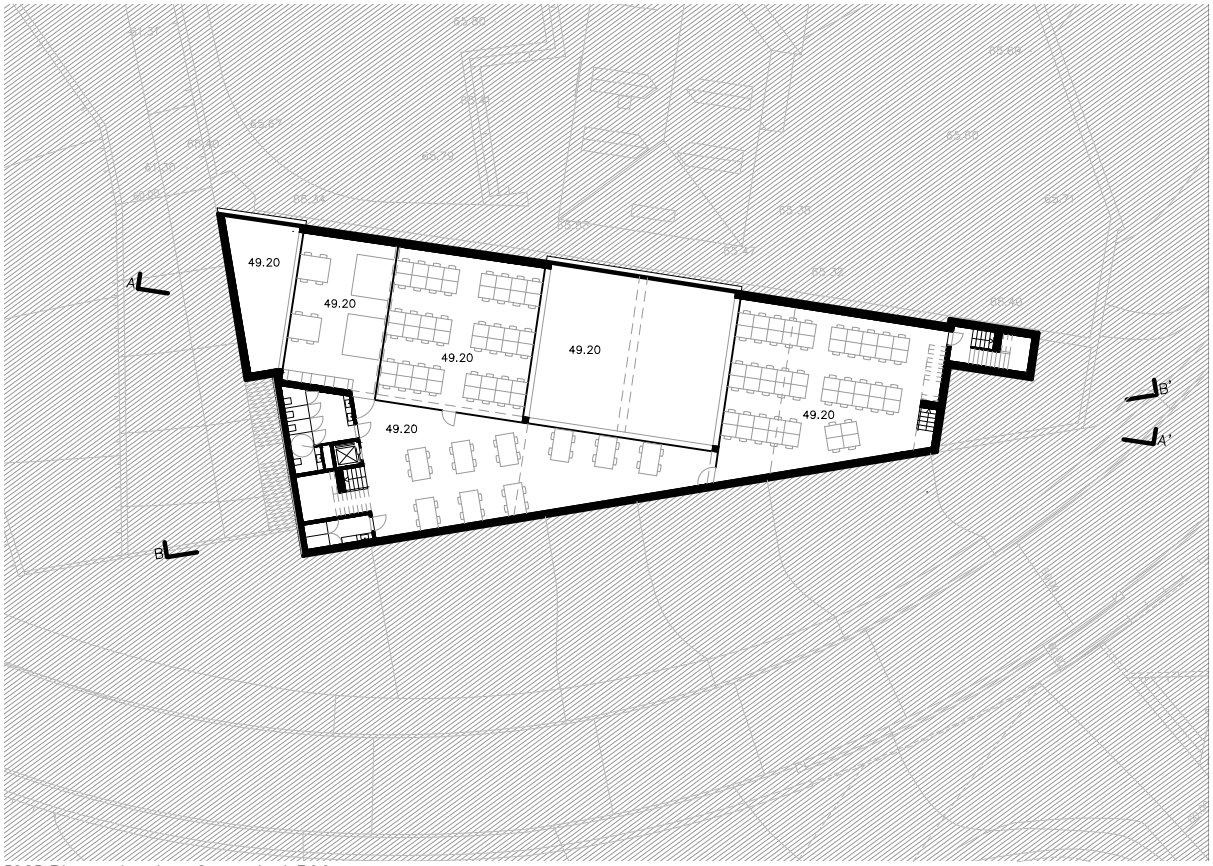
Os mezaninos que se criam no piso 1 e -1 geram áreas de estudo e lazer que funcionam como momentos de transição e ligação entre os restantes pisos e que podem igualmente adquirir outras funções ou outras finalidades. Estes vãos criados nas lajes permitem igualmente uma maior unicidade entre os espaços através do contacto visual que possibilitam e uma melhor iluminação dos mesmos.

2.6. PISO -2

O piso -2 é composto pelas três áreas direcionadas para os alunos que mais foram requisitadas no inquérito e que se pensa serem indispensáveis para o apoio ao estudo do curso de arquitetura desta faculdade. Foi através da definição do átrio do piso do rés-do-chão que se definiu também este piso e os restantes. É neste patamar que se consegue aceder ao pátio central. O acesso é feito através das janelas de batente que compõem as fachadas de vidro. Este pátio tem como pavimento lajes de granito serrado, sendo possível a sua apropriação tanto como espaço de lazer como de trabalho. No mesmo piso encontramos duas salas direcionadas



[88] Corte longitudinal B B', escala 1:500

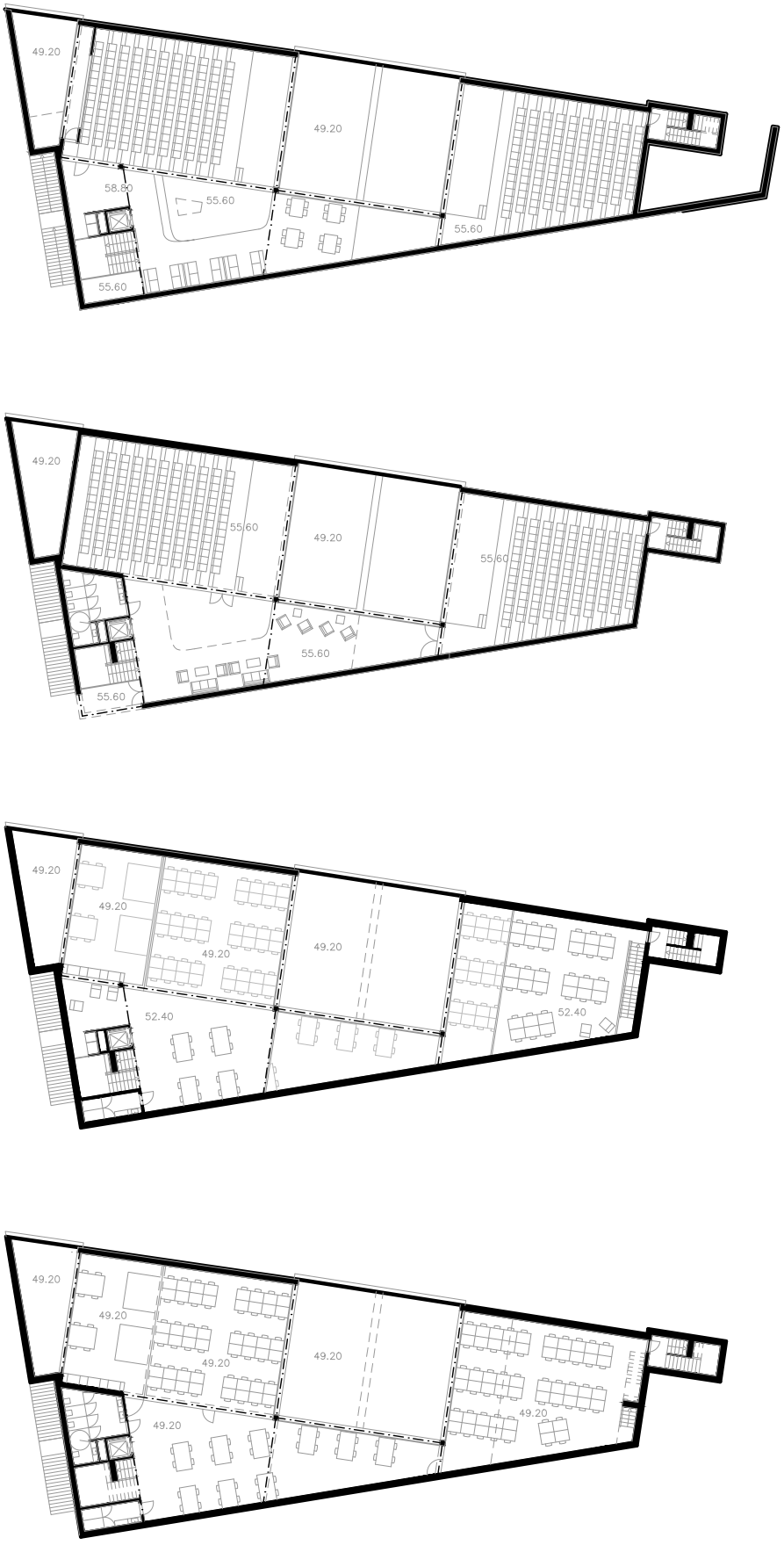


[89] Planta do piso -2, escala 1:500

para o estudo e para a realização de maquetes, a que se situa a este do pátio com capacidade para 84 alunos e a que se situa a oeste do pátio com capacidade para 48 alunos. A sala com maior capacidade, com 235 m^2, é composta por um piso superior em forma de mezanino e permite uma conexão entre os dois pisos através de umas escadas no lado direito. O vão criado na laje desta área permite uma melhor iluminação até ao fundo da sala pois este encontra-se no lado da fachada desimpedindo a passagem da luz de um piso para o outro e permitindo o contacto visual entre os dois patamares. A guarda do mezanino é metálica permitindo uma maior unicidade do espaço quer a nível de iluminação como de visibilidade. A laje deste patamar é representada na fachada de vidro através de uma viga com a mesma dimensão e repetida na fachada da sala do lado oposto do pátio tal como na fachada do pátio secundário. A sala com menor capacidade, com 95 m^2, apresenta um pé direito duplo conferindo-lhe uma maior abertura espacial e diferenciando-a da anterior de forma a oferecer aos seus usuários, os alunos, uma experiência diferente de apropriação do espaço.

Ambas as salas possuem mesas de trabalho e cadeiras que podem ser facilmente dispostas de outra forma ou mesmo retiradas conferindo aos espaços flexibilidade. Esta característica de flexibilidade espacial está presente em todo o projeto assim como no átrio do piso -2 que pode servir como exposição de maquetes de alunos ou outros trabalhos ou que pode ser de igual modo preenchido com mobiliário de apoio ao estudo e criar-se, assim, um espaço de estudo intermédio a todas as salas como representado na imagem 89.

Quanto ao laboratório de maquetes, com 60 m^2, este possui menores dimensões e localiza-se agregado ao pátio secundário beneficiando, igualmente, de luz natural. Este espaço possui um carácter mais técnico, de oficina, razão pela qual foi escolhida a sua disposição neste ponto do edifício. Apresenta-se como uma sala com características únicas que possibilita o acesso ao pátio através das janelas de batente que se abrem para este e que permitem uma ventilação exclusiva desta sala. Este laboratório inclui duas máquinas de corte a laser e três máquinas de impressão 3D tal como duas mesas com um total de 8 lugares que servem como apoio à utilização das referidas ferramentas de trabalho. Esta sala possui igualmente um pé direito duplo o que permite aos odores não se condensarem tão rapidamente no espaço.



[90] Malha estrutural, escala 1:500

Este piso e o piso -1 têm uma característica diferenciadora e excecional que não é comum num espaço de uma faculdade. No piso -2 existe uma instalação sanitária mista na mesma posição que a do átrio de entrada no piso do rés-do-chão, e no lado oposto das escadas, existe um compartimento que permite aos alunos tomarem um duche quando ficam a trabalhar na faculdade de um dia para o outro ou vários dias até. Esta característica existente nos dois pisos foi bastante discutida entre os alunos e tomada como pertinente e útil para esta faculdade. Juntamente com os sofás existentes no piso do rés-do-chão e no piso 1, estes dois elementos - higiene e descanso -, representam neste projeto um ponto importante razão pela qual se incluem neste edifício. Ainda que de maneira subtil, pensa-se que desta forma se consiga solucionar este problema. Quem costuma pernoitar na faculdade em época de entregas finais de trabalhos, e não só, encontra nesta proposta uma maior comodidade.

2.7. SISTEMA CONSTRUTIVO

Sendo este projeto um edifício com dimensões consideráveis e que é balizado em duas frentes por solo, elege-se a sua estrutura como um sistema misto entre estrutura metálica e betão armado composto por lajes fungiformes nervuradas apoiadas em vigas, pilares e paredes estruturais.

Resultante da implantação do edifício, reaproveita-se o muro oeste existente que contém a escadaria e melhora-se o mesmo para que este apresente as condições necessárias para responder às exigências estruturais do projeto. Quanto ao muro de sustentação do patamar elevado da casa cor de rosa o objetivo seria reforçá-lo e mantê-lo com a mesma morfologia e material – pedra – prolongando o mesmo até à base do pátio central criando dessa forma a ideia de que ele já se estenderia até aquela cota. Quanto ao edifício em si, como referido, ele é maioritariamente constituído por um sistema de lajes fungiformes que por sua vez apoiam quer em paredes estruturais quer em pórticos de estrutura metálica. Esta solução permite criar grandes vãos livres desimpedindo os espaços da presença de pilares. As paredes estruturais são as que formam o contorno do projeto pois o interior deste edifício foi concebido como uma



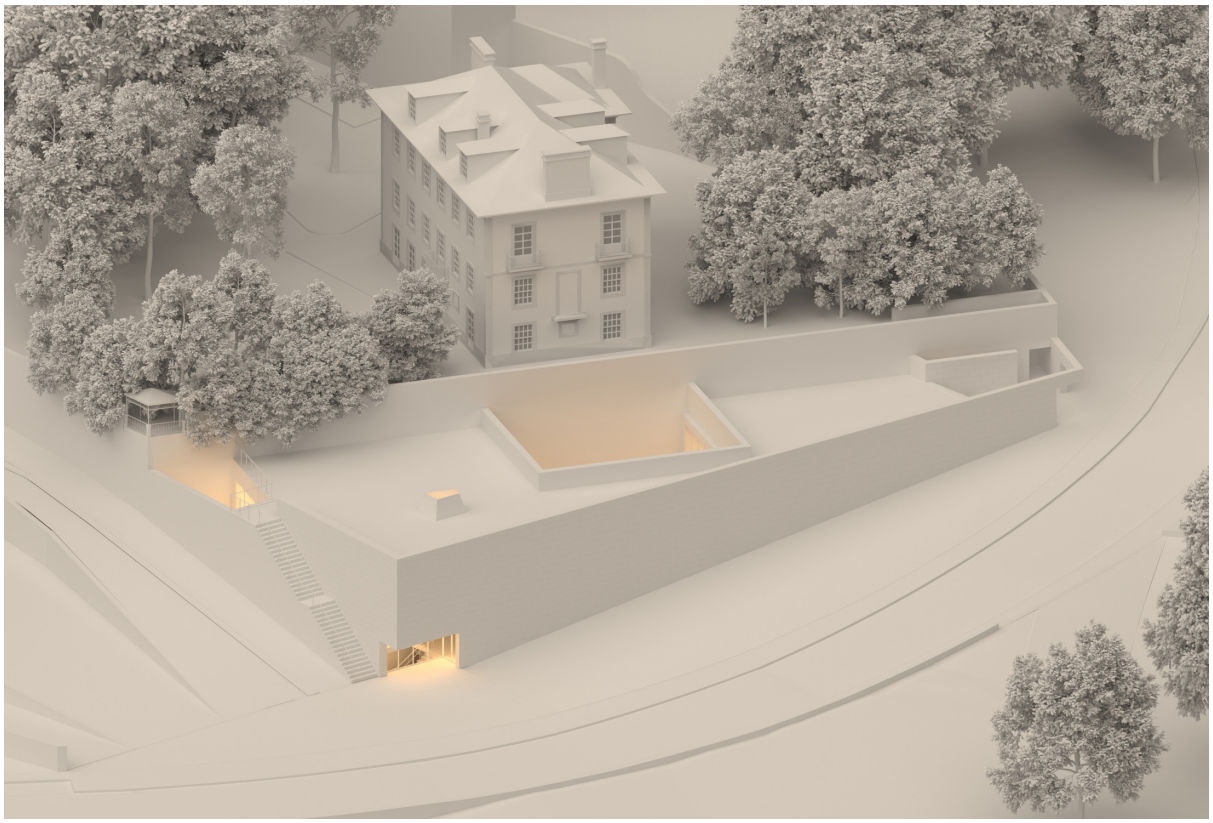
[91] Representação tridimensional do pátio central e espaços internos do projeto

caixa de vidro em que se consegue ter uma permeabilidade visual entre todos os espaços. A caixa do elevador funciona como um elemento de sustentação assim como a das escadas. Para além disso, e para responder às exigências legais de segurança vigentes, é colocada uma nova caixa de escadas no lado este do projeto a qual funciona como saída de emergência interligando e permitindo o acesso desde todos os pisos até à sua saída na cobertura. A cobertura é ajardinada e acessível. O facto de adotar esta solução com paredes portantes e os núcleos de acessos como elemento estrutural contribuem para uma maior segurança estrutural funcionando também como elementos de contraventamento.

Quanto aos materiais, o pavimento das áreas é em madeira exceto nas instalações sanitárias que é em placas de mármore, idêntico ao utilizado na faculdade, assim como o revestimento das suas paredes. Nos restantes espaços, as paredes e tetos são em reboco branco com rodapé invertido e as paredes transparentes são compostas por caixilhos de vidro triplo. Os auditórios têm a particularidade de serem revestidos a madeira tanto no pavimento como em duas paredes e teto e em placas de vidro triplo reforçado nas outras duas paredes, criando um maior conforto e acústica. Exteriormente, o edifício é revestido por blocos de pedra granítica com tratamento e forma idêntica aos já presentes no muro que contém as escadas exteriores pré-existentes de forma a manter a unicidade de todo o conjunto.



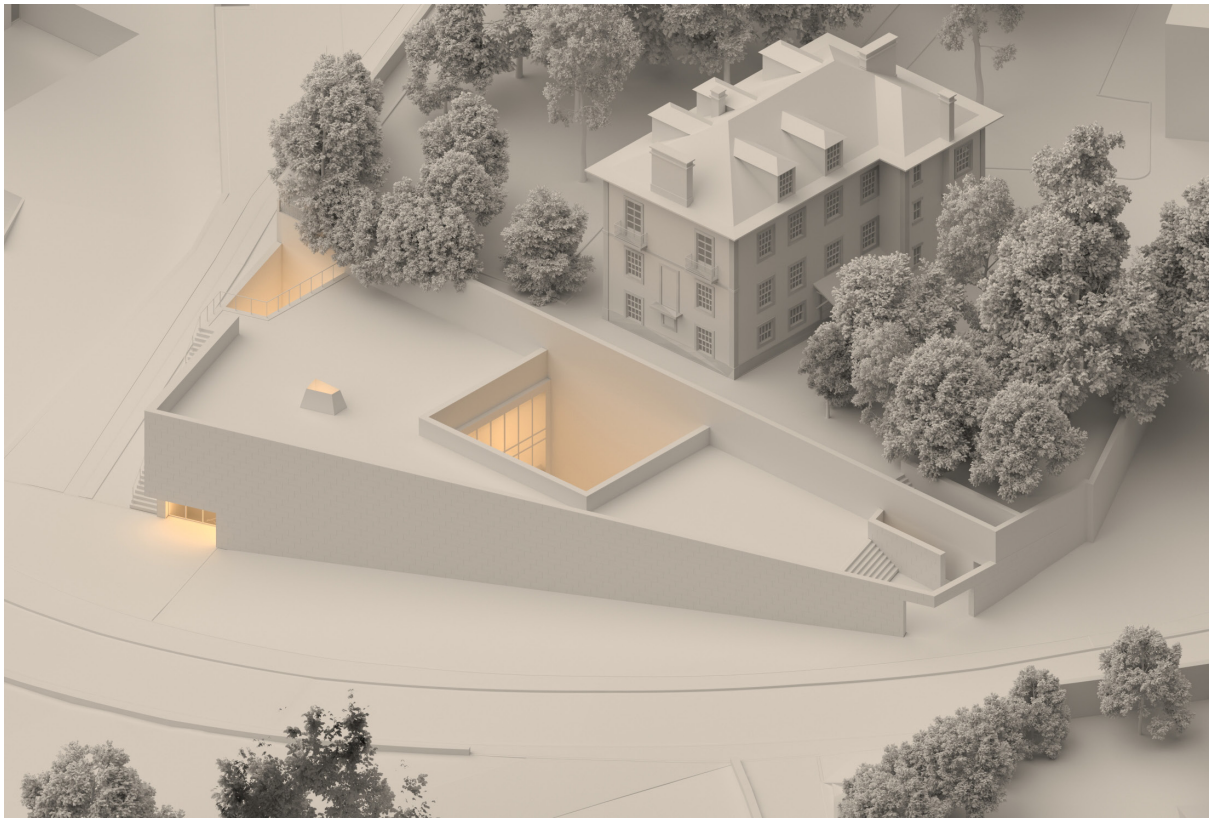
[92] Representação tridimensional das fachadas sul e oeste do projeto



[93] Representação tridimensional do projeto



[94] Representação tridimensional do projeto e envolvente próxima



[95] Representação tridimensional do projeto



[96] Representação tridimensional da fachada sul e este do projeto com acesso à cobertura

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Posto isto, sabendo que o problema da falta de espaço na Faculdade de Arquitetura é um entrave muito grande para a qualidade das aulas, apresenta-se esta proposta de projeto como uma possível solução.

Foi através da investigação da história e da expansão urbana do Porto que se conseguiu perceber a origem da malha atual da cidade. Pela razão de a FAUP se encontrar implantada numa zona que não teria um planeamento consolidado, foi com este primeiro estudo que se introduziu a temática a ser explorada, abrindo, assim, um caminho para uma maior aproximação ao terreno intervencionado. Esta aproximação foi feita através da pesquisa de informação sobre a Quinta do Gólgota onde se pôde entender o que terá sido antes de ser o que é.

Em virtude desta investigação, não se poderia deixar de analisar a história da Universidade do Porto – a entidade que comprou a quinta acima referida e que ao longo do tempo foi determinante para o desenvolvimento da cidade. Este capítulo foi do mesmo modo imprescindível para se conhecerem as várias fases de ampliação deste instituto e o seu alastramento desde o centro até à periferia da cidade do Porto.

No seguimento desta primeira parte, conhecer a história da Faculdade de Arquitetura foi igualmente crucial, desde o Palacete Braguinha até ao Edifício Novo da Faculdade de Arquitetura, este último projetado por Álvaro Siza Vieira. Foi aqui que se aprendeu a mestria do arquiteto, que se percebeu como ele foi capaz de resolver uma parte da cidade que ainda não tinha função e carácter e como resolveu implantar uma faculdade numa antiga quinta com um palacete e um posterior e recente pavilhão. Também como soube aproveitar a morfologia primitiva do terreno – socalcos com leiras produtivas.

No entanto, conhecer estas obras não faria sentido sem conhecer o autor por trás delas.

Foi então exposta uma biografia do arquiteto Siza o que possibilitou saber-se a sua história e os seus primeiros contactos, certamente decisivos para a sua formação como arquiteto.

Foi a partir desta análise do passado que se partiu para a análise do presente. A segunda parte do trabalho traduziu-se numa componente de análise crítica face ao panorama atual e numa componente prática de projeto. Foi com a identificação do problema e com a exposição do mesmo através de factos apoiados por referências que se criou uma base mais forte para prosseguir o desenvolvimento do trabalho. Esta análise fez com que houvesse a necessidade de inquirir a comunidade estudantil acerca da falta de espaço. Este questionário revelou-se determinante para a criação da solução exposta pois permitiu perceber quais as principais falhas ou faltas para o bom funcionamento da Faculdade.

Diante disso, acredita-se que esta proposta de projeto aqui apresentada pode ser uma viável solução para o problema referido (consequência do atual intenso aumento de estudantes que são aceites pela Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto). Isto porque esta solução mostrou-se respeitosa no que toca ao projeto existente e, como aproveitou um terreno livre e abandonado, não pôs em causa outras áreas que já possuem um uso específico.

Portanto, crê-se que as questões colocadas no início do trabalho são respondidas pois percebe-se a influência da cidade no projeto de Siza e consegue-se alcançar um projeto que respeite o atual gerando uma proposta equilibrada, com a possiblidade de aumentar o programa.

Pretende-se igualmente com esta dissertação, iniciar um debate sobre esta questão entre toda a comunidade académica, de modo a se encontrar uma solução pertinente e ajustada às necessidades do presente e de um futuro próximo.

"Encontrar una solución no es alcanzar la vía definitiva; eso es algo imposible."

Álvaro Siza. El Croquis nº140.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LIVROS

CRUZ, Valdemar. (2017). *Retratos de Siza.* Coimbra: Lápis de Memórias.

FERNANDES, Maria Eugénia Matos. (2007). *A Universidade do Porto e a cidade: Edifícios ao longo da história.* Porto: Universidade.

QUINTÃO, José. (2008). *O Pavilhão Carlos Ramos: Colectânea de textos de professores e estudantes*. Porto: FAUP publicações.

RAMOS, Luís A. de Oliveira. (1994). *História do Porto*. (2ª Edição). Porto: Porto Editora.

SANTOS, Cândido. (2011). *História da Universidade do Porto*. Porto: U. Porto Editorial.

SILVA, Germano. (2010). *Porto: História e Memórias*. Porto: Porto Editora.

SILVA, Germano. (2011). *Porto: Nos lugares da História*. Porto: Porto Editora.

SIZA, Álvaro. (2018). *02 Textos*. Lisboa: Parceria A. M. Pereira.

SIZA, Álvaro. (2019). *01 Textos*. Lisboa: Parceria A. M. Pereira.

SIZA, Álvaro. (2019). *03 Textos*. Lisboa: Parceria A. M. Pereira.

SIZA VIERIA, Álvaro, et al. (2003). *Edifício da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto: Percursos do Projecto*. Porto: FAUP publicações.

TRIGUEIROS, Luiz. (1995). *Álvaro Siza: 1986-1995*. Lisboa: Blau.

TRIGUEIROS, Luiz. (1997). *Álvaro Siza: 1954-1976*. Lisboa: Blau.

REVISTAS

COSTA, Alexandre Alves. (1987, Março). O Pavilhão Carlos Ramos. *Arquitectura Portuguesa*, *nº11*.

LEVENE, Richard C. & MÁRQUEZ CECILIA, Fernando (2000). Alvaro Siza: 1958-2000. *El Croquis. nº68/69+95*.

LEVENE, Richard C. & MÁRQUEZ CECILIA, Fernando (2008). Alvaro Siza: 2001-2008. *El Croquis. nº140*.

VÍDEOS

GRAÇA DIAS, Manuel (autor) & FELDMAN, Edgar (realizador). (1995, Novembro 9). *Ver Artes. Escola Superior de Educação de Setúbal.* [Programa]. Setúbal: Zebra produções.

LOPES, António de Almeida (realizador). (2019, Maio 2). *Ruas com História e Memória. Ep. 6.* [Programa]. Lisboa: P35.

LOPES, António de Almeida (realizador). (2019, Maio 3). *Ruas com História e Memória. Ep. 7.* [Programa]. Lisboa: P35.

COPANS, Richard (realizador) & NEUMANN, Stan (realizador). (2001). *Architectures. Ep. 2, L´École De Siza.* [Documentário]. França: Arte.

PUBLICAÇÕES ELETRÓNICAS

LIMA, Teresa & ANDRADE, Sérgio. (2000, Março 1). *A obra feliz de Siza.* Retirado de: https://www.publico.pt/2000/03/01/jornal/a-obra-feliz-de-siza-140696

CARVALHO, Ricardo. (2000, Dezembro 9). *O edifício extrovertido.* Retirado de: https://www.publico.pt/2000/12/09/jornal/o-edificio-extrovertido-152312

BORGES VIEIRA, André. (2018, Maio 16). *E se uma obra do século XIV tivesse a mão de Siza Vieira? Vai acontecer em Leça do Balio.* Retirado de: https://www.publico.pt/2018/05/16/local/noticia/e-se-uma-obra-do-seculo-xiv-tivesse-a-mao-de-siza-vieira-vai-acontecer-em-leca-do-balio-1830336

SEVILHA, Ana Rita. (2018, Março 8). *"Braço" de Siza vence concurso para ponte entre Vila Nova de Cerveira e Tomiño.* Retirado de: http://www.construir.pt/2018/03/08/braco-siza-vence-concurso-ponte-vila-nova-cerveira-tomino/

NOGUEIRA, Carlos & PEREIRA, Mariana. (2019, Maio 21). *Siza Vieira apresenta arranha-céus Manhattan.* Retirado de: https://www.dn.pt/cultura/interior/siza-vieira-apresenta-arranha-ceus-manhattan-10925950.html

FRIAS, Rui. (2019, Setembro 17). *Siza Vieira. A (in)disciplina do jogador de hóquei que conquistou a arquitetura mundial.* Retirado de: https://www.dn.pt/cultura/interior/siza-vieira-a-indisciplina-do-jogador-de-hoquei-que-conquistou-a-arquitetura-mundial-11311086.html

REFERÊNCIAS DE IMAGENS

[1] RAMOS, Luís A. de Oliveira. (1994). *História do Porto*. (2ª Edição). Porto: Porto Editora. P. 123

[2] RAMOS, Luís A. de Oliveira. (1994). *História do Porto*. (2ª Edição). Porto: Porto Editora. P. 139.

[3] http://monumentosdesaparecidos.blogspot.com/2013/12/praca-da-ribeira-porto.html

[4] http://portoarc.blogspot.com/2017/09/

[5] http://portoarc.blogspot.com/2017/09/

[6] http://monumentosdesaparecidos.blogspot.com/2009/10/ponte-d-maria-ii-ou-ponte-pensil-cidade.html

[7] http://monumentosdesaparecidos.blogspot.com/2012/05/jardins-da-avenida-dos-aliados-porto.html

[8] http://monumentosdesaparecidos.blogspot.com/2010/10/rotunda-da-boavista-cidade-do-porto.html

[9] https://designyuus.wordpress.com/2014/10/15/casa-da-musica-porto-portugal/

[10] http://monumentosdesaparecidos.blogspot.com/2010/10/rotunda-da-boavista-cidade-do-porto.html

[11] https://webook.pt/blog/2017/04/01/a-construcao-da-ponte-da-arrabida-em-20-historicas-imagens#sthash.ecDFrhdN.dpbs

[12] https://webook.pt/blog/2017/04/01/a-construcao-da-ponte-da-arrabida-em-20-historicas-imagens#sthash.ecDFrhdN.dpbs

[13] RAMOS, Luís A. de Oliveira. (1994). *História do Porto*. (2ª Edição). Porto: Porto Editora. P. 475

[14] https://sigarra.up.pt/up/pt/web_base.gera_pagina?p_pagina=historia

[15] http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702014000200709

[16] https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Planta_da_cidade_do_Porto_1865_Perry_Vidal.jpg

[17] FERNANDES, Maria Eugénia Matos. (2007). *A Universidade do Porto e a cidade: Edifícios ao longo da história.* Porto: Universidade. P.

[18] Fotografia aérea retirada do Google Earth, editada pela autora.

[19] Fotografia da autora. Setembro 2019.

[20] Fotografia da autora. Setembro 2019.

[**21**] Fotografia da autora. Maio 2019.

[**22**] Fotografia da autora. Maio 2019.

[**23**] Fotografia da autora. Maio 2019.

[**24**] Fotografia da autora. Maio 2019.

[**25**] Fotografia da autora. Maio 2019.

[**26**] Fotografia da autora. Maio 2019.

[**27**] Fotografia da autora. Maio 2019.

[**28**] Fotografia da autora. Maio 2019.

[**29**] Fotografia da autora. Maio 2019.

[**30**] Fotografia da autora. Maio 2019.

[**31**] Fotografia da autora. Maio 2019.

[**32**] Fotografia da autora. Maio 2019.

[**33**] https://apl.pt/news/iii-encontro-tematico-apl-ese/

[**34**] Editada pela autora. https://www.pinterest.pt/pin/497858933804743674/

[**35**] LEVENE, Richard C. & MÁRQUEZ CECILIA, Fernando (2000). Alvaro Siza: 1958-2000. *El Croquis. nº68/69+95*. P. 97

[**36**] Desenho em AUTOCAD disponibilizado pela Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto.

[**37**] Fotografia da autora. Maio 2019.

[**38**] Fotografia da autora. Maio 2019.

[**39**] LEVENE, Richard C. & MÁRQUEZ CECILIA, Fernando (2000). Alvaro Siza: 1958-2000. *El Croquis. nº68/69+95*. P. 111

[**40**] LEVENE, Richard C. & MÁRQUEZ CECILIA, Fernando (2000). Alvaro Siza: 1958-2000. *El Croquis. nº68/69+95*. P. 113

[**41**] LEVENE, Richard C. & MÁRQUEZ CECILIA, Fernando (2000). Alvaro Siza: 1958-2000. *El Croquis. nº68/69+95*. P. 332

[**42**] Fotografia da autora. Maio 2019.

[**43**] Fotografia da autora. Maio 2019.

[**44**] Editada pela autora. https://www.archdaily.com.br/br/875625/centro-galego-de-arte-contemporanea-de-alvaro-siza-pelas-lentes-de-fernando-guerra

[**45**] https://www.archdaily.com/790219/portraits-of-alvaro-siza-by-fernando-guerra?ad_medium=gallery

[**46**] https://espacodearquitetura.com/projetos/renovacao-da-casa-de-cha-da-boa-nova/

[**47**] https://pt.wikiarquitectura.com/construção/casa-de-cha-da-boa-nova/#

[**48**] https://divisare.com/projects/396812-alvaro-siza-vieira-giovanni-amato-piscina-das-mares

[**49**] https://pfcielestela2015.files.wordpress.com/2015/03/752143107_leca-palmeira-planta.jpg

[**50**] https://www.pinterest.pt/pin/515521488579030434/

[**51**] Editada pela autora. https://www.archdaily.com.br/br/899055/aluguel-para-turistas-em-bairro-projetado-por-alvaro-siza-gera-divisao-entre-moradores

[**52**] https://www.archdaily.com.br/br/788901/classicos-da-arquitetura-wohnhaus-schlesisches-tor-bonjour-tristesse-alvaro-siza-vieira-plus-peter-brinkert

[**53**] https://www.archdaily.com.br/br/788901/classicos-da-arquitetura-wohnhaus-schlesisches-tor-bonjour-tristesse-alvaro-siza-vieira-plus-peter-brinkert

[**54**] https://www.archdaily.com.br/br/788901/classicos-da-arquitetura-wohnhaus-schlesisches-tor-bonjour-tristesse-alvaro-siza-vieira-plus-peter-brinkert

[**55**] https://www.archdaily.com.br/br/01-60612/fotografia-e-arquitetura-duccio-malagamba

[**56**] https://inspiration.detail.de/diskussion-der-eigentliche-architekt-ist-der-bauherr-ein-gespraech-mit-alvaro-siza-111049.html

[**57**] https://www.archdaily.com.br/br/783137/classicos-da-arquitetura-pavilhao-portugues-na-expo-98-alvaro-siza-vieira

[**58**] https://www.archdaily.com.br/br/874365/museu-de-serralves-de-alvaro-siza-pelas-lentes-de-fernando-guerra

[**59**] LEVENE, Richard C. & MÁRQUEZ CECILIA, Fernando (2008). Alvaro Siza: 2001-2008. *El Croquis. nº140*. P. 177

[**60**] LEVENE, Richard C. & MÁRQUEZ CECILIA, Fernando (2008). Alvaro Siza: 2001-2008. *El Croquis. nº140*. P. 178

[**61**] https://www.archdaily.com.br/br/626132/edificio-sobre-a-agua-alvaro-siza-mais-carlos-castanheira

[**62**] https://www.archdaily.com.br/br/626132/edificio-sobre-a-agua-alvaro-siza-mais-carlos-castanheira

[**63**] https://www.archdaily.com.br/br/889082/nova-igreja-de-saint-jacques-de-la-lande-de-alvaro-siza-pelas-lentes-de-ana-amado

[**64**] https://www.dn.pt/cultura/interior/siza-vieira-apresenta-arranha-ceus-manhattan-10925950.html

[**65**] https://sigarra.up.pt/faup/en/noticias_geral.ver_noticia?p_nr=24977

[**66**] http://upmagazine-tap.com/pt_artigos/faup-uma-casa-para-todos/

[**67**] https://www.flickr.com/photos/jppl/2996280300

[**68**] http://visitporto.travel/Visitar/Paginas/Descobrir/detalhespoi.aspx?POI=2832

[**69**] Editada pela autora. http://jovemnaeuropa.blogspot.com/2010/09/20100920-26-semana-de-recepcao.html

[**70**] Editada pela autora. http://jovemnaeuropa.blogspot.com/2010/09/20100920-26-semana-de-recepcao.html

[**71**] Fotografia aérea retirada do Google Earth, editada pela autora.

[**72**] Fotografia aérea retirada do Google Earth, editada pela autora.

[**73**] Fotografia aérea retirada do Google Earth, editada pela autora.

[**74**] Fotografia da autora. Junho 2019.

[**75**] Fotografia da autora. Junho 2019.

[**76**] Fotografia da autora. Junho 2019.

[**77**] Fotografia da autora. Junho 2019.

[**78**] Desenho em AUTOCAD. Produção da própria autora.

[**79**] Representação tridimensional produzida pela própria autora e Adriano Peixoto Silva.

[**80**] Representação tridimensional produzida pela própria autora e Adriano Peixoto Silva.

[**81**] Representação tridimensional produzida pela própria autora e Adriano Peixoto Silva.

[**82**] Desenho em AUTOCAD. Produção da própria autora.

[**83**] Desenho em AUTOCAD. Produção da própria autora.

[**84**] Desenho em AUTOCAD. Produção da própria autora.

[**85**] Desenho em AUTOCAD. Produção da própria autora.

[**86**] Desenho em AUTOCAD. Produção da própria autora.

[**87**] Desenho em AUTOCAD. Produção da própria autora.

[**88**] Desenho em AUTOCAD. Produção da própria autora.

[**89**] Desenho em AUTOCAD. Produção da própria autora.

[**90**] Desenho em AUTOCAD. Produção da própria autora.

[**91**] Representação tridimensional produzida pela própria autora e Adriano Peixoto Silva.

[**92**] Representação tridimensional produzida pela própria autora e Adriano Peixoto Silva.

[**93**] Representação tridimensional produzida pela própria autora e Adriano Peixoto Silva.

[**94**] Representação tridimensional produzida pela própria autora e Adriano Peixoto Silva.

[**95**] Representação tridimensional produzida pela própria autora e Adriano Peixoto Silva.

[**96**] Representação tridimensional produzida pela própria autora e Adriano Peixoto Silva.

ANEXOS

Numero 68 — Anno 1911

Sexta feira 24 de março

DIARIO DO GOVERNO

A correspondencia official da capital e das provincias, *franca de porte*, bem como os periodicos que trocarem com o *Diario*, devem dirigir-se á Imprensa Nacional.

Annunciam-se todas as publicações litterarias de que se recebarem na mesma Imprensa dois exemplares com esse destino.

Assinaturas por anno . . . . . 18$000 | Annuncios, por linha 60
Ditas por semestre . . . . . 10$000 | Communicados e correspondencias, por linha 60

Numero avulso, cada folha de quatro paginas 40

Em conformidade da carta de lei de 24 de maio e regulamento de 3 de agosto de 1905, cobrar-se-hão 10 réis de sêllo por cada annuncio publicado no *Diario do Governo*

A correspondencia para a assignatura do *Diario do Governo* deve ser dirigida á Administração Geral da Imprensa Nacional. A que respeitar á publicação de annuncios será enviada á mesma Administração Geral, devendo em qualquer dos casos vir acompanhada da respectiva importancia.

SUMMARIO

MINISTERIO DO INTERIOR:

Despachos pela Secretaria Geral, sobre movimento de pessoal.
Rectificações ao decreto referente aos recursos n.os 13:441 e 13:440, publicado no *Diario* n.º 62.
Despachos pela Direcção Geral de Administração Politica e Civil, sobre movimento de pessoal.
Decreto com força de lei de 22 de março, criando uma Universidade em Lisboa e outra no Porto e mandando instituir em cada uma d'ellas e na de Coimbra um fundo universitario de Bolsas ou Pensões de Estudo destinada a subsidiar os estudantes pobres.
Portaria de 22 de março, esclarecendo as disposições do artigo 5.º do decreto n.º 4 de 15 de dezembro de 1894, acêrca da concessão de licenças aos funccionarios dos estabelecimentos de ensino dependentes da Direcção Geral da Instrucção Secundaria, Superior e Especial.
Despachos pela Direcção Geral da Instrucção Secundaria, Superior e Especial, sobre movimento de pessoal.
Declarações acêrca da inscrição de tres professores particulares de ensino livre.
Rectificações a despachos pela Direcção Geral da Instrucção Primaria, sobre movimento de pessoal.

MINISTERIO DA JUSTIÇA:

Despachos e rectificações a despachos pela Direcção Geral da Justiça, sobre movimento de pessoal.

MINISTERIO DAS FINANÇAS:

Decretos de 17 de março, provendo tres logares de segundo official da Caixa Geral de Depositos.
Relações de titulos de renda vitalicia.
Arrematações (Folha n.º 5, appensa ao *Diario* de hoje):
Lista n.º 1:686-B, em 25 de abril, na Guarda. — Bens nacionaes.
Lista n.º 9:524, idem, idem. — Bens de corporações.
Lista n.º 31:125, em 22 de abril, em Braga. — Foros de corporações.

MINISTERIO DA GUERRA:

Ordem do Exercito n.º 6 (1.ª serie), referida a 9 de março.
Habilitações para levantamento de creditos.

MINISTERIO DA MARINHA E COLONIAS:

Decretos com força de lei de 23 de março:
Revogando as disposições de lei que exigem ou fixam cauções aos officiaes da administração naval.
Criando na provincia de Timor o logar de sub inspector da Repartição Superior de Fazenda.
Despachos pela Majoria General da Armada, sobre movimento de pessoal.
Portaria de 23 de março, provendo o cargo de instructor da Escola de Alumnos Marinheiros do Sul.
Despachos pela Direcção Geral das Colonias, sobre movimento de pessoal.
Annuncio de concurso para provimento de um logar de professora da escola de ensino primario do sexo feminino de Bolama.
Aviso de estar temporariamente fechada a estação telegraphica de Casainga.

MINISTERIO DOS ESTRANGEIROS:

Avisos relativos ao fallecimento de varios cidadãos portuguezes residentes em paizes estrangeiros e ao nascimento de uma criança, filha de paes portuguezes, occorrido a bordo do vapor *Zelandia*.

MINISTERIO DO FOMENTO:

Decreto de 22 de março, nomeando mais um vogal para a Junta Autonoma das Obras da Cidade, instituida na cidade do Porto.
Aviso de desistencia do registo de uma marca industrial.
Relação de pedidos de registo de patentes de invenção.
Nova publicação, rectificada, do decreto que regularisou o regime da industria saccharina na Ilha da Madeira, inserto no *Diario* n.º 58.
Despachos pela Direcção Geral da Agricultura, sobre movimento de pessoal.
Habilitação para a restituição da fiança de um fallecido fiel de 1.ª classe dos Caminhos de Ferro do Minho e Douro.
Decreto com força de lei de 15 de março, transferindo uma verba da tabella da despesa extraordinaria para a da despesa ordinaria do Ministerio do Fomento, a fim de ser applicada á conservação e reparação de estradas.

TRIBUNAES:

Supremo Tribunal Administrativo, accordãos n.os 12:899, 13:018 e 13:589.
Tribunal de Contas, accordãos julgando as contas de responsaveis.

AVISOS E ANNUNCIOS OFFICIAES:

Camara Municipal de Lisboa, edital incluindo na disposição do artigo 12.º do regulamento do descanso semanal os estabelecimentos de aluguer de bicycletas
Junta do Credito Publico, editos para averbamento de titulos.
Corpo de policia civil de Beja, annuncio de concurso para provimento de um logar de guarda.
Casa Pia de Lisboa, annuncio para venda de trapo e calçado velho.
Commissão Executiva do Monumento ao Marquês de Pombal, annuncio de concurso para a elaboração do projecto do monumento.
Bibliotheca Nacional de Lisboa, relação das obras publicadas em Portugal e das portuguezas publicadas no estrangeiro que deram entrada na Bibliotheca na semana finda em 18 de março.
Juizo de direito da comarca de Alcobaça, editos para citação de refractarios.
Juizo de direito da comarca de Méda, idem.
Juizo de direito da comarca de Valpaços, idem.
Regimento de cavallaria n.º 2, annuncio para arrematação de forragens a verde.
Capitania do Porto de Lisboa, boletim do movimento da barra.
Estação Telegraphica Central de Lisboa, boletim do movimento das barras.

AVISOS E PUBLICAÇÕES.

ANNUNCIOS JUDICIAES E OUTROS.

SUMMARIO DOS APPENDICES

N.º 119 — Cotação dos fundos publicos nas Bolsas de Lisboa e Porto, em 21 de março.

MINISTERIO DO INTERIOR

Secretaria Geral

Para os devidos effeitos se publica o seguinte despacho:

Março 1

José dos Santos e Silva e Antonio Manuel da Silva, correios da extincta camara dos pares, nomeados, de acordo com o artigo 4.º do decreto de 7 de fevereiro de 1911, correios da presidencia do Governo.

Secretaria do Ministerio do Interior, em 22 de março de 1911. — O Secretario Geral, *José Barbosa*.

Para os effeitos convenientes se publica o seguinte despacho, visado pelo Tribunal de Contas em 8 do actual mês.

Março 7

João Fazenda Loureiro — nomeado servente do Ministerio do Interior.

Secretaria do Ministerio do Interior, em 23 de março de 1911. — O Director Geral, *José Barbosa*.

Direcção Geral de Administração Politica e Civil

1.ª Repartição

Erratas á publicação no *Diario do Governo* n.º 62 de 17 de março corrente, pelo Ministerio do Interior, do decreto acêrca dos recursos n.os 13:441 e 13:440:

Na 1.ª col., lin. 48, onde se lê: «exceptuado e», deve ler-se: «exceptuado o».

Na 2.ª col., lin. 38, onde se lê: «a de inaptidão», deve ler-se: «a de ineptidão»; lin. 55, onde se lê: «acceite em juizo», deve ler-se: «acceita em juizo»; na lin. 57, onde se lê: «de todos os outros», deve ler-se: «de todas as outras»; na lin. 67, onde se lê: «tumultuario e», deve ler-se: «tumultuario em»; na lin. 87, onde se lê: «sempre», deve ler-se: «sem que».

Na col. 3.ª, lin. 2, onde se lê: «e será», deve ler-se: «e sim»; na lin. 4, onde se lê: «primeiro livro», deve ler-se: «primeiras linhas»; na lin. 5, onde se lê: «segundo livro», deve ler-se: «segundas linhas»; na lin. 29, onde se lê: «não offendem», deve ler-se: «não offendeu»; na lin. 33, onde se lê: «insoffriveis», deve ler-se: «insupprimeis»; na lin. 43, onde se lê: «se não por declaração expressa em», deve ler-se: «senão por declaração expressa ou»; na lin. 50, onde se lê: «e nem derogaram», deve ler-se: «nem derogaram»; na lin. 105, onde se lê: «não deixa», deve ler-se: «não devia».

Secretaria do Ministerio do Interior, em 23 de março de 1911. — O Director Geral, *José Barbosa*.

Para os devidos effeitos se publicam os seguintes despachos:

Março 22

Ramiro Guedes — exonerado, como pediu, do cargo de governador civil do districto de Santarem.
Antonio Maria da Silva Barreto — idem, substituto do districto de Leiria.
Bacharel João Teixeira de Queiroz Vaz Guedes — exonerado, a seu pedido, do logar de secretario geral do governo civil do districto de Santarem.
Antonio Augusto Fernandes — idem de administrador do concelho de Vinhaes.

Secretaria do Ministerio do Interior, em 22 de março de 1911. — O Director Geral, *José Barbosa*.

Direcção Geral da Instrucção Secundaria, Superior e Especial

Considerando que a frequencia regular da Instrucção Secundaria e Superior demanda tal sacrificio de tempo e dinheiro, que a constitue em privilegio de ricos e remediados, tornando-a inaccessivel, de facto, a muitos estudiosos com merito e aptidões, mas desprovidos de recursos;

Considerando que um dos primeiros deveres do Estado democratico é assegurar a todos os cidadãos, sem distincção de fortuna, a possibilidade de se elevarem aos mais altos graus de cultura, quando d'isso sejam capazes, por forma que a Democracia constitua, segundo a bella definição do immortal *Pasteur*, aquella forma de estado que permitte a cada individuo produzir o seu maximo esforço e desenvolver, em toda a plenitude, a sua personalidade;

Considerando que, para realizar esse fim, os modernos estados europeus, como a França, Italia, Belgica, Suissa, e as republicas americanas, teem instituido «Bolsas escolares ou pensões de estudo», dotadas pelo Parlamento, pelas provincias ou pelos municipios, e destinadas a subsidiar os estudantes pobres e de merito, durante a sua frequencia nos estudos secundarios e superiores;

Considerando que a instituição das Bolsas de Estudo, que promana em toda a sua belleza dos principios da grande revolução, alem de essencialmente democratica, tem sido, em todos os paises em que vigora, altamente fructuosa para o ensino publico, trazendo ás Universidades uma verdadeira *elite* de alumnos, adstrictos á assiduidade, trenados no exforço e seleccionados pelo seu merito nas familias mais humildes da Nação;

Considerando que a presença d'essa *elite* nos lyceus e, especialmente, nos cursos superiores, irá exercer uma verdadeira acção excitante ao trabalho, sobre a massa geral dos alumnos, elevando o nivel dos estudos e melhorando o coefficiente da sua utilização;

Considerando, por outro lado, a vantagem de promover que os mais distinctos, entre os jovens estudiosos, vão temporariamente ao estrangeiro para se aperfeiçoarem e especializarem nos seus estudos;

Attendendo, com effeito, a que, para a transformação e desenvolvimento da cultura nacional, no sentido moderno, e para a organização scientifica da vida economica do Paiz, não bastá importar como, até aqui, na sua expressão livresca e em formulas já feitas, os resultados obtidos nas nações mais adeantadas e progressivas, mas se faz mester que a juventude portugueza assimille, directamente e *in loco*, os methodos de ensino, de criação e de applicação das sciencias, para os implantar entre nós e criar centros autonomos de cultura nacional;

Attendendo a que o exemplo bem patente de outras nações, em condições analogas á nossa, demonstra, com o rigor de uma verdadeira experiencia politica, que este é o processo mais efficaz de promover o rapido desenvolvimento dos povos recem-nascidos para a vida moderna, como o proclama bem alto o successo com que foi posto em pratica pelo Japão e por certos estados Balkanicos e da America do Sul:

O Governo Provisorio da Republica Portugueza faz saber que em nome da Republica se decretou, para valer como lei, o seguinte:

Artigo 1.º No Territorio da Republica, alem da Universidade de Coimbra já existente, são criadas mais duas Universidades — uma com séde em Lisboa e outra no Porto.

§ unico. O Governo publicará ulteriormente um diploma sobre a constituição Universitaria.

Art. 2.º Em cada Universidade será instituido um fundo universitario de Bolsas ou pensões de estudo que se destinam:

a) A subsidiar, durante o curso dos lyceus, os estudantes pobres e de merito que não tenham recursos para proseguir nos seus estudos e emquanto durarem as condições que justifiquem o subsidio: *Bolsas lyceaes*.

b) A subsidiar, nas Faculdades e Escolas das Universidades, os antigos pensionistas do lyceu que se habilitem a proseguir os estudos superiores, ou outros estudantes que se encontrem em identicas condições: *Bolsas universitarias*.

c) A enviar annualmente ao estrangeiro, a fim de se aperfeiçoarem ou especializarem nos seus estudos, os recem-diplomados da Universidade que tenham concluido o seu curso, com distincção, nos termos da presente lei: *Bolsas de aperfeiçoamento no estrangeiro*.

§ unico. A applicação das Bolsas de qualquer categoria é feita annualmente, por concurso, tendo por base o merito do candidato e os recursos e encargos de educação da familia.

Art. 3.º O fundo universitario da Bolsa de estudo será constituido:

a) Por uma dotação do Estado, votada annualmente pelo Parlamento, para as tres Universidades da Republica;

b) Por subscrição voluntaria dos municipios e instituições philantropicas da região;

c) Pelos fundos e receitas actuaes das sociedades phylantropicas academicas que existam em Coimbra, Lisboa e Porto;

d) Por uma taxa supplementar sobre cada matricula ou

inscrição na Universidade e lyceus da circumscrição, ou por subscrição facultativa dos estudantes no acto da inscrição e matricula;

e) Pelas doações e legados instituidos para auxiliar a educação da juventude;

f) Pela parte do Fundo Artistico e Escolar que lhe for destinada;

g) Pelo reembolso dos antigos pensionistas que o queiram fazer.

§ unico. O Ministro do Interior distribuirá equitativamente as receitas a que se referem as alineas *a*) e *f*) pelas tres Universidades da Republica, segundo as Faculdades e Escolas de cada uma e a frequencia respectiva.

Art. 4.º A administração do fundo universitario das Bolsas de Estudo, compete, por delegação da Universidade, a uma Junta, eleita pelo Senado Universitario entre os seus membros, presidida pelo Reitor, e composta, em partes iguaes, de professores da Universidade e individualidades eminentes nas sciencias, nas artes, na agricultura, no commercio e na industria da região.

Art. 5.º A Junta Administrativa das Bolsas de Estudo é eleita por tres annos; pode ser reconduzida uma só vez para o triennio immediato e tem por thesoureiro o da Universidade.

Art. 6.º Em cada anno escolar, no dia 1 de maio, o Reitor convocará a Junta, para:

a) Fixar o numero de Bolsas de cada cathegoria: lyceaes, universitarias e de aperfeiçoamento no estrangeiro;

b) Distribuir as Bolsas universitarias e de aperfeiçoamento no estrangeiro, pelas Faculdades e Escolas da Universidade;

c) Annunciar os respectivos concursos em edital affixado na Universidade e publicado no *Diario do Governo*.

Art. 7.º Na distribuição dos fundos, a que se refere o artigo anterior, observar-se-ha provisoriamente o seguinte criterio:

1/4 ás Bolsas lyceaes.
1/4 ás Bolsas universitarias.
1/2 ás Bolsas de aperfeiçoamento.

CAPITULO II

Art. 8.º Ás Bolsas de Estudo lyceal poderão concorrer os estudantes habilitados com distincção no exame primario complementar, na Escola Primaria Superior, nos ultimos dois annos, ou ainda os que frequentem com distincção um dos lyceus da circumscrição universitaria.

Art. 9.º Os concorrentes deverão apresentar o seu requerimento na Secretaria da Universidade instruido com os documentos seguintes:

a) Certidão comprovativa de haverem feito com distincção o exame primario complementar, o exame primario superior, ou certificado de frequencia distincta no lyceu;

b) Informação fundamentada dos antigos professores;

c) Indicação demonstrada do estado da familia, seus rendimentos annuaes, valor venal dos seus bens, encargos geraes e de educação, e especialmente se recebe regularmente de outra proveniencia qualquer subsidio para fins literarios.

Art. 10.º Findo o prazo de entrega dos requerimentos, a Junta Administrativa das Bolsas de Estudo reunir-se-ha, constituida em jury, para apreciar os candidatos. Compete-lhe:

a) Verificar se os candidatos satisfazem ás condições de admissão.

b) Graduar os candidatos admittidos, nos termos do artigo 1.º, segundo a escala de valores vigente.

c) Enviar a sua proposta fundamentada ao Reitor da Universidade, que a fará publicar.

Art. 11.º Os candidatos que se não conformem com a decisão da Junta poderão recorrer, no prazo de dez dias, para o Senado universitario, que julgará em ultima instancia.

Art. 12.º A distribuição dos diplomas de pensão será feita solemnemente pelo Reitor da Universidade, segundo a proposta da Junta, isto ao tempo da inauguração dos trabalhos escolares e assistindo os reitores dos lyceus.

Art. 13.º As Bolsas lyceaes são concedidas por uma só vez e validas, desde a data da concessão, até a terminação do curso dos lyceus.

§ unico. Cessam, porém, os seus effeitos:

a) Com a falta de aproveitamento literario do pensionista;

b) Com a sua má conducta;

c) Quando se modifiquem favoravelmente as suas condições economicas ou de sua familia, por forma a garantir-lhe a sua educação litteraria.

Art. 14.º No caso de doença prolongada ou repetida, que impeça o aproveitamento do anno escolar, a Junta suspenderá o subsidio, depois de ter procurado collocar o pensionista sob a protecção efficaz de uma instituição de assistencia, subsistindo, porém, o direito á pensão que o alumno continuará a usufruir, logo que a saude lhe permitta proseguir regularmente a carreira escolar.

Art. 15.º Os reitores dos lyceus enviarão trimestralmente á Junta uma nota do aproveitamento e conducta de cada pensionista, e bem assim informarão a mesma Junta de qualquer facto anormal que eventualmente occorra e possa interessar á conservação do subsidio.

Art. 16.º A Universidade, alem de conceder a pensão, obriga-se ao patronato moral do pensionista. Para esse effeito, a Junta delegará, num dos seus membros ou em pessoa idonea, a missão de assistir o pensionista na sua carreira escolar, ministrando-lhe conselhos de direcção e procurando influir favoravelmente na formação da sua personalidade.

CAPITULO III

Art. 17.º As Bolsas de Estudos Universitarios são postas a concurso, por Faculdades e Escolas.

Art. 18.º Podem concorrer ás *Bolsas Universitarias* os alumnos habilitados com distincção no curso lyceal dos ultimos dois annos, á data do concurso, ou os que frequêntem a Universidade com distincção.

Art. 19.º Os concorrentes apresentarão o requerimento na Secretaria da Universidade, especificando a Faculdade ou Escola a que concorrem, instruindo-o com os documentos seguintes:

a) Certidão comprovativa de haverem concluido com distincção o curso dos lyceus, ou de frequencia distincta na Universidade.

b) Informação fundamentada do conselho escolar do lyceu, onde concluiram o curso, ou dos seus professores na Universidade.

c) Indicação demonstrada da composição da familia, seus rendimentos, valor venal dos bens, encargos geraes e de educação e, especialmente, se recebe de outra proveniencia qualquer subsidio para a sua educação literaria.

§ unico. Quando o concorrente frequente a Universidade ha mais de dois annos, deverá apresentar um trabalho academico sobre uma disciplina já estudada na Faculdade ou Escola que frequenta.

Art. 20.º Findo o prazo da entrega de requerimentos, a Junta Administrativa das Bolsas de Estudos constituir-se-ha em jury para os apreciar.

Compete-lhe:

a) Verificar se os candidatos satisfazem ás condições de admissão;

b) Graduar os candidatos admittidos, nos termos do § unico do artigo 2.º, segundo a escala de valores vigente;

c) Enviar a sua proposta fundamentada ao Reitor da Universidade, que a fará publicar.

Art. 21.º A distribuição dos diplomas de pensão será feita solemnemente pelo Reitor, com a assistencia do Senado Universitario, segundo a proposta da Junta, na sessão a que se refere o artigo 12.º

Art. 22.º Os candidatos que se não conformem com a decisão da Junta poderão recorrer, no prazo de dez dias, para o Senado da Universidade, que julgará em ultima instancia.

Art. 23.º As Bolsas Universitarias são concedidas por uma só vez e validas, desde a data da concessão, até a terminação do curso respectivo.

§ unico. Cessam, porem, os seus effeitos:

a) Com a falta de aproveitamento literario do pensionista;

b) Com a sua má conducta;

c) Quando se opere uma modificação favoravel nas suas condições economicas ou da familia, que as torne dispensaveis.

Art. 24.º No caso de doença prolongada ou repetida, que impeça o aproveitamento do anno escolar, a Junta suspenderá o subsidio, depois de ter procurado collocar o seu educando sob a protecção efficaz de uma instituição de assistencia. O pensionista continuará a usufruir a Bolsa, logo que a saude lhe permitta proseguir regularmente os trabalhos escolares.

Art. 25.º Os Conselhos Escolares das Faculdades e Escolas interessadas informarão pronta e regularmente a Junta do que diga respeito á educação do pensionista e interesse á conservação do subsidio.

Art. 26.º A Universidade arroga-se o patronato do seu educando, facultando-lhe todos os meios que em si coubérem para o aperfeiçoamento da sua educação scientifica, artistica, moral e social.

CAPITULO IV

Art. 27.º As Bolsas post-escolares ou de aperfeiçoamento no estrangeiro são affectas designadamente a cada Faculdade e Escola.

Art. 28.º Podem concorrer ás Bolsas post-escolares os diplomados da Universidade, que tenham concluido o curso com distincção, ha menos de dois annos, á data do concurso.

Poderão ainda concorrer no 3.º anno os candidatos que, no concurso precedente, tenham obtido um minimo de 18 valores.

Art. 29.º Os concorrentes apresentarão os requerimentos na Secretaria da Universidade instruidos com os documentos seguintes:

a) Publica-forma do diploma universitario;

b) Certidão dos premios e distincções literarias;

c) Indicação documentada da composição da familia, seus rendimentos, valor venal dos bens, encargos geraes e de educação e, especialmente, se recebe regularmente de outra proveniencia, qualquer subsidio para fins literarios;

d) Uma memoria original sobre assunto da sua escolha, nas sciencias professadas durante o curso, e os trabalhos pessoaes que porventura tenham produzido.

Art. 30.º A memoria de concurso será presente, impressa ou manuscrita, e poderá ser substituida pela these inaugural, nas Faculdades e Escolas em que a haja.

Art. 31.º Os concorrentes que desejem guardar sigillo do seu nome apresentarão a memoria de concurso, sem assinatura, escrevendo no alto uma legenda que será reproduzida num bilhete annexo ao trabalho. Este bilhete será encerrado num sobrescrito lacrado, contendo os documentos exigidos no artigo 28.º

Art. 32.º Terminado que seja o prazo da entrega dos requerimentos, a Junta Administrativa das Bolsas de Estudo reunir-se-ha em sessão plenaria, para tomar conta d'elles, e designar, na parte que lhe compete, um jury especial para cada categoria de memorias presentes.

Art. 33.º Os jurys especiaes serão constituidos por dois professores da Faculdade ou Escola respectiva e por um terceiro professor de outra Universidade da Republica, que será indicado pela Junta d'essa Universidade.

Art. 34.º Os jurys especiaes reunir-se-hão na Universidade no prazo de dez dias, após a sua nomeação, para tomar conta das memorias do concurso que, depois de previamente rubricadas, serão distribuidas pelos membros do jury e por elles apreciadas em relatorio escrito.

Art. 35.º Findo esse trabalho de apreciação, cada jury especial se reunirá segunda vez, para a leitura dos relatorios e classificação das memorias, em valores, elaborando uma proposta fundamentada, para ser enviada, juntamente com as memorias presentes, á Junta Administrativa.

Art. 36.º Logo que receba as memorias e as propostas dos jurys especiaes, a Junta Administrativa examinará os outros documentos, mandando abrir os sobrescritos em que elles venham encerrados, para propor ao Reitor da Universidade a distribuição dos subsidios, tendo em conta a valorização de cada memoria e as outras condições do concorrente.

Art. 37.º A distribuição dos diplomas de pensão é feita pelo Reitor, publicada no *Diario do Governo* e notificada aos interessados. Os concorrentes que se não conformarem com a decisão poderão reclamar, no prazo de dez dias, para o Senado, que julgará em ultima instancia.

Art. 38.º A Universidade não impõe aos pensionistas as Faculdades ou Escolas estrangeiras onde devam fazer os seus estudos; mas fará publicar todos os annos um corpo de informações e indicações uteis, que os oriente na sua escolha, acompanhado de uma lista dos estabelecimentos que julga mais recommendaveis, em cada ramo de ensino.

Art. 39.º Cada pensionista fará constar, mensalmente, á Junta das Bolsas de Estudo, a Universidade ou Escola que frequenta e mediante um certificado visado pela legação ou consulado, onde o haja. A Junta reserva-se o direito de suspender a pensão, logo que tenha conhecimento que ella não é convenientemente aproveitada.

Art. 40.º Cada pensionista deverá entregar na Universidade, no fim da sua viagem, uma memoria scientifica ou um relatorio escrito de informações e critica, sobre a sua missão de estudo.

É; alem d'isso, obrigado a fazer pelo menos duas conferencias nas Universidades, sobre assuntos em que se especializou.

Art. 41.º O presente diploma entrará immediatamente em vigor e será sujeito á apreciação da proxima Assembleia Nacional Constituinte.

Determina-se portanto que todas as autoridades, a quem o conhecimento e execução do presente decreto com força de lei pertencer, o cumpram e façam cumprir e guardar tão inteiramente como nelle se contém.

Os Ministros de todas as Repartições o façam imprimir, publicar e correr.

Dado nos Paços do Govêrno da Republica, aos 22 de março de 1911. = *Joaquim Theophilo Braga* = *Antonio José de Almeida* = *José Relvas* = *Antonio Xavier Correia Barreto* = *Amaro de Azevedo Gomes* = *Bernardino Machado* = *Manuel de Brito Camacho*.

3.ª Repartição

Tornando-se preciso esclarecer o estabelecido no artigo 5.º do decreto n.º 4, de 15 de dezembro de 1894, sobre o periodo e duração das licenças a conceder aos funccionarios dos estabelecimentos de instrucção dependentes d'esta Direcção Geral;

Sendo ainda necessario evitar abusos e confusões faceis de dar, como a pratica tem demonstrado:

Manda o Governo Provisorio da Republica Portugueza, pelo Ministro do Interior, que, de futuro, somente serão concedidos os tres mezes de licença, a que se refere o citado artigo 5.º, dentro de cada anno lectivo.

Paços do Governo da Republica, em 22 de março de 1911. = O Ministro do Interior, *Antonio José de Almeida*.

Por decreto de 20 do corrente mês:

Carlos Augusto Moraes de Almeida, professor do 6.º grupo do lyceu Maria Pia, de Lisboa — exonerado, a seu pedido, do referido cargo de professor do 6.º grupo do lyceu Maria Pia, de Lisboa.

Por decreto de 22 do corrente mês:

Fernando Quental Tavares do Canto — nomeado amanuense da secretaria do lyceu central de Ponta Delgada.

Por despacho ministerial de 30 de janeiro ultimo:

Manuel Ferreira Dionisio — nomeado continuo, *interino*, do Lyceu de Passos Manuel, de Lisboa. (Tem o visto do Tribunal de Contas de 17 do corrente).

Por despacho ministerial de 6 de fevereiro ultimo:

Antonio de Carvalho — nomeado porteiro, interino, do Lyceu de Passos Manuel, de Lisboa. (Tem o visto do Tribunal de Contas de 17 do corrente).

Por despacho ministerial de 1 do corrente mês:

Francisco Maria Henriques — nomeado professor provisorio da secção de sciencias do Lyceu Passos Manuel, de Lisboa. (Tem o visto do Tribunal de Contas de 7 do corrente).

Por despacho de 25 de janeiro ultimo:

Eduardo Augusto Pereira Pimenta — nomeado professor provisorio do Lyceu Alexandre Herculano, do Porto. (Tem o visto do Tribunal de Contas de 7 de fevereiro ultimo).

I. DOCUMENTOS. PROCESSO DE AQUISIÇÃO DE UM PRÉDIO NA QUINTA DO GÓLGOTA

EMINCO-EMPREENDIMENTOS INDUSTRIAIS E COMERCIAIS, S.A.R.L.

Exmº Senhor
Reitor da Universidade do
PORTO

AVENIDA DA LIBERDADE 35-1.º - TELEFONE 369131
TELEGRAMAS ROAMENAL - TELEX 1185 SANGIL P
APARTADO 2139 - 1200 LISBOA - PORTUGAL

SUA REFERÊNCIA — NOSSA REFERÊNCIA JLCB/ME — DATA 17 Junho 1982

ASSUNTO. QUINTA DO GÓLGOTA

Exmº Senhor,

Possuindo a nossa associada C. Santos, Lda., uma propriedade localizada dentro do perímetro das futuras instalações dessa Universidade, que está interessada em transacionar, vem pela presente submeter à apreciação de V. Exa. os seguintes elementos:

1 - Registo matricial

A propriedade tem a inscrição matricial nº 2470, artigo 1290 da freguesia de Massarelos do Porto, e está inscrita na 2ª. Conservatória do Registo Predial do Porto, 5ª. Secção sob o nº 17393 a folhas 16 do livro G-16

2 - Localização

A propriedade situa-se na Rua do Gólgota nº 215 - Via Panorâmica, no Porto, e tem as seguintes confrontações:

.../2

U.PORTO

NORTE - Rua de Entrecampos

SUL - Quinta de Baixo

NASCENTE - Rua do Gólgota

POENTE - Quinta da Esperança

3 - Descrição

A propriedade é constituída por:

3.1 - terreno ajardinado muito bem cuidado, com caminhos cimentados com bermas em lajedos de pedra, delimitado por muros em granito, e com uma fonte em pedra;

3.2 - construção ligeira de um só piso e uma pequena mansarda, que constituem os anexos para arrumos e apoio ao jardim;

3.3 - construção principal, constituida por uma moradia de 4 frentes, com 4 pisos compostos por:

R/c - com 1 sala de estar, grande hall de entrada, cozinha, 1 quarto de arrumos, 2 despensas e 1 sanitário;

1º andar - com 1 grande salão, 1 sala de estar, 1 sala de jantar, copa e sala de engomar;

2º andar - com 5 quartos, tendo o principal uma sala anexa, e com 2 quartos de banho;

Águas furtadas - com 6 divisões que constituem a zona de serviço e com 1 quarto de banho

.../3

U.PORTO arquivo central

3.4 - As comunicações verticais são realizadas através de 2 escadas (principal e de serviço), ligando a primeira apenas os três pisos principais.

4 - Características das construções

4.1 - Dependências anexas constituidas por construções ligeiras c/cobertura em telha, assente sobre estrutura de madeira, as paredes são em alvenaria areadas e pintadas, os pavimentos são em betonilha;

4.2 - A construção principal é constituida por paredes em alvenaria de pedra, rebocada e estucada, pavimentos em mármore decorativo no grande hall de entrada e quartos de banho e em soalho de madeira nas outras divisões, cobertura em telha assente sobre estrutura de madeira. Os tectos são estucados com orlas trabalhadas. Algumas paredes das salas estão forradas a madeira de óptima qualidade.

5 - Estado de conservação

Todos os acabamentos do edifício principal são de excelente qualidade em conformidade com as características da própria construção, o que aliado à manutenção que tem sido objecto de cuidado constante do actual inquilino, faz com que o imóvel se apresente em perfeito estado de conservação, apto para ser utilizado imediatamente para quaisquer fins compatíveis.

Os jardins bem como a fonte e as estufas, encontram-se muito bem tratados, não necessitando de quaisquer remodelações ou obras de fundo.

.../4

po-519 : 0351

O abastecimento de água aos jardins e à fonte é feito por mina própria, existente no subsolo do terreno, funcionando em perfeitas condições.

6 - Áreas

6.1 - Terreno - 6.000 m^2

6.2 - Dependências anexas - 100 m^2

6.3 - Construção principal - R/C - 236 m^2
1º andar - 225 m^2
2º andar - 225 m^2
Águas furtadas - 150 m^2

U PORTO arquivo central

7 - Valores (em contos)

Esta empresa atribui os seguintes valores à propriedade em causa:

7.1 - Terreno:

6.348m^2 X 2c / m^2 = 12.696 c

Nota: a área sujeita a medição

7.2 - Construção anexa:

100m^2 X 7c / m^2 = 700 c

7.3 - Construção principal:

r/c + 1º andar + 2º andar = 686m^2

686m^2 X 50c/m^2 = 34.300 c

.../5

águas furtadas

150m² X 25c / m² = 3.750 c

7.4 - Jardins, fonte, estufas, caminhos. etc. 2.000 c

7.5 - TOTAL 53.446 c

(cinquenta e três milhões quatrocentos e quarenta e seis mil escudos)

NOTA: O prédio será entregue devoluto, ficando as negociações com o inquilino de conta desta empresa.

8 - Validade da proposta

Os valores indicados no parágrafo anterior são válidos por um período de 90 dias.

9 - Outros elementos

Juntamos para devida apreciação de V. Exa.:

- Planta de localização
- Planta de implantação
- Alçados, plantas, corte de construção principal.

Aguardando o parecer de V. Exa. sobre o atrás exposto, subscrevemo-nos

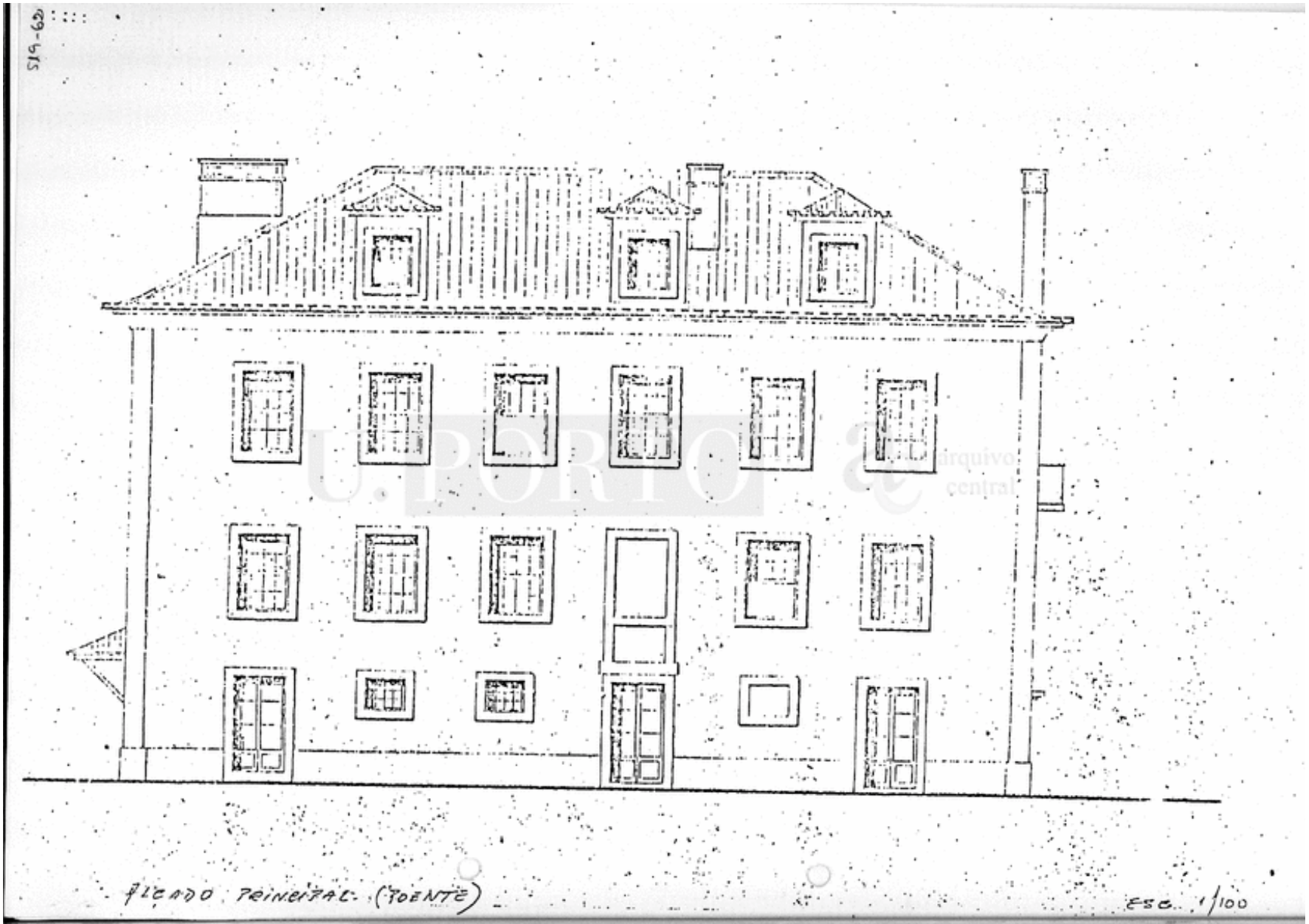
Atentamente

J. L. Costa Basto

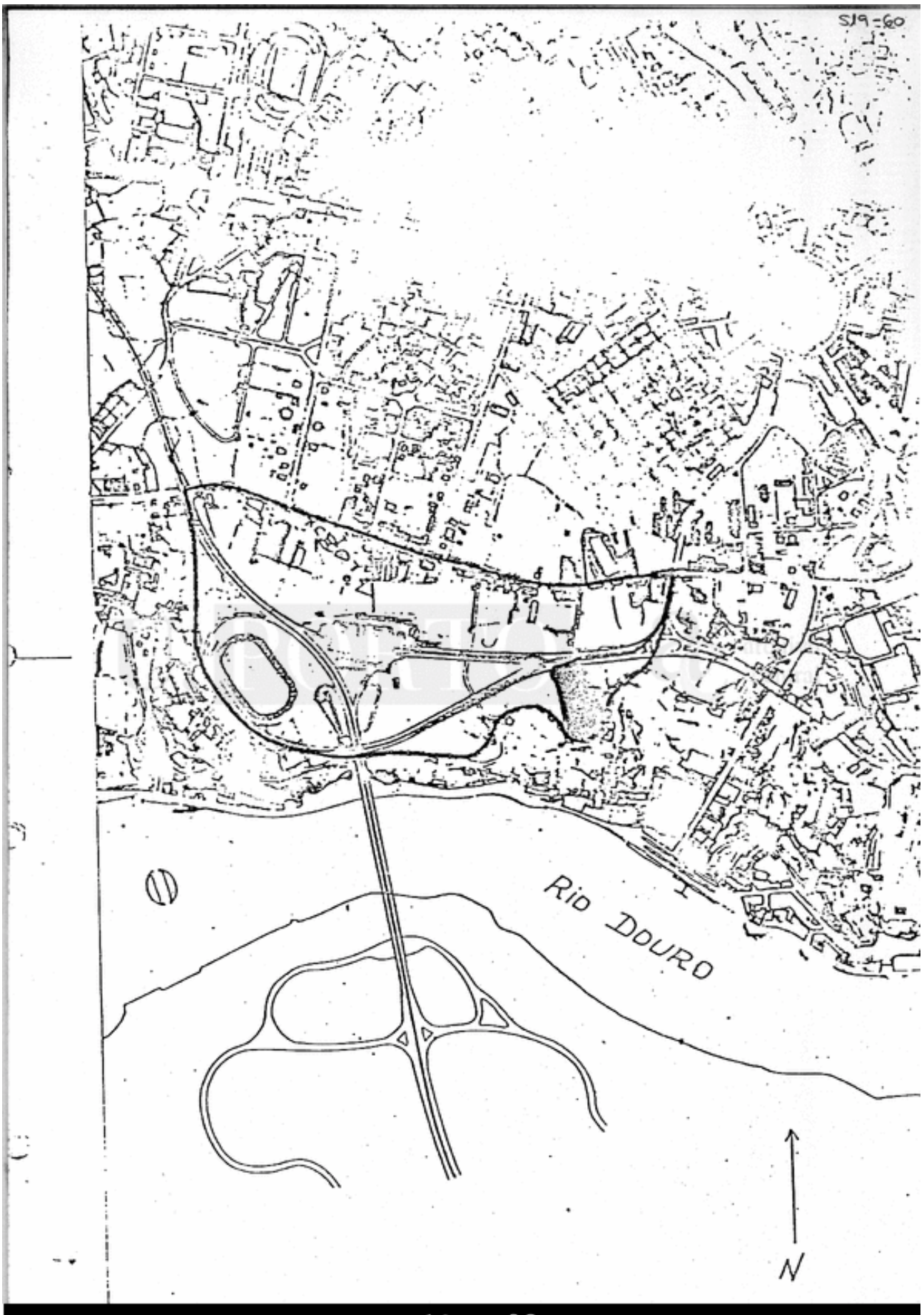
ANEXOS: mencionados

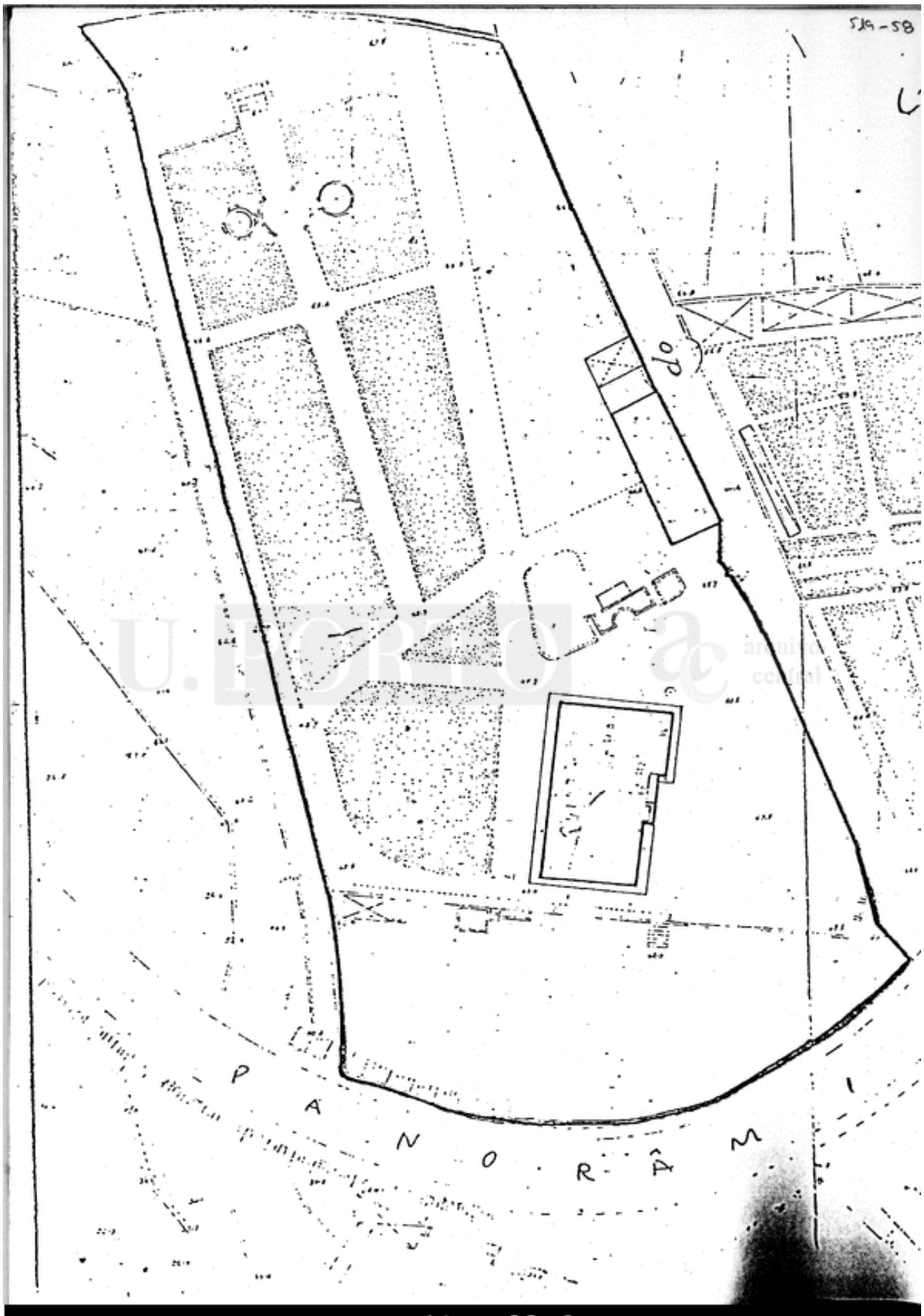
Assunto tratado: Porto - J.L.Costa Basto Telf. 27275
Lisboa - C.A.Correia Brás Telf. 367343

po-519 : 0353

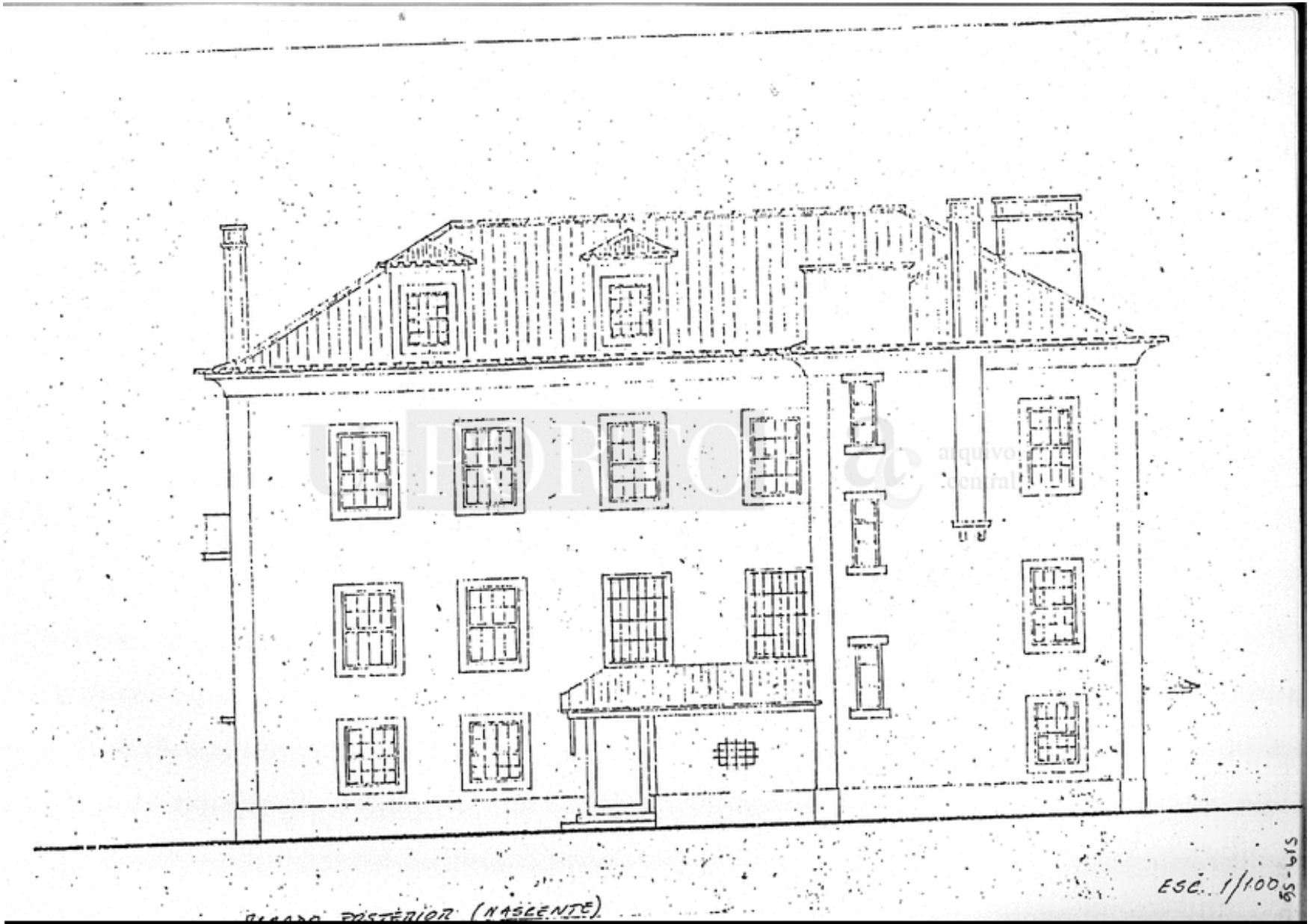


U.PORTO arquivo central


S/9-60
Rio Douro
N



po-519 : 0356


ALZADO POSTERIOR (NASCENTE)
ESC. 1/100
65-615

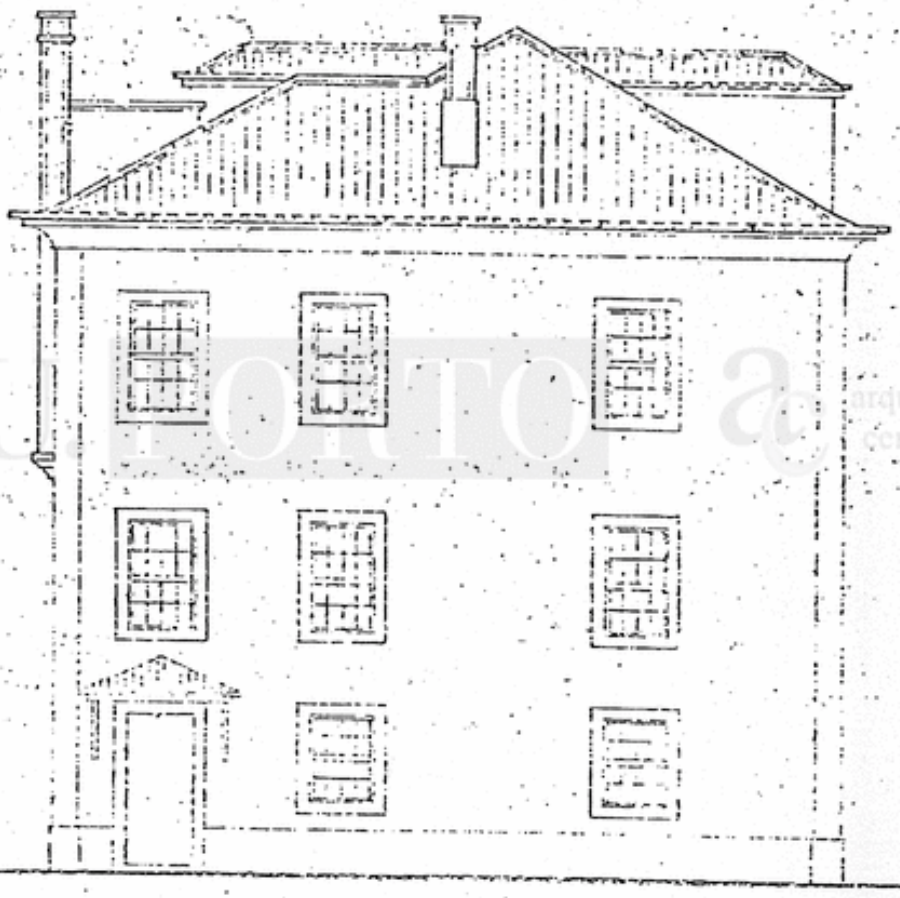
519-54



ALÇADO LATERAL DIREITO (SUL)

ESC. 1/100

519-52



ALÇADO LATERAL ESQUERDO (NORTE)

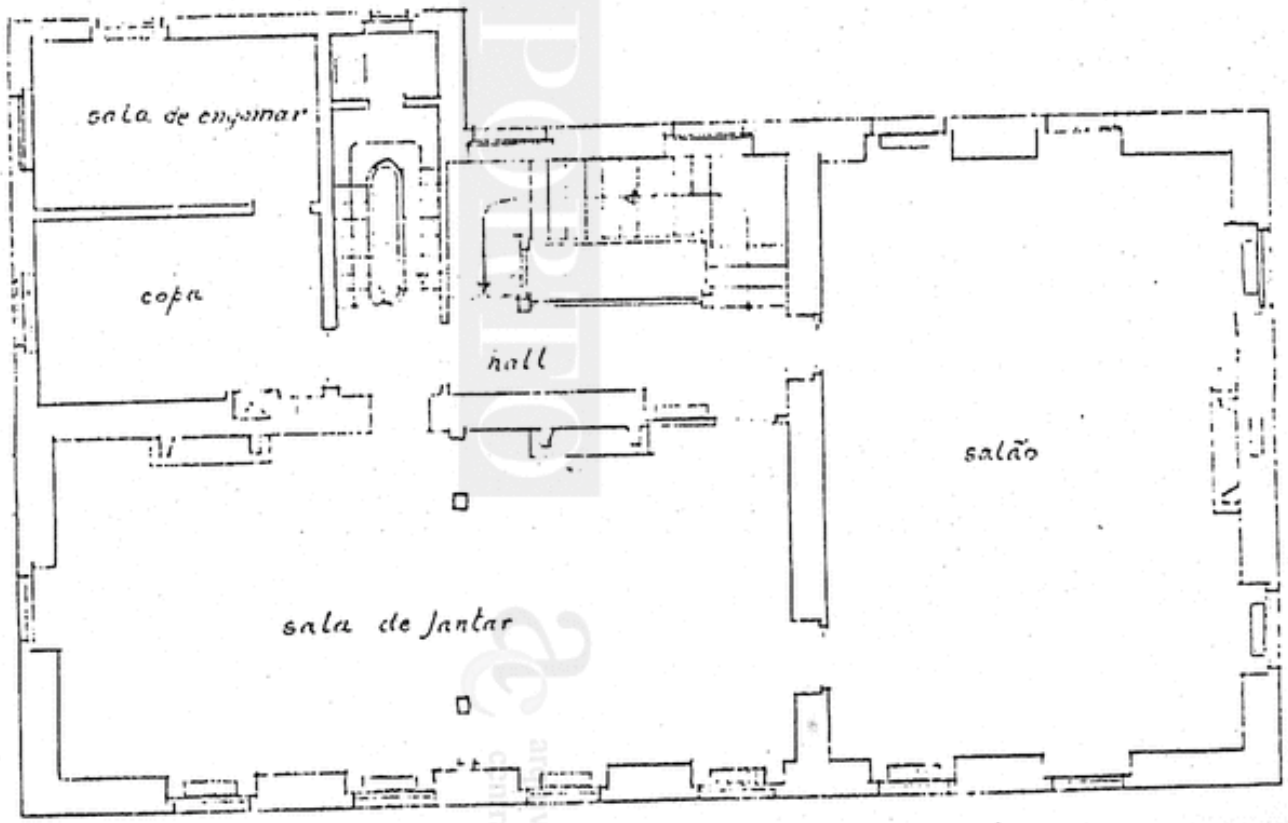
ESC. 1/100

po-519 : 0359

519-50

U.PORTO arquivo central

po-519 ·· 0361



Esc. 1/100

1º Andar

H= 3,00

519-48

519-c

esc. 1/100

2º Andar H= 320

U.PORTO arquivo central

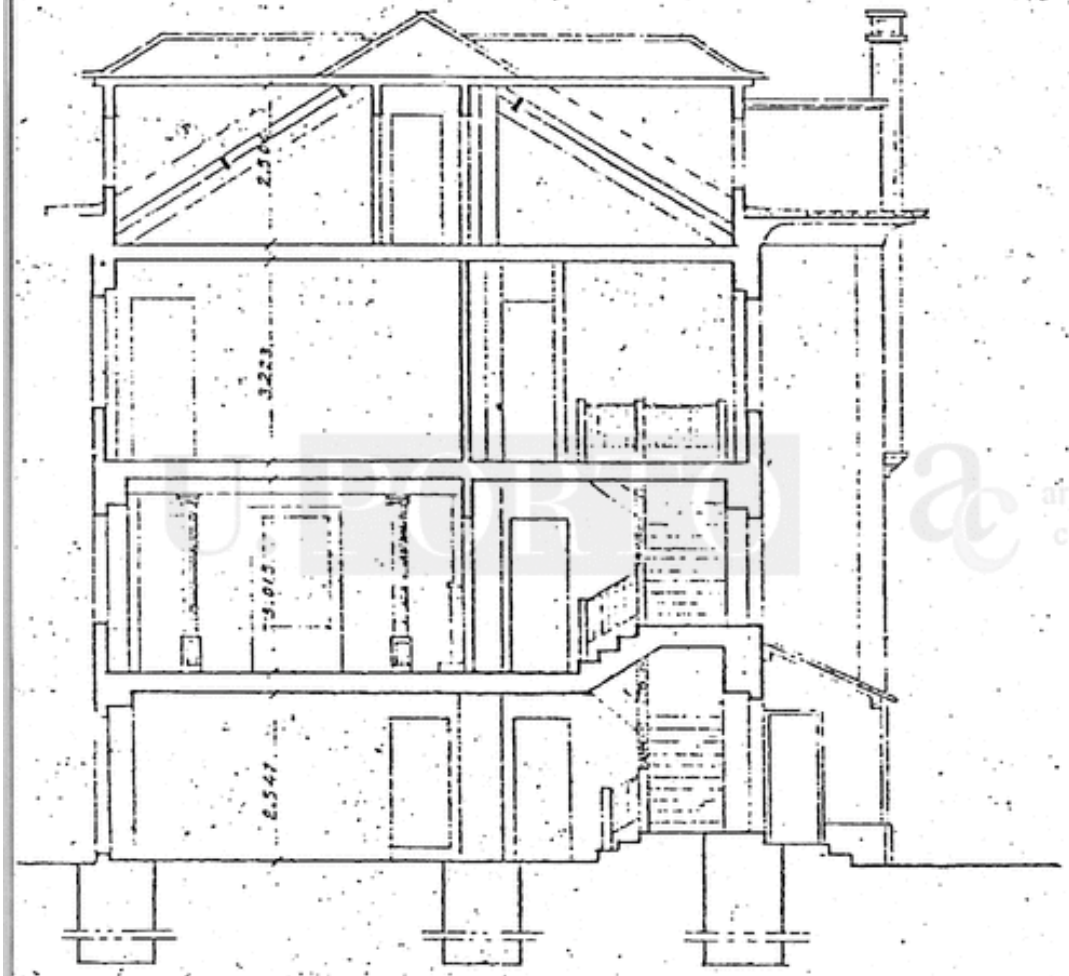
519-44

esc. 1/100

Águas Furtadas H=250

U.PORTO Arquivo Central

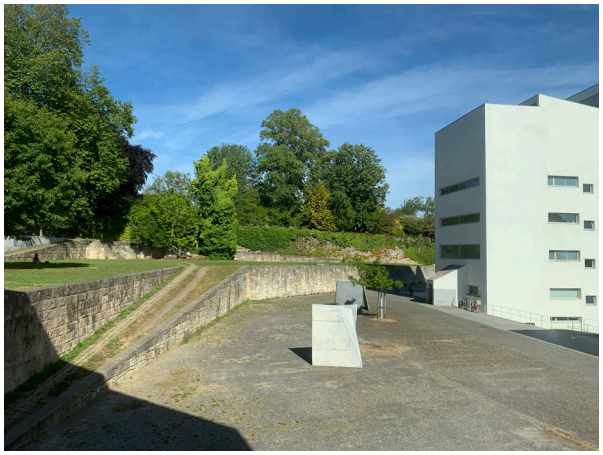
519-42



CORTE POR A/B ESC. 1/100

arquivo central

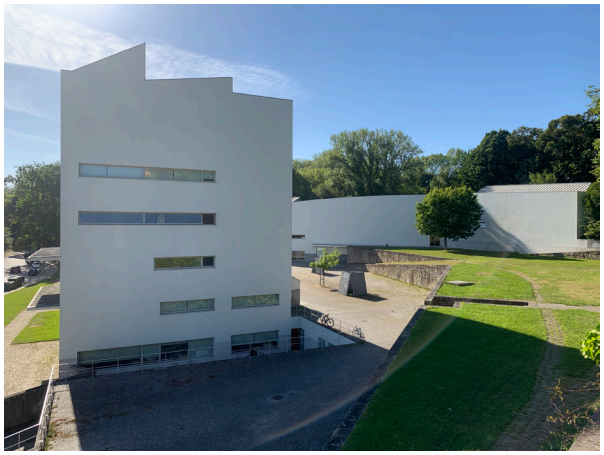
II. LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO





















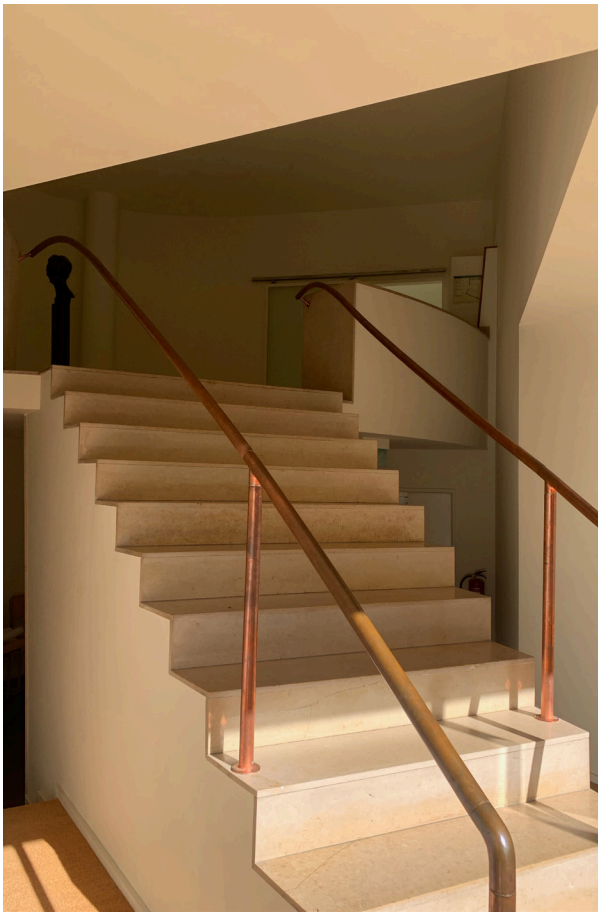




























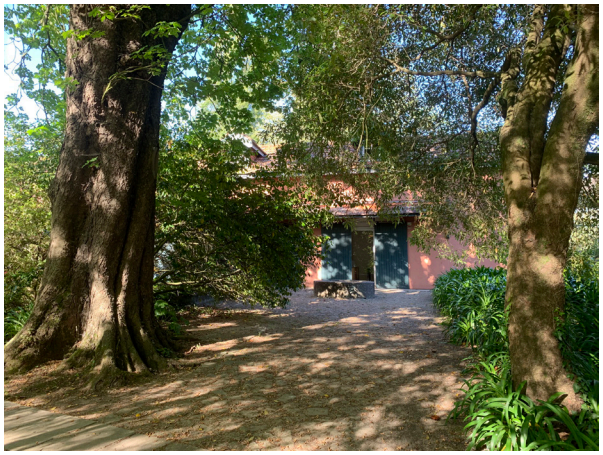
























































































III. DESENHOS DO PROJETO

PLANTA DE COBERTURA, ESCALA 1:200

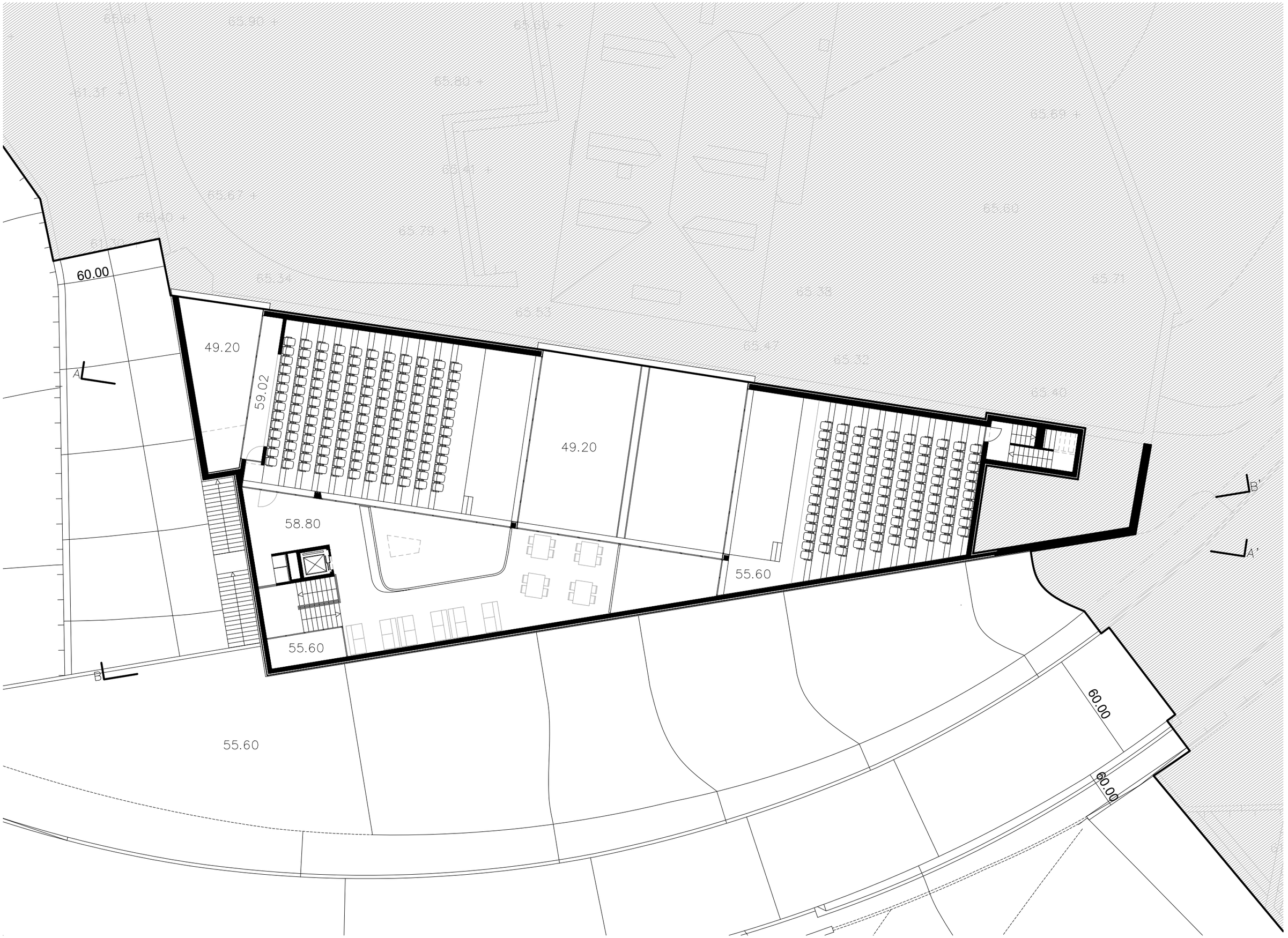
RELVADO

N

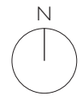
65.61 +
65.90 +
65.60 +
+
65.80 +
61.31 +
65.69 +
65.41 +
65.67 +
65.60
65.40 +
65.79 +
61.30 +
60.00
65.34 +
65.71 +
65.38
65.53 +
65.47 +
65.32 +
65.40 +
62.80 +
49.20
62.50 +
61.20 +
55.60 +
60.00
61

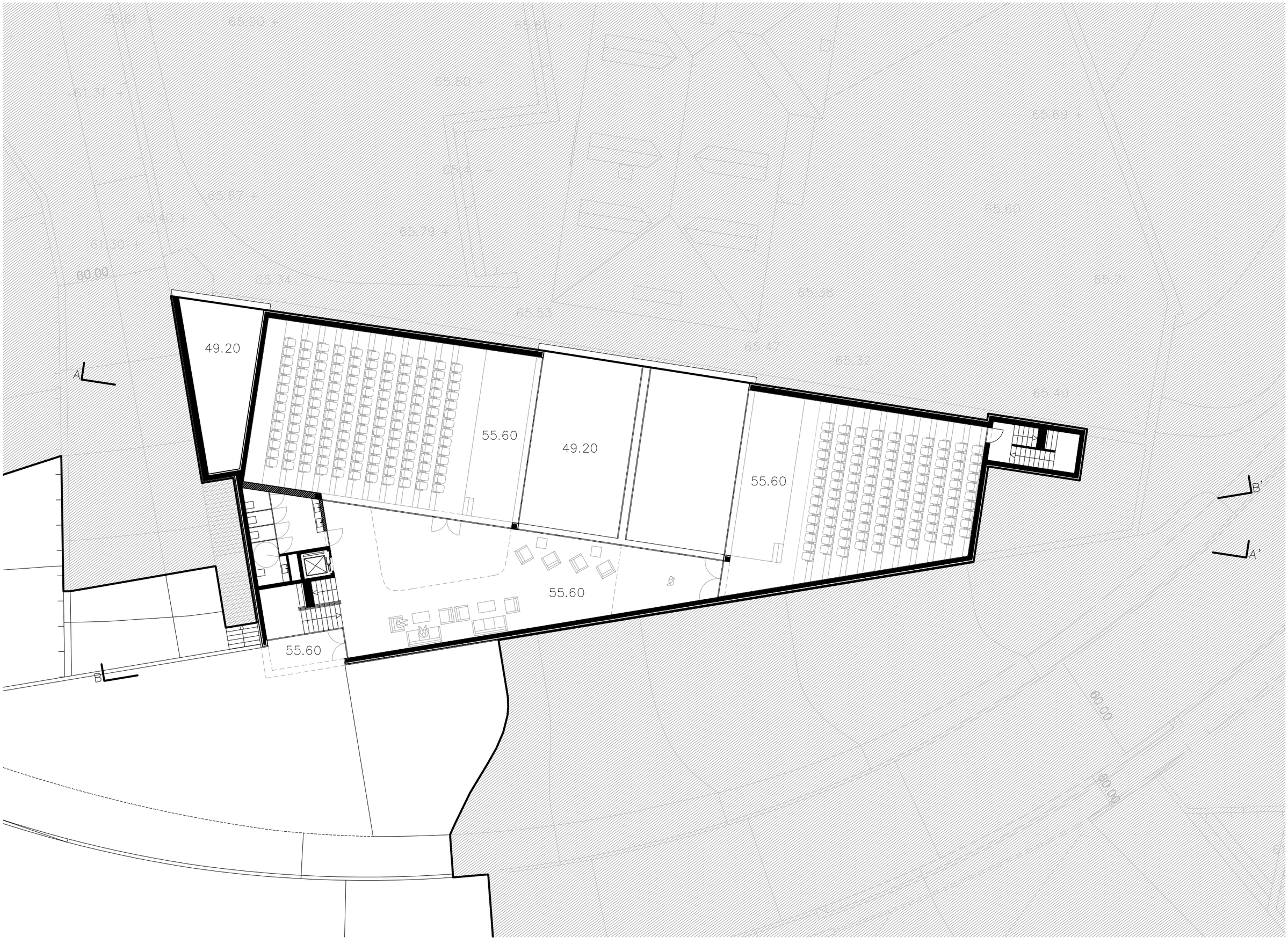
PLANTA DO PISO 1, ESCALA 1:200

N


60.00
49.20
59.02
58.80
49.20
55.60
55.60
55.60
60.00
60.00
A
A'
B
B'

PLANTA DO PISO 0, ESCALA 1:200



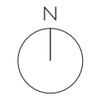

49.20
55.60
49.20
55.60
55.60
55.60
A
A'
B
B'
65.60
65.71
65.40
65.32
65.47
65.38
65.53
65.60
65.34
60.00
80.00
80.00

PLANTA DO PISO -1, ESCALA 1:200

N

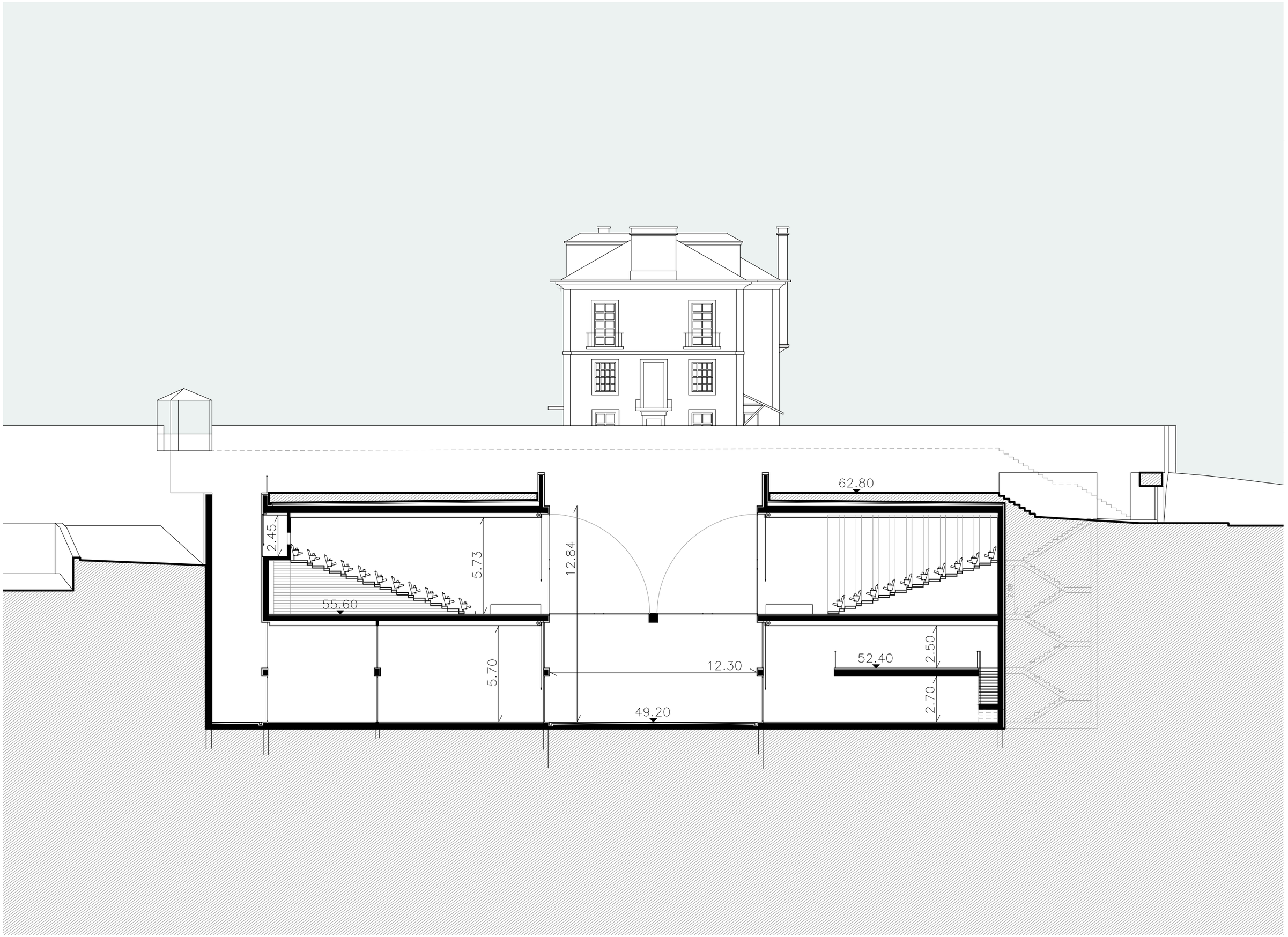

49.20
49.20
52.40
52.40
A
A'
B
B'
65.61
65.90
65.60
65.80
65.69
65.67
65.40
65.78
65.41
65.60
65.30
60.00
65.34
65.53
65.38
65.71
65.47
65.32
65.10
80.00
80.00

PLANTA DO PISO -2, ESCALA 1:200

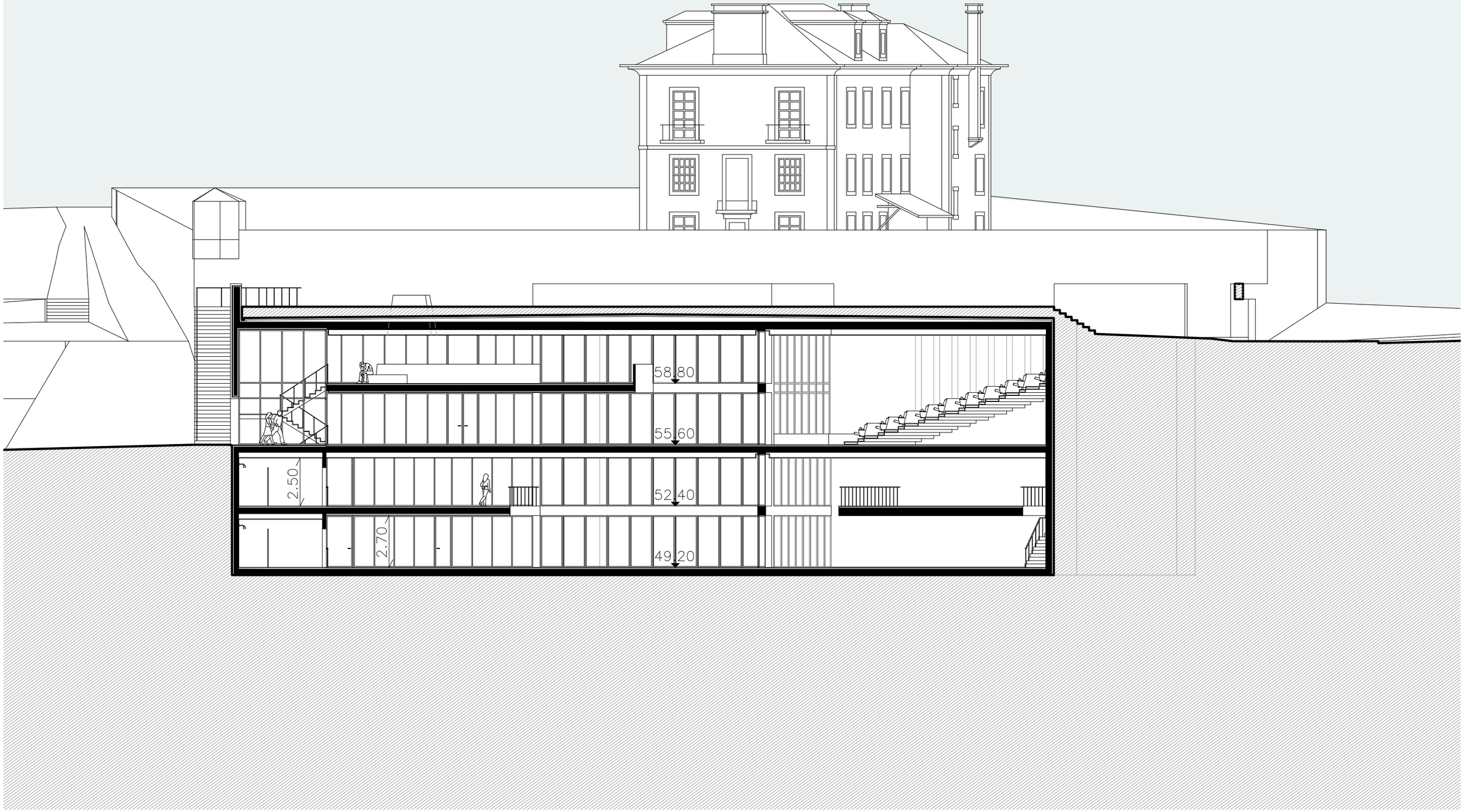



49.20
49.20
49.20
49.20
A
A'
B
B'
65.61
65.90
65.60
65.80
61.31
65.69
65.67
65.40
65.60
65.79
61.30
60.00
65.34
65.71
65.38
65.53
65.42
65.32
65.40
56.00

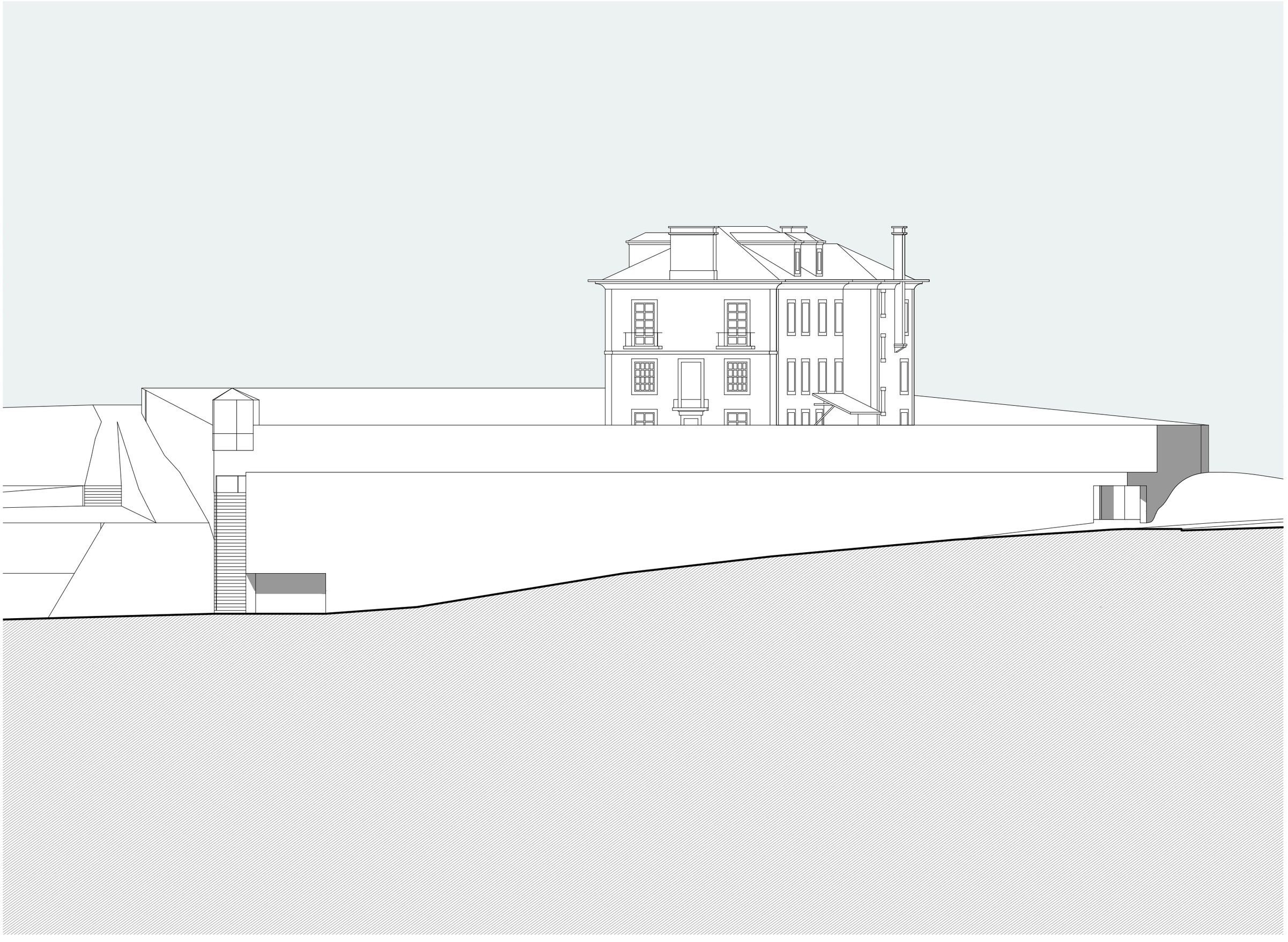
CORTE A A', ESCALA 1:200


62.80
2.45
5.73
12.84
55.60
5.70
12.30
52.40
2.50
2.70
49.20

CORTE B B', ESCALA 1:200


58.80
55.60
52.40
49.20
2.50
2.70

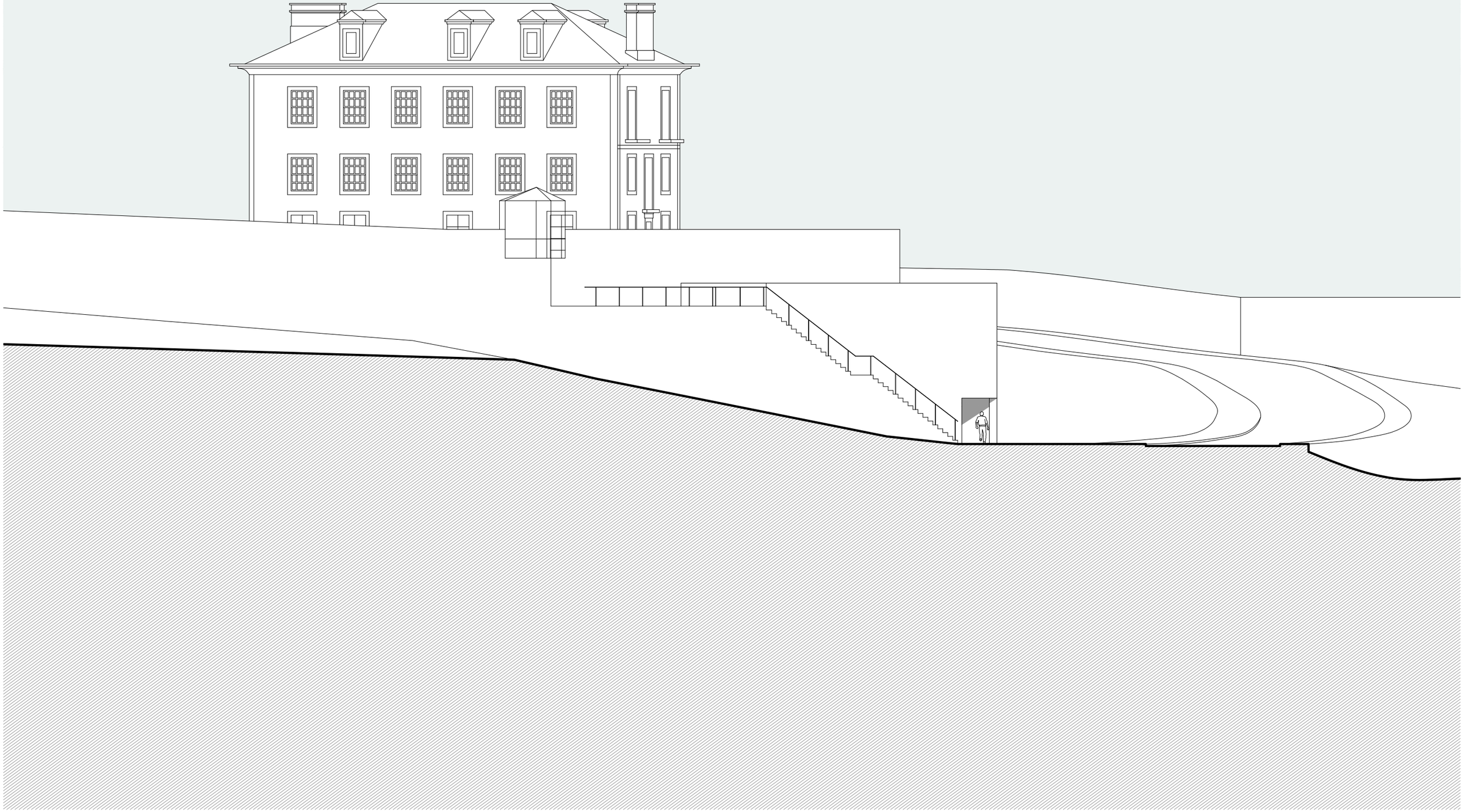
FACHADA SUDESTE, ESCALA 1:200



FACHADA SUDOESTE, ESCALA 1:200



FACHADA OESTE, ESCALA 1:200



CORTE A A' VISTA INVERSA , ESCALA 1:60

BETÃO ARMADO ESTRUTURAL

BETÃO LEVE

ISOLAMENTO TÉRMICO EM POLIETIRENO EXTRUDIDO TIPO WALLMATE

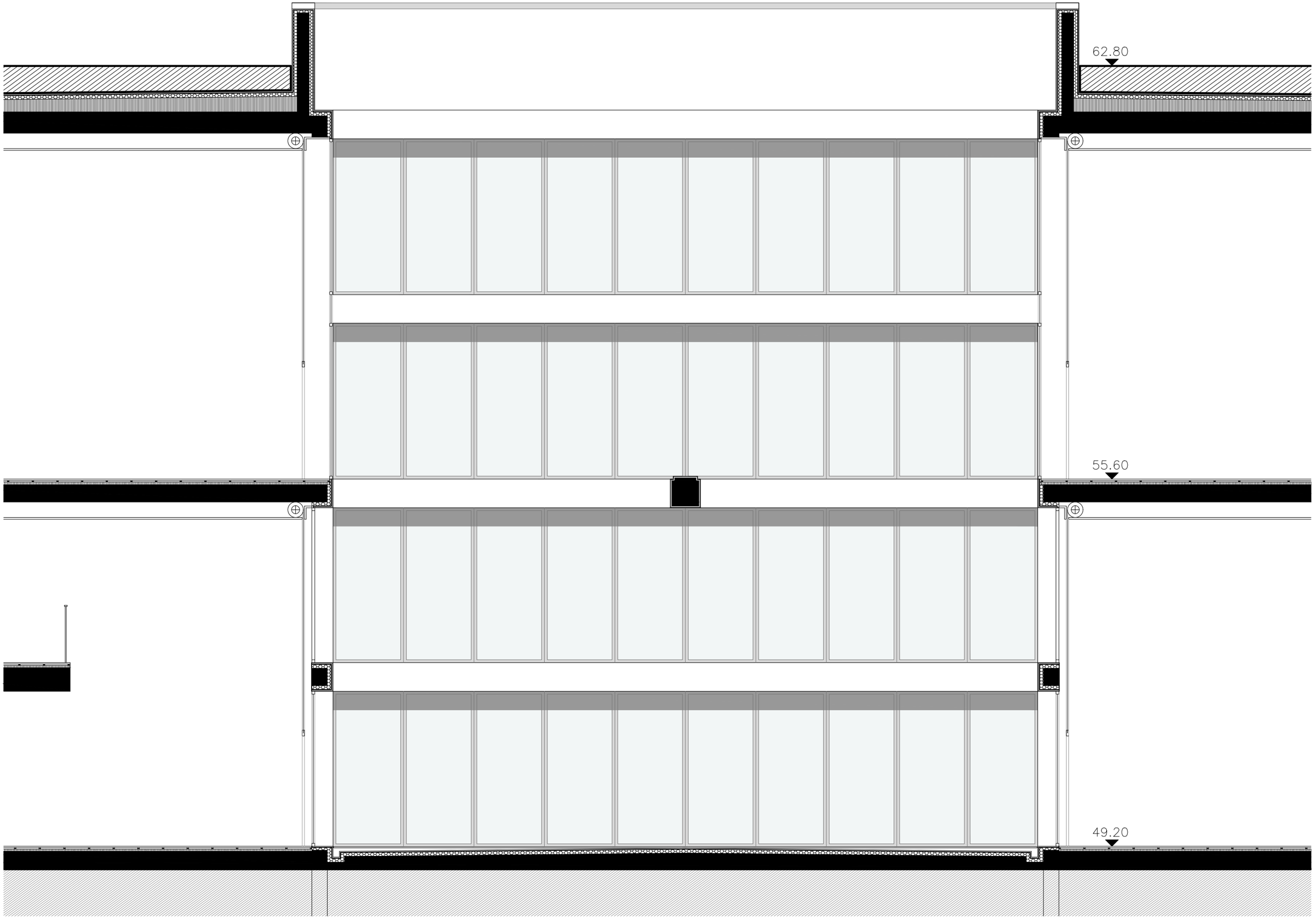
SISTEMA DE IMPERMEABILIZAÇÃO

SISTEMA DE REVESTIMENTO TIPO CAPOTO BRANCO

SARRAFOS DE MADEIRA IMUNIZADA CHUMBADOS EM MESTRAS DE ARGAMASSA DE CIMENTO E AREIA

SOALHO EM MADEIRA MACIÇA COM 20 MM DE ESPESSURA E ACABAMENTO ENVERNIZADO

SISTEMA DE COBERTURA AJARDINADA


62.80
55.60
49.20